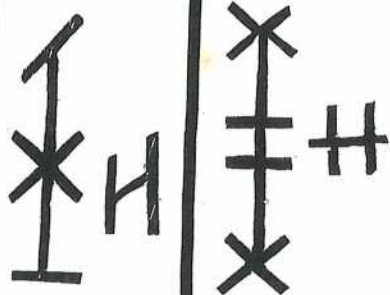
Ao Ex.mo Snr.
A. Santos Graça,
com muita admiração
oferece
Alberto V. Braga

De Guimarães: Tradições e Usanças Populares

Guimarães,
1933

Colecção Silva Vieira

De Guimarães:

TRADIÇÕES E USANÇAS POPULARES

(Da Terra, do Trabalho, da Mulher, do Amor, do Casamento, da Morte, do Céu, —Vária.)

I

Por ALBERTO V. BRAGA

ESPOZENDE
Livraria Espozendense
EDITORA

1924

A PUBLICAR

A seguir — *De Guimarães — Tradições e Usanças Populares*, II volume, de quadras, adivinhações e linguagem.

Em preparação — *De Guimarães — Tradições e Usanças Populares*, III volume, de contos, árte e industria.

Publicado

Provincianismos Minhotos — 1920 (esgotado).
Velhas Sentenças — 1922.

Esclarecendo

Procurei dar a êste meu trabalho a melhor orientação, e dispor a matéria dos vários capítulos o melhor possível, consoante as minhas fôrças e os meus vagares.

Tem deficiências, concordo.

E' que cedo me convenci de que estes trabalhos de

recolha, não formando uma tese nem abrangendo um estudo, como quer vão bem, porque sempre aproveitam cristãos e profanos: os estudiosos saberão procurar, e os curiosos, aqui e além, desde que topem ao acaso uma tradição do seu agrado, sentem necessàriamente o prazer que a rapaziada experimenta quando depois da vindima uns bagos pretos brilham ainda na corucha duma árvore em desejo e cubiça.

Tudo que vai é do povo; o seu coração o sente e a sua bôca o reza, pelos campos e casais dêste recanto de altar

da igreja do nosso Minho alegre e festeiro.

Vale só por isto e pelo esfôrço e canseira empregados, êste meu trabalho, no qual juntei a maior e mais conhecida soma de tradições e usanças, ficando tudo enfeixado em livro, para melhor consulta e maior utilidade.

Agora, outros que continuem.

O manancial é vasto e inesgotável.

Nos livros manuscritos de Martins Sarmento colhi alguns elementos inéditos, assim como recolhi, para fi-

car mais completo êste livro de folclore, todas as tradições referentes a Guimarães dispersas em alguns volumes da Revista de Guimarães.

Tambem juntei todas as tradições que vem como de *Guimarães*, *algumas poucas, nas* Tradições Populares de Portugal *do sr. Leite de Vasconcelos.*

O resto foi recolhido por mim e por alguns colaboradores amigos a quem patenteio os meus agradecimentos.

Algumas tradições e usanças, tanto são conheci-

das nesta região como em qualquer outra, o que não importa para o caso da sua integral publicação, porque só assim é que se podem deduzir e marcar as notas mais aferradas a determinado meio e de mais fundo e marcante regionalismo local.

Neste caso sou levado a crer que algumas delas foram já publicadas em livros e revistas, com modificações de paleio, mas, em essência as mesmas, por folcloristas distintos e apaixonados; mas, abstraindo tudo, a obrigação de quem recolhe, é recolher

o que em determinada terra é da sabedoria popular.

Ainda assim afianço que a mais graúda soma de superstições é completamente inédita, logo desconhecida.

Quando o que vai não valha, pelo menos—que diaŋho!—é curioso.

E depois o povo sempre diz coisas!...

Ao senhor José da Silva Vieira devo eu a penhorante gratidão de ter editado êste meu singelo e despretencioso trabalho, que sai à luz pelo amor que dedico a Guimarães e à gente humil-

de dos campos, com quem me ligo e entendo às mil maravilhas, e neste logar de abertura, é justo pois, que àquele senhor eu renda as homenagens da minha admiração.

ALBERTO V. BRAGA

Carvalhal,
Guimarães,
Junho de 1924.

Tradições e Usanças Populares de Guimarães

A minha mulher

Deolinda Lobato,

A quem mais devo em colaboração
e amizade.

A' memória de meu tio

Antonio José da Costa Braga

AMORES
CONVERSADOS—NOIVADOS
CASAMENTO

I

As tres vidas—As crianças com bonecas; a mocidade com namoros; a velhice com a igreja (pop.)

E' na gente do campo, lá onde só se vêem as terras a florir, os casais distantes a fumegar, o sol em liberdade espreguiçada e os pardais em desafios de noivado, que a canção do amor tem a pureza sentida do ideal de sonho e realização, e a familia é a significativa meada que prende à dobadoira da vida todos os preceitos de correcção e fidelidade, seguindo num dobar de trabalhos e viver, sempre na mesma linha de canseiras, de costumes e

habitos: o respeito na casa, o sentimento no coração, as almas unidas e os lábios pousados em prece e alegria nas bôcas tenras dos filhos.

Pelos cachorros das janelas velhas de postigo arrebitam em latas e vasos escavacados, a alfádega, os cravos e os amores, todos os cuidados tenros da graça da mulher que namora, e ao seu conversado quer dar, em dias de entrevista, a delicadeza duma flor singela, que traduz na sua humildade toda a frescura do amor que aos poucos se segreda, e de fugida, domingos e dias santos, nas rifas e romarias, nos adros e nos cruzeiros, nas esfolhadas e vindimas e quando Deus é servido e calha de se toparem frente a frente, em surprêsa, olhos a rir, o coração a pular de mêdo e as faces a corar numa lindeza de perdição para beijos de morrer.

Um espelho pequenino, das feiras, de fechar com tampa de figuras, e um lenço bordado a corações saindo em ponta da algibeira, são todo o capricho do arranjo e disfarce da mulher ervilheira e airosa dos nossos campos.

O peito sempre recamado de oiro e o coração cheio de amor, amor que faz bailar em danças de desafio e cantar pelo trabalho, em saudação bendita, á alegria que Deus lhe deu de ter neste mundo encontrado a fôrma do seu pé.

Dentes limpos a salva, cabelos lavados a tormentelo e lustrosos de banha ou óleo de amêndoa doce e as roupas cheirando ao fresco da alfazema e tomilho, são tão engalhosas e desenxovalhadas as moças, que elas não dirão que os homens sejam santos de pau carunchento, carne por fora e pau por dentro, porque afinal, sentir, é ali, no achêgo da conversa, onde dois corações de simplicidade se entendem pela rudeza franca do falar.

Tem pedra de encanto a mulher que sabe fascinar os homens, é dizer sabido.

E' que há olhos que tem feitiçaria, e são sempre os olhos, afinal, que fazem a escolha dos namorados, e então o derriço lá começa, parecendo o tempo sempre pouco para dizerem entre o sorrir da alma, à face de Deus que os ouve, em sal-

vação, o quanto lhes vai por dentro num ralar de peitos, em rebates de gostar e sentir, temer e recear.

Mês de Maio,
mês de má ventura,
mal amanhece
é logo noite escura.

Que pena! Os bons momentos vão-se depressa!

A mulher e a ovelha, querem-se com sol á cortelha. E o apartamento é fatal, indo no coração dos dois o batalhar supersticioso que provoca dúvidas e receíos, desgraças e mil enredos.

O coração do povo é todo feito, afinal, das lendas que o animam, das canções que o arrebatam, das superstições que o atemorizam e do amor que o perde.

Quem tem amores, não dorme.

E as preguntas vêm sempre, dirigidas entre a malícia e a curiosiodade.

—Quando te casas, ó cachopa?

—P'ra a semana dos nove dias; p'ra o S. João.

—Ou quando as galinhas tiverem dentes?

—Quando arranjar casão, que comer já tenho eu.

—Manda fazer um de barro, ao Rainha, na Cruz da Pedra.

—Cresce e aparece.

Mas, independentemente de todas as invejas, que as há fortes entre os conversados das aldeias, um dia, as sortes lançadas, os ajustes feitos e as prendas oferecidas, (a noiva, o vulgar è assim: dá ao noivo a camisa bordada para o casamento, e o noivo, um lenço rico, da cabeça) lá se vão uns noivos à igreja para se arreceberem.

Flores, sinarada, confeitos, jantar de tirar o bandulho de miserias e alegria em brincos de festa. Simplicidade e correnteza de processos. Não ha espalhafatos.

Afinal, *quem quis casar, sempre casou; se não foi com quem quis, foi com quem achou.* (1)

E a vida segue dentro do lar, trabalhosa canseirosa, mesmo porque antes de se receberem, as terras estavam amanhadas, para que o futuro dos filhos ficasse assegurado

em pão, abrigo e em educação de trabalho, as apeirias prontas para a luta e a casa com o recheio indispensavel, pobrinhamente posta, concorrendo para o ninho de amor, a noiva, com a roupa de cama e alguma limpeza, em bragal limpo e branco como toalhas finas de altar, e o noivo, com a mobília pouca que aos cantos se ajusta: uma cama, masseira, cadeiras, etc. e os atrafícios do trabalho.

O homem escolheu criatura capaz de o ajudar na vida, demais sabe ele que *mulher a quem lhe dói as unhas, é mulher de vícios*, da mandriice e da preguiça, nem *casou com a gata por causa da prata*, procurou exclusivamente mulher de trabalho, porque o serviço da casa, multiplo de canseiras e cirandado de ocupações, não vai ser, como nas casas dos fidalgos, feito por criadas nem entregue a dispenseiras graves.

Relativamente, a mulher do campo casa nova e envelhece cedo, tendo pouco cabimento aquele adágio que diz: *aos 30, vai ou fica; aos 40, vai ou arrebenta; aos 50, ainda o diabo tenta.*

Toda a mulher do campo que se casa, é velho dizer, mete-se em duas demandas: a demanda da porcaria (sujidade dos filhos, do viver, tornando-se logo desleixada, etc.) e a demanda da fome. (2)

Depois vêm os filhos, (*a mulher grávida aos 3 meses encobre, aos 4 quer e não pode.*) o fruto sagrado e morno do sangue, o cuidado das mães e o desvelo do amor, havendo em todas as casas a reserva cautelosa das galinhas de 2 anos, vinho de 2 anos e trigo de Ovelhinha (Padornelo) para o tempo de descanso da parturiente, que é, pelo dizer sabido, *15 dias na cama, 15 no lar, depois mulher vai trabalhar.*

Olha pelos filhos e trabalha sempre como uma moira, como uma negra.

E tem, na verdade, um certo encanto na graça de os entreter, tendo porém pouco cuidado e mimo em os criar, porque o tempo voa e não dá para tudo, e o serviço é mister fazer-se.

Nana, meu menino, nana,
Já se me acabou a gana.

E docemente arrolado no berço dos braços, a criança vai ficando na postura adormecida dos anjinhos que voam ao céu.

Nana, meu menino, já nanou,
E a gana já se me acabou.

A criança vai andando do colo para o chão e do chão para o peito até que o dizer se confirme:

Aos seis assenta,
aos sete adenta,
ao ano andante,
e aos dois falante.

E a graça é toda das mães. Cantam aos filhos num enternecimento que só elas sentem.

Bate palminhas,
que a mãe dá chuchinhas,
e o pai quando vier
dará sopinhas de mel.

Chi coração,
peitinho de rôla
sabe a leitão.

E as crianças amuam, fazem perrices, espolinham-se, e as mães assustam nas com o bicho, o sapo, o papão, etc.

Carneirinho amuou,
foi ao monte e não tornou.

Quantos engalhos para que os filhos riam sempre! As lágrimas são chupadas com beijos e o corpo é abraçado, tenro e frágil, quando doente, com a alma dobrada em carinhos e preces.

Assim se amassa,
assim se peneira,
assim se dá volta
ao pão da masseira.

E a criança vai ao ar numa alegria de festa ou anda em balanços de onda de regaço para regaço.

São toda uma sciência de amor e graça, caseira, íntima e do coração, os desvelos e rodeios que as mães procuram para criar e entreter os seus filhos, e muito longe iria eu, se a descrevê-la e anotála me metesse.

Vai crescendo a filharada, outra vai chegando, mesmo porque os filhos são como S. Bento, uns fora outros dentro, uns á porta outros no fôrno, constituindo para o lavrador em maior soma de filhos a maior riqueza em ajuda de trabalho.

Havendo-os, dispensam-se criados para guardar os bois, espantar a passarada dos renovos e amanhar os pensos.

Por isso mesmo é que são raros os lavradores que põem os seus filhos a saber ler.

E' o mêdo. E' que depois de eles saberem o *b a ba fugiu a burra*, não os subjugam á vontade, nem com facilidade eles se amarram à vida do campo; as aspirações vão a desejar uma posição mais elevada, no comércio, ou a partida para terras dos Brasis. Sabendo ler, é facto, os rapazes já se julgam doutores da mula ruça e não dobram a espinha com facilidade.

Se um ou outro lavrador mais remediado se resolve a pôr o filho a ler, então leva-o por diante e faz dele padre, mestre-escola, etc.

E' quási regra geral.

Mas para tirarem as correias das costas aos filhos, noutros tempos em que a figura se pagava, lá iam para fora da cortelha uns toiros ou para fora da arca um cordão de oiro.

Tudo fazem, para os livrar da tropa.

Hoje correm com chorudos presentes para casa dos bons e santos protectores e os mancebos livram-se, na mesma, das correias da militança.

E aqui está, em simplicidade e resumo, o viver feliz daquela gente humilde que tem *uma quinta todas as semanas* e moireja de sol a sol, o pensamento sempre no trabalho, o coração sempre em casa.

NOTAS

(1) Recebiam os abades (Gémeos) o dizimo, premissas, oblatas e braçagem, consistindo esta em 40 réis para os casados e 20 réis para os solteiros e que era paga só pelos que não pagavam dizimos. Recebiam 500 réis por cada um dos 3 ofícios que são obrigados a mandar celebrar as *cabeceiras* e 250 réis os meios cabeceiras; por cada baptisado e casamento 1 pão branco e 20 réis e pela proclamação dos banhos 1 galinha.

—*Livro 1, manuscrito do Abade de Tagilde.*

O pé de altar, em Tagilde, é formado pelos emolumentos, provenientes: baptizados uma galinha e 1 pão de trigo; casamentos, certidão de proclamas ou registo, uma galinha, etc.

—*Tagilde por Abade de Tagilde.*

E' curiosa esta nota que se lê no livro 1.º manuscrito do autor citado. Em 1733 o visitador capitulou que na igreja de Gondar as mulheres solteiras não ajoelhassem diante das casadas, para não ficarem proximas dos homens o que dava causa a desacatos.

(2) *Casada te veja eu*, constitue entre as mulheres do povo uma das grandes pragas que se podem rogar.

Há tambem as mais vulgares, que são: assim tu faças a figura que faz o fumo; assim corras o fado que corre o dinheiro, ou safada sejas como a sola, etc.

AMORES
CONVERSADOS—NOIVADOS
CASAMENTOS

1—E' velha a usança, embora caída pelo modernismo dos tempos que correm, em algumas freguesias desta região: os namorados não conversavam enquanto na igreja correm os pregões, juntando-se só na véspera de se receberem, para irem em comum na entrega do trigo pelos parentes e amigos mais chegados à afeição e à amizade dos dois.

Delicadezas que tombam e recordações que ficam.

2—E' bom os noivos, e para que se dêem bem, ir ouvir o 2.º pregão à igreja.

3—Na véspera de Ramos, em Vizela, os namorados costumam pôr, ou semente de couve, ou um pinheiro, (o que é mais vulgar), à porta das conversadas. Em algumas freguesias de Guimarães costumam pôr ramos de flores e coroas de ervas cheirosas. Alguns mandam ramos de violetas, correspondendo elas mandando amêndoas. Traduz uma graça de reconhecimento, uma oferta de amor.

4—Quando uns noivos saem de vez de casa da familia, é costume chorar—mesmo depois dum banquete. Familia e convidados têm de chorar.

5—Rapariga solteira que use aliança, custa-lhe muito a casar.

6—Os conversados que sonhem com o namôro não o devem participar reciprocamente, porque não casarão.

7—O primeiro casamento é Deus que o fáz; o segundo manda-o fazer; o terceiro não quer saber. E' o diabo que o faz.

8—Uma mulher que case duas vezes, no fim do mundo terá: à sua direita o 1.º marido; à esquerda o 2º. Se casou trez vezes o 3.º fica atrás.

9—Está no céu um queijo de oiro (ou um presunto, como dizem outros) que Deus oferecerá á primeira mulher que não se arrependeu um dia de ter casado.

Como até à data todas têm o seu quê de arrependimento, pelo que consta, o queijo ou presunto ainda figuram no céu.

10—Toda a mulher que se casa há-de tirar uma hora ao sono, um bocado á bôca e um pau ao lume. (Regra do trabalho e da poupança).

11—Se o vestido de qualquer noiva vier a ser tingido de preto, morrerá ela logo depois.

12—Quando se vê a saia branca por debaixo das saias de cima ou

dos saiotes, a qualquer mulher solteira, é porque ela está pedida em casamento.

13—Pelo estalido dos nós dos dedos se conhece dos amores da pessoa que os dá: quantos estalidos, quantos amores.

14—As raparigas novas costumam calcular pelo cantar do cuco o tempo que estarão solteiras.
E preguntam:

O' cuco da ribeira.
Quantos anos me dás de solteira?

Depois contam-se as *cucadas* do cuco.
As casadas e viúvas fazem a mesma operação, variando de pregunta:

O'cuco da tapada,
quantos anos me dás de casada?

15—Para se arranjar uma determinada pessoa para namôro, diz-se:

Com estes dous te vejo (olhos)
com estes cinco te arremato (dedos)
o coração te trinco
e o corpo te parto.

16—Quem tiver duas coroas na cabeça, casará duas vezes.

17—Quem não puder, por si, cortar ás unhas da mão direita, não casará enquanto o não fizer.

18—Quem gostar de rapar a panela das papas, terá chuva no casamento; serão felizes os que tiverem chuva no dia do casamento.

19—Para alguém saber se casará ou não com determinada pessoa, fazem-se dois flocos de linho muito fófos, representando cada floco o moço e a moça. Põem-se os flocos a par e pega-se-lhes o fogo ao mesmo tempo. Se os dois flocos a arder se levantam ao mesmo tempo, casamento certo; se um se desvia, não acompanhando o outro, a pessoa que êle representa não gosta da outra.

20—Quando se está embaraçado em qualquer resolução, se se casará ou não, por exemplo, e se quer uma inspiração divina, não há mais que meter uns poucos de papelinhos com *sim—não* dentro de uma saca, ou coisa que o valha, e pôr a saca aos pés dum crucifixo. Depois tira-se ao acaso um dos papelinhos, que ou responde *s m* ou *não*.

21—Em Prazins (Guimarães) hà um penedo dos casamentos. Quem quer saber se casará ou não, volta-lhe as costas, e atira-lhe com uma ou mais pedras; conforme a primeira, segunda, etc. acerta ou não acerta no penedo, assim a pessoa casa ou não casa nesse ano, no seguinte, daí a três etc.

E' um penedo de granito, sem sinal algum arqueológico, mas fica ao pé do Monte de S. Miguel, onde existem tradições de Mouros e vestígios de antiguidades. *(Tradições de P., de Leite de Vasconcelos)*.

MÃES E FILHAS
MULHERES E CRIANÇAS

1—Da cauda do gato fez Deus a mulher. *(Trad. de Portugal, de Leite de Vasconcelos)*.

2—Mulher que queira conceber, faz uma promessa a St.ª Marinha da Costa, de Guimarães.

3—Mulher grávida que deseje ter rapaz ou rapariga, apega-se com St.ª Margarida do Castelo, de Guimarães,

4—Na igreja de S. Miguel do Castelo, em Guimarães, há uma St.ª Margarida advogada dos partos.

A mulher que quer saber se terá filho ou filha, vai atirar *tres pedrinhas* a uma fresta que existe por cima da porta travessa do sul; se alguma das pèdrinhas entrar pela fresta, terá filho; se não, filha. (*Trad. de P., de L. de Vasconcelos*).

5—A Senhora da Guia (Guimarães) é a St.ª que auxilia a mulher na hora do parto, havendo até na sua capelinha uma cadeira de que as parturientes se servem e para o efeito mandam buscar.

6—Em Gondomar há uma lagoa ao nascente de Briteiros, margem esquerda do Ave; a mulher que anda no seu estado interessante, vai ter com o padre da freguesia para êste raspar um pedaço de pedra do Anção (que vem dum monte próximo onde houve uma capela a S. Simão); a mulher recolhe numa saquinha umas pitadas de pó, e trá-las ao seio para ter um parto feliz. A saca é de novo entregue a S. Simão.

(*Trad. de P., de Leite de Vasconcelos*).

7—As mulheres desta região, algumas e as que o podem fazer, vão ter os filhos ao canto das caixas ou ao lastro do forno.

A criatura que isto me conta, assevera que algumas vezes assim tem visto e a estes actos tem assistido.

Não é regra geral, todavia.

A explicação é esta: como as mulheres, na hora do parto, sentem mais dores nas cruzes, o lastro do forno, alto e de rebôrdo liso, forte e seguro de apoio, ou ainda a faixa das caixas grandes onde se guardam os cereais, são um encôsto para as cruzes das mulheres que talvez as facilite naquela hora difícil.

8—Quando uma mulher não tem filhos e os quer ter, pega na toalha que cobriu o pão na maceira, faz dela uma rodilha que põe em cima da cabeça e em seguida sopra numa almotolia onde haja azeite de 3 igrejas.

9—Diferente das muitas e variadas superstições que conheço, e que

são vulgares, para se conhecer se uma mulher grávida terá rapaz ou rapariga, ouvi esta que é conhecida em Guimarães:

Se a barriga da mulher cresce em bico, (empina, dizem assim) é rapariga; se crescer alargando as ancas, rapaz. Ou ainda:

Escreve-se numa porção de quadradinhos de papel—*rapaz, rapariga;* deitam-se dentro dum involucro qualquer e o marido tira um à sorte, e o que esse indicar assim sairá.

10—Conhece-se também se a mulher concebeu rapaz ou rapariga, pelos incomodos e enjôos.

Se a mulher anda quási sempre mal, aborrida, com impertinências, é rapaz; do contrário é rapariga. E' mesmo usual dizerem que os rapazes dão mais que ver a quem os traz no ventre. Ou ainda: Se à mulher grávida lhe vier pano à cara, terá rapariga; se aos peitos, rapaz.

11—A primeira água em que se lava o recém-nascido, e à qual se deve deitar um objecto doiro, deve ser lançada à rua, para

correr por ela abaixo; quanto mais depressa corre, melhor sinal (trata-se de uma criança do sexo masculino), porque a vida do homem é fora de casa, correndo o mundo; se a criança é do sexo feminino, a água deve ser despejada dentro de casa, mas não na retrete, senão será porca, porque a vida da mulher deve ser toda doméstica.

12—Quando pelo baptizado, se é rapariga, o samagaio a dar deve ser pequeno e parco, pois as raparigas querem-se escassas; se é rapáz, deve dar-se um samagaio grande, pois estes querem-se liberais e francos.

13—Toda a mulher que morrer do parto, irá para o céu, porque será protegida por Nossa Senhora.

14—A mulher grávida que urina muito, é porque a criança lhe pesa na barriga.

15—Não se devem meter sustos (nem devem assustar-se) às mulheres grávidas, porque podem perder.

16—A' mulher gràvida, desacordando, o filho dá-lhe saltos na barriga.

17—Uma mulher gràvida não pode servir de madrinha, porque lhe nascerão duas crianças; ou como querem outros, lhe morrerá a criança que vier a ter.

18—Quando as mulheres não tem as *dores tortas*, (dores que lhes vêm depois de terem as crianças) vêm a sofrê-las as crianças durante os primeiros tempos. Há quem lhes chame *dores retortas*.

19—As mulheres que depois do parto comam muito bacalhau assado, arranjam muito leite.

20—As mulheres grávidas que comam azeitonas ou outras quaisquer comidas agras, ocasionam fortes dores ás crianças.

20—Se as mulheres grávidas comerem muitas laranjas ou tangerinas, terão as crianças muito sujas e requerem por isso muito trabalho

para a sua limpeza.

21—As grávidas que comerem laranjas, cebola crua, sardinhas e mexilhões, têm as crianças remeladas.

22—Quando as mulheres andam grávidas, não o devem dizer, até devem mesmo negar, e isto para que as crianças saiam bonitas.
Tendo de o dizer, chamem-lhe então boneco.
O meu boneco; *é um boneco*, etc.

23—Ao tirar as secundinas à mulher parida, deve esta dizer 3 vezes:

Valei-me, Santa Margarida,
que nem estou prenha nem parida.

24—A mulher que lhe custe conceber e se revê na possivel felicidade de ter um filho, para se dedicar ao sacerdócio da santa missão de mãe, tem certa devoção pelos ares fortes e lavados do mar, que são por vezes o milagre dos seus votos de prece.
E o que é certo, quantas mulheres desta região abalam nessa espe-

rança até á Póvoa do Mar! A's vezes o milagre casualmente opera-se, e de aí esta crença arraigada.

25 Mulher grávida que ande com rosa que tenha botões, ao peito, terá 2 crianças.

26—Mulher que emagreça durante o periodo da gravidez, terá criança gorda; a que engorde, terá criança magra.

27 -As crianças, antes que andem, não se lhes deve dár gemas de ovos, porque não sairão côradas.

28—A primeira roupa que a mulher vestir depois do parto, deve ser defumada com loureiro verde e grãos de trigo, e isto para evitar as dadas, assim como é bom pôr em cima dos peitos as calças do homem.

29—Quando uma mulher menstruada se senta em em cima da fornada, o pão sai depois com fios, especie de bolor.

30—Mulher menstruada que passe por cima de qualquer obra de costureira, é obra engalinhada.

31—As mulheres quando andam menstruadas, não podem beber água, porque lhes faz inchar a barriga.

32—Mulher menstruada que ajoelhe em sepultura, terá certa a icterícia.

33—Quando uma mulher anda assistida e uma pinta de sangue caia na igreja, essa mulher disso se tem de confessar, para que depois o padre benza a igreja ou diga umas rezas (neste ponto não sei ao certo).

34—Quando as mulheres andam assistidas, não podem ver defuntos em exposição, porque podem ficar com a côr dêles ou pode o fluxo menstrual parar rapidamente.

35—O olhar duma menstruada estraga cozinhados que levem leite e não deixa levedar o pão, etc.

36—Se cair uma pinta de vinho no sangue do parto, endoudece a parturiente.

37—Não se deve dar de comer nozes a uma criança antes de ela poder dizer *nós*. Ficaria muda.

Assim como não é bom deixar uma criança beijar um espelho antes de falar, porque nunca mais chega a falar.

38—Se qualquer pessoa amamenta uma criança, não deve deixar que os sobejos da sua comida sejam deitados a qualquer animal que também amamente filhos, porque lhe rouba o leite.

Assim também os ossos de qualquer comida que a pessoa que amamenta esbichou, só podem ser deitados aos animais depois de borrifados com àgua.

39—Se antes de um ano se corta o cabelo a uma criança e algum aparo dêle lhe cai na bôca, transforma-se numa bicha que a pode matar.

40—Morre cedo a mulher que levar para casa do marido a roca com que fiava na sua. Ou não se dará bem com o marido.

Mulher que se casa
e leva roca e fuso,
nunca dele fará uso.

41—Uma mulher que tem leite de mais, pode conseguir que ele lhe desapareça com a seguinte receita.

Espreme os peitos sobre o lume, deixando cair nêle algumas gotas de leite. Mas o leite seca-se de todo.

Para conseguir porém que êle reapareça, tem outro remédio não menos fácil: é fazer com que algumas gotas de leite duma cadela lhe caiam sobre as costas.

Também para que o leite seque à mulher quando a criança lhe morre, deita algum do seu leite no pè duma figueira, ou lava os peitos com uma infusão de hera. Também faz secar o leite o queimar um cano de figueira.

42—Criança que urine no lume, terá dor de pedra; as crianças uri-

nam mais por tempo de chuva.

44—As roupas das crianças que mamam, não devem ser torcidas, nem devem, depois de lavadas, estender-se na erva verde, assim como não devem brunir-se. E' que acarreta, nos primeiros casos, males ás crianças, e no ultimo ocasiona-lhes muitas dores e faz-lhes ter bichôco.

45—Não é bom cortar as unhas às crianças com tesoura, porque se lhes tira o crescimento.

Devem cortar-se com os dentes. Não é bom mesmo os adultos cortá-las depois de comer, sendo o melhor dia de as cortar o sábado.

E' que o sábado é mesmo considerado o dia de limpeza. Os homens fazem a barba e as mulheres em casa lavam os pés, pelo menos.

44—Quando uma criança anda ougada, faz-se um bôlo grande que se lhe dá com sardinhas, atrás da porta, obrigando-a a comer até ela não querer mais, dando o sobejante a um cão para que êste coma tudo o que ficou.

Para o mêdo, é comer uma crista de galo atrás da porta. Conhece-se a criança ougada pelo cabelo estacado. Depois de o cão comer os sobejos, ficará êle ougado, com os pelos estacados. A criança nascerá com a boca aberta, se a mãe desejar alguma coisa e não a chegue a obter; sairá ougada.

45—Para que uma criança seja esperta, há-de meter-se dentro da *adêlha* de um moinho (a caixa de madeira onde se deita o grão) tirando-lhe o *chamadouro* (a precha de madeira que o girar da mó tem sempre em movimento e cantarola roufenha e regula a queda do mesmo grão). Esta condição é indispensável; conservando o *chamadouro*, parece que o efeito seria o contrário.

Outra condição é que a operação seja feita quando a criança estiver em ano pernão.

Em par, não. Ainda hoje é crença geral entre nós.

46—Para que uma criança venha a têr boa voz, deve-se passar pelo bico de um galo a embida res-

pectiva.

47— Se a madrinha no baptismo não disser o credo todo, a criança corre fado.

48—Morrerá afogada a criança a quem se dèr de mamar logo depois do baptizado e antes de chegar a casa.

49—A mulher ou rapariga que esbichar o *travadoiro*, (osso por onde se dependura o porco, depois do morto) custa-lhe muito a ter os filhos, e ainda outros querem acreditar, dentro da meada temente da superstição, é claro, que nunca os virá a ter, porque ficam travadas com osso igual ao do porco, e para os poderem ter, preciso é que um médico o serre para os filhos saírem. Provoca a esterilidade, dizem outros.

O que é verdade, e posso afiançar, é que nenhuma mulher ou rapariga do campo o esbicha, sendo irresistívelmente condenado.

Do porco, quem comer o focinho, é velho e sabido, ou parte muita loiça, ou faz muita asneira,

Não sei, mas já tem *assucedido*...

50—Quando uma criança vomita o leite, (não o conserva) é bom que a madrinha lhe dê alguma coisa que ela traga sobre si, de dia e de noite. Pode sêr uma saia, etc; mas o mais vulgar é uma fita que se ata no pulso esquerdo da criança. O mais corrente, todavia, é trazerem uma figa, ou um corno de vaca-loira.

51 - Se as crianças dentro do ventre tiverem cabelo na cabeça, (e é mesmo freqüente algumas nascerem com cabelo) ocasionam forte corteira (azia) às mães, enquanto andarem na barriga. Se falarem, saem adivinhas ou vedoras, (S. João falou na barriga da mãe, é crença sabida) e se rabiarem muito, serão afoutas.

52—As mães que gostarem muito dos filhos enquanto os trazem no ventre, sairão muito gordos.

53—A gota apanha-a aquela pessoa que passar por debaixo da mesa,

estando ela posta, assim como também a apanham aquelas crianças a quem as mães derem de mamar estando à missa e no momento de erguer a Deus, e ainda aquelas crianças que estando a mamar, as mães bebam vinho nessa ocasião, ou pondo-as em cima duma mesa que tenha toalha

54—Quem embirrar muito de ter filhos (canalha, como o povo diz), mais tera, que é assim um castigo de Deus.

Daí o povo dizer em prova: *Filhos, nem desejá-los nem aborrecê-los.*

55—As mulheres da nossa região não deixam crescer o cabelo ás raparigas enquanto elas não souberem cozer uma fornada de pão e fazer uma barrela.

Chega até a sêr cortado o cabelo das raparigas, enquanto pequenas, e pelas mães, colocando na cabeça das moças, como vulgarmente o fazem aos rapazes, uma malga grande e aparando o cabelo ao redor do bôjo da tigela.

Freqüente e ainda em uso.

56—Contra as dadas é bom as mães porem por baixo do travesseiro das crianças meadas de linho, que depois levam em oferta a St.ª Marta, se o terrível mal das dadas não lhes chegar a empecer. Há mulheres que põem também as calças do homem atravessadas à cinta, quando estão deitadas. por via do mesmo mal.

56—Não se deve embalar o berço do lado da cabeceira, porque faz as crianças vesgas.

Varia esta superstição de algumas que tenho lido.

57—O berço do primeiro filho deve ser dado e não comprado, porque do contrário saïrá ladrão, Ou ainda:

Quando uma mulher está para ter um filho, se se fizer o berço em que êle há-de ser deitado antes de êle vir à luz, é morte certa para o recém-nascido.

58—A criança que vai ser bap-

tizada não deve entrar na igreja pela porta travessa.

E' mau, sem se saber ao certo porque.

59—Dando-se água do cu lavado a beber às crianças, livra-as, do mau olhado.

60—Mãe sem leite, ou que não queira amamentar, sinal é de que não será amiga dos filhos.

61—Para uma criança dormir bem, a mãe há-de ir buscar um cântaro de água à fonte fazendo rodilha de uma branqueta do pequeno, ou passar a branqueta pela asa dum cântaro.

62—As crianças que nascerem com alguns dentes, saïrão finas.

63—Mulher catada, (e muito penteada, parece) por duas pessoas, a primeira vez que parir, parirá dois gêmeos.

64—Mulher que não tenha leite e o queira conseguir, obtém-no da

seguinte maneira:

Basta dar um bocado de pão a um animal que o tenha e tirar-lhe da bôca metade e comê-lo. Quási sempre se opera esta superstição com uma vaca.

65—Quando se lavam os recém-nascidos a primeira vez, faz-se-lhes uma cruz com a mesma água e diz-se:

Auguinhas a lavar,
o Senhor a abençoar;
auguinhas a correr
e o menino a crescer.

E' bom deitar na água objectos de aço. Contra as bruxas.

66—A criança ficará a urinar na cama tantos anos quantos pingos de água do baptismo caírem no chão.

67—Ninguém deve chamar às crianças pequenas, *macaco*, *macacos*, porque não crescem.

68—As crianças que saírem ver-

melhas, ao nascer, serão depois brancas, e as que saírem brancas, serão morenas.

69—As crianças principiando a coçar muito o nariz, é sinal de que estão com sôno.

70—As mulheres não podem pisar uvas, porque não ferve o vinho.

71—Quando um homem põe o seu chapéu na cabeça de qualquer mulher e êle tenha uma amiga grávida, a essa mulher a quem pôs o chapéu vem-lhe panò à cara.

72—Leite entornado, sinal de que não tarda a haver em casa nascimento de alguma criança.

73—Uma criança nunca deve ser aparada, ao nascer, numa camisa de homem, nem num saco, porque nunca será farta.

74—Se uma criança ouga, pode talhar-se o ouguiço do seguinte modo: Pede-se um bocado de fermento a sete pessoas e com estes bocados

faz-se um pão que a criança ougada há-de comer dentro de uma rasa. Dão-se depois os sobejos a um cão preto, que há-de entrar por uma porta e sair por outra e ao qual se grita 3 vezes:

Chó, cão raivoso,
inda este enguiço
te faça tinhoso!

75—Os primeiros caldos para as parturientes é bom serem de galinha preta, que é mais forte e alimenta mais, e depois devem ser de franga, porque não sendo tão fortes não fazem calores na barriga nem deixam vir aos peitos muita abundância de leite.

76—Quando ao lavar os panos dos recém-nascidos a sùjidade se agarra muito a estes, é sinal de que virão a ser poupados.

77—E' bom as crianças chorarem na igreja, pela ocasião do baptizado, pois não chorando, morrerão cêdo.

78—Os pais não devem ouvir as

palavras do baptismo dos filhos.

E' bom ter uma lamparina ou vela acesa, de noite, no quarto onde dormir o recém-nascido e até ser baptizado, e isto para que as bruxas não venham chupar-lhe o sangue.

80—E' bom deitar água nas secundinas, e enterrá-las bem fundas, e assim para que o leite não seque à parturiente, caso qualquer bicho dê com elas.

81—Outra variante a juntar à sciência supersticiosa que indica se a grávida terá rapaz ou rapariga: Se fôr rapaz, bole aos 3 meses, se rapariga, aos 5.

82—O primeiro banho que a parturiente tomar, deve ser em água fervida, e juntar-lhe açúcar mascavado.

—83—Caindo sangue do parto nos olhos dos recém-nascidos, cega-os.

Todas as madrinhas, nas aldeias, levam para o baptizado uma toalha de linho para o padre se limpar, constituindo ~~um~~ uso arraigado o embrulharem as crianças, depois do baptismo, nessa toalha, ao chegarem a casa, sendo bom conservá-la no corpo das crianças pelo menos 24 horas. (*)

LENDAS CURIOSAS

—*Aquela servia para rainha!* Diz-se da mulher que só dá rapazes à luz, e isto porque a lenda reza que os reis de antigas eras, quando as rainhas pariam raparigas, as trocavam ao nascer por rapazes, filhos de gente escrava, fazendo a troca em segrêdo e sem que as rainhas dessem conta.

—Havia um homem que quando lhe casava uma filha, vestia-se de vermelho, e quando era filho, vestia-se de dó. Preguntando-lhe alguem a razão de tal proceder, o homem explicou sinceramente.—E' que quando me casa uma filha, é letra que desconto, encontrou burro

que a mantenha; e quando me casa um filho, tenho pena, porque é burro que vai manter gente estranha.

As 4 castas de homens

Homens e hominhos, macacos e macaquinhos.

Esta quadra popular elucida:

Toda a mulher que se casa,
com homem que é pequeninho,
puxa-lhe pelas orelhas:
Salta p'ra aqui, macaquinho.

As 3 espécies

Varão, varela e varunca.

O varão, manda êle e ela (mulher, espôsa) não; o varela, tanto manda êle como ela; e o varunca, manda ela, e êle nunca.

DOS SINAIS NA MULHER

Deus que te marcou, é porque algum êrro te achou.

Mulher de sarda, é ladra; mulher de bigode, pode mais que o homem.

Sinal na cara,
mulher descarada.

Sinal no pescoço,
mulher de desgôsto.

Sical no peito,
mulher de respeito.

Sinal na perna,
mulher de taberna.

Sinal no braço,
mulher de desembaraço.

Sinal no c.
mulher de *térnu.*

NOTA

(*) Em Arosa — «Bênção das *puérperas*, no 1.º dia em que as mulheres paridas vêm à igreja, esperadas à porta da igreja com cruz, círios, párocos de sobrepelizes e estola e conduzidas à capela-mór, onde se procede à bênção, vindo vestidas com os fatos melhores e trazendo as crianças». Fóra de uso e costume.

(*Livro 2.º, manuscrito, de Abade de Tagilde.*)

CÉU, SOL, LUA, ESTRÊLAS TERRA—ÁGUA—LUME PLANTAS, FRUTOS—CEREAIS

II

A sciência astronómica do povo é reduzida e parca.

Sabe das horas pela marcha do sol e regula-se pelo *cariz* do tempo como por um repertório afamado. O *cris* murcha as plantas e cresta os renovos.

A lua tem uma influêucia preponderante em certos trabalhos de lavoura. E' sempre escolhida uma boa lua para o corte das árvores, matança dos porcos, diversas plantações, semeaduras, etc.

A lua é uma cara especial que o povo divisa; faz *botar* o vinho e até se diz de quem é *matias* que não tem as luas todas.

Dá uma nomenclatura muito do seu saber a certas estrêlas, como se verá adiante.

As nuvens e o vento regulam o tempo, assim como o cantar de certas aves, o berrar de certos animais e o piar de certa bicharada tem a mesma influência, mas esta é uma influência supersticiosa.

Os ditados e dizeres que se quadram a êste assunto irão em capítulo próprio, porque são muitos e não convém repetições, para poupar tempo e trabalho.

Do céu pouco sabe. Para lá irão as almas que morrerem na graça de Deus, e para essas bandas fica o inferno e o purgatório. E é já saber o bastante.

O que omitimos em meteorologia e cronologia populares, é o sabido de toda a gente e em toda a parte.

Não há que fiar em tempo que muda de noite e em mulher que seja d'oitre, é dizer sabido por estes lugares, assim como é corrente que as noites principiam a crescer desde que os castanheiros deitam as candeias.

Vermelho ao nascente, chuva de repente, ou *ruivos ao mar, velhas a assoalhar*; *ares brancos, chuva a cântaros*, etc, etc.

A terra tem as suas divisões e indica as suas marchas de trabalho.

Da terra vive e à terra se apega, o povo, com amor e com a devoção que lhe vem de ter ali nascido, desde pequeno gaiatando pelos campos, à subida aos ninhos e à colha das cerejas.

Depois o povo constitui família modesta, de poucos haveres em apeirias de trabalho, e por ali deita as raízes dos filhos nas terras do seu amanho, e por lá se queda até que a morte o venha buscar para o cemitério, fresco como um viveiro de rosas, da sua aldeia, levando-o tão pobre como nasceu e tão ignorado na vida do trabalho como no coval do descanso com cruz ao alto e chapa de registo.

E assim aqueles lavradores que não são ambiciosos e não vão co-

mo judeus errantes para terras de França ou dos Brasís, onde a árvore das patacas já secou, pelas aldeias deitam os rebentos da vida na terra, regando-os com suores, para que a terra sustente os rebentos do seu amor, que como a hera se enroscam no peito das suas mães e no frondoso tronco de uma geração que arroteia a terra com a cabeça a descoberto, que a cava com o peito inclinado e que a monda com os joelhos dobrados em postura de oração.

As mêdas de palha têm a corucha ou bispa da sua arte simples; as portas de casa uma cruz pintada, na ideia de espantar os males do porco-sujo; os fornos e as suas portas uma cruz saliente, para que o pão seja abençoado; no cimo dos telhados, perto das bombaças, a erva do raio ou a erva de Nossa Senhora lá figuram como previdente pára-raios, que desviam pela sua virtude as trovoadas; a ferradura é o símbolo da felicidade, presa a um canto da porta ou metida debaixo do forno, cama, etc; o alho porro e o sempre-verde, os amuletos con-

tra o mau-olhado e contra a inveja, colocados no cimo dos teares, num canto da cozinha, ou ainda em raminhos pequenos, o sempre-verde metido no seio das mulheres, nas algibeiras de folhos, nos jugos dos bois quando vão de caminhada e nos cestos de hortaliça e fruta quando vão para o mercado.

Beija a mão depois de se benzer: beija o pão quando lhe cai por terra; faz uma cruz na bôca quando a abre, sonolento; cospe três vezes fora quando vê um bicho morto; benze-se quando se espanta de admiração; descobre-se quando passa pelas portas das igrejas e pelos cruzeiros; diz orações quando passa pelos nichos das alminhas e saúda respeitosamente os caminhantes:

—Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

—Para sempre seja louvado.

Tem a sua orientação de serviço e os seus foros de regalia. Assim as partilhas de água começam no S. Pedro e acabam no dia da Sr.ª do Porto. O sacho até St.ª Ma-

rinha cheira a morrinha; até St.ª Martha cheira que mata; até S. Tiago cheira a diabo, ou ainda: em dia de S. Pedro fecha o rêgo de lavrar e abre o rêgo de regar; a mulher no campo (pelo sacho) pela St.ª Marinha parece uma galinha e peló S. Tiago parece um diabo.

E' previdente; amealha, deita para a arca e forma no escaninho da caixa o seu pé-de-meia, para certas necessidades da vida, evitando o pedicar às portas *para a perca dum boi que morreu*, para satisfazer promessas de missas, para ir até os banhos das Caldas, por mor dos encarangados ossos, ou para a ajuda de um entêrro.

Dantes assim acontecia, infelizmente, mesmo porque a legião dos lázaros mendicantes que às segundas-feiras batia em desgraça a cidade no seu lamuriar pedinchante, era formada na sua maior parte por velhos e arruïnados lavradores e por cabaniros.

Hoje não. Os lavradores são homens de cabedais e os cabaneiros homens remediados.

Quando a chuva e o témporal

ameaçam inverneira, sempre vão dizendo que na aldeia, por um tempo assim, é bom só para *comer em bôda e fazer em palheiro*.

Na quadra das colheitas é um regalo, um fartar de bandulho. Não ha pobreza nem tristezas. A terra tudo dá numa abundância de louvar a Deus, numa fartura variada, numa exuberância fecunda, Daí o dizer-se que *do cerejal ao castanhal bem vai, o pior e do castanhal ao cerejal*. Quer dizer: de maio a outubro há de tudo (frutas, cereais, etc,) e de outubro por diante não há nada, está a terra em descanso, para entrar depois em cultivo.

De processos aferrados a um primitivo saber de lavoura, segue no fabricar das terras aquela prática velha que ensina pelo dizer das coisas: o centeio—*semeia-me no pó e de mim não tenhas dó*; o trigo—*deita-me na lama que me deitas em boa cama;* e a couve—*esterca-me uma vez e sacha-me cada mês*. E' toda a sciência, pouca mas trabalhosa, do lavrador que embora se deite cedo para cedo se levantar, tem os seus serões marcados, que começam no

dia de St.ª Marta para as aguçosas, (trabalhadeiras, desembaraçadas) e no dia da S.ª do Porto para as preguiçosas, regulando-o também o tamanho ouricinho, (dos castanheiros) tamanho caramucinho, (caramucho—maçaroca meia fiada,ou ainda menos), querendo significar esta lenga-lenga que os ouriços vão indicando as noites maiores consoante vão crescendo, crescendo igualmente os serões.

E' animoso no trabalho, valente, forte, robusto, sàdio, agüentando de sol a sol os serviços mais pesados da lavoira e anima o gado com afoiteza para a sanha do lidar.

O lavrador gosta das botas rangedeiras, não muito por vaidade, màs porque tem o seu ouvido educado ao *ei*, *ei*, do aboiar, à música dos pardais, ao canto das desgarradas e ao pesado e lento chiar dos eixos dos carros, quando seguem no trabalho, de carreada, aqueles caminhos floridos de silvas bravas e arrelvados miüdeiros, caminhos bem semelhantes ás linhas encruzadas das nossas mãos.

Por isso é que:

Chadeiro de salgueiro,
coucão de amieiro,
cantadoira de giesta,
todo o caminho é festa.

*

Além da soldada paga aos seus criados e criadas, dá-lhes os *usos*, que variam conforme a combinação feita.

O vulgar é fornecer aos criados 2 camisas de estôpa e 1 de linho; 1 par de socos novos e outros tachados; umas calças de cotim. A's criadas, 2 camisas de estôpa, e 1 de linho; 2 saias de riscado, uma melhor, outra de somenos; 1 par de socos novos e outros tachados e 1 lenço de chita, da cabeça.

O trajo da gente do campo transformou-se por completo.

Hoje é a garridice de côres; são arco-íris de enfeite as mulheres tostadas, mas frescas como alface, da lavoira.

Riqueza nos brincos à rainha, nas argolas à carniceira, nas pelicanas, nas arrecadas, nos anéis de

rabiosca, anéis de abraços, nos cordões que enroscam no pescoço e que caem depois em meada sobre os seus peitos altos e fartos, desempenados e rijos, meadas de oiro com cruzes, borboletas e corações filigranados ao dependuro.

Luxo nas blusas de merino, nas saias de castorina de felpos, nos saiotes de baeta com barras de veludo, nos lenços de ramos da cabeça, nos cachenés de encruzar ao peito, nos chales de barra de sêda e nos aventais de vidrilhos reluzentes, com peles ou penas em debrum.

Gaiteirice nas rendas das camisas bordadas a linha vermelha, corações aos pulos e letras de ramalhosca, nos apanhados fôfos das blusas, nas pregas e guarnições berrantes das saias, nos enconchados de lã dos coletes de rabichos e no bizarro pesponto lentejoulado das algibeiras.

Roda larga nas saias em balão; cinta prenhe no apanhado de muita roupa de baixo, braço nu até o cotovelo, peito coberto de golas gomadas de muitas rendas que prendem às blusas, chinelas de ver-

niz e meias acoturnadas.

A mulher assim vestida está no luxo de ver a Deus e no luxo das romarias. Mas perdeu o que em característico a marcava e distinguia.

Lá foram para as velhas que fiam o linho à lareira, beijando-o de sono e cansaço, o lenço branco de linho listrado à volta a vermelho ou azul, a saia típica de baeta-crepe, a patuleia blusão, a capotilha de palmilha, as saias de murcelina e os característicos capotes de pano azul, abeirados a veludo preto, que eram o maicr luxo e eram também de mães a filhas, uma prenda de casamento. (1)

Até os aventais de setim e as chinelas bordadas a retrós lá se foram.. Ficaram as camisas do branco linho caseiro, de favos e de folhos, os coletes de rabichos e as algibeiras de foles. (2)

Por fora é tudo novo; por dentro é tudo o mesmo. Quer dizer: o que as mulheres fazem e costuram, e que constitui a arte do seu saber caseiro, tem ainda o cunho da conservação primitiva e tradicional; mas

o que compram e mandam arranjar tem o contágio tinhoso do modernismo.

E dos homens lá se foi para a pobreza indigente o calção, a calça de linho, de estôpa, o jaleque de trespasse com várias carreiras de botões e abas ao cimo do peito, a jaqueta de briche ou saragoça de varas, de montanhaque ou casimira estambre, de alamares de pechisbeque ou torçal preto, a meia branca de linho, o coturno de lã em favos de levante e de espinha e a chinela de vitelo da terra.

Agora, vestem à laia dos fidalgos da vila.

Casaco, jaquetão comprido, colete de pelúcia, calça de fantasia, justa à perna, bota de prateleira ou socos de verniz, capote â cavalaria, ou sobretudo com gola de pele ou de veludo.

As faixas em volta da cinta e o uso das bôlsas dos relogios vão perdendo de feição.

E assim encadernados, os nossos moços de lavoira, com a cacheira do guarda-sol (o pau de marmeleiro é mais para as romarias e

feiras) enganchada no sovaco, cara rapada e uma corisca ao canto da bôca, correntes de oiro divididas em fios aos bolsos do colete, com anéis enfiados a servir de berloques, ou peça antiga de penduricalho, lá se vão às conversadas, chapeirão braguês de pelinhos tombado sôbre as melenas compridas.

Até o nosso lavrador caseiro, que depois de casar e ter amanhado uma quinta para fabrico, deixava crescer as *bufas* para infundir mais respeito e se diferençar dos criados, até êsse vai desprezando as *armónicas* (suiças em forma de rabo de bacalhau) usando a moda da cara rapada e alguns até deixam grelar crespa bigodeira.

Não que os rapazes, quando topavam na vila um suïceiro, ia disto em cantiga:

O' tio, você tem carqueja,
você tem carqueja,
você tem pó pó;
por causa da sua carqueja
esta noite dormi só.

E' sempre bom recordar, demais porque, independente de tudo, ain-

da assim é na gente humilde do campo que as tradições se conservam com mais pureza e se prolongam mais duradoiramente.

NOTA

(1) Dum caderno de Lembranças, (costaneira) 1841, pertença de um velho comerciante, o seu primeiro livro de assentos, guardado por isso com estima, copio por curiosidade um lançamento interessante;

Março 29—Lenbrança de 1 Capote que mandei fazer ao Snr. João de S. Romão.

5,m Pano do Reino a	340	1$700
feitio		200
Rigôr		120
Retros 1 quarto		010
Linhas		020
		2$050

Já agora, e seguindo o mesmo motivo de curiosidade, corro em revista de leitura costaneiras várias, de 1841 até os nossos dias, registando todos os nomes por que apelidavam as fazendas em uso nessas epocas distantes, sendo interessante ver como através dos tempos os chamamentos das coisas se foram alterando e modificando, como tudo afinal que está preso e ligado ao modernismo e inovação.

Pano do reino—pano liso, meia côr, como lhe chamavam, desinfestado, para capotes; *rigor*—fita de lavor, para guarnições; *durante, nobreza, metim, galacé*—setim de seda, desinfestado, próprio para mantilhas; *poloșão*—gola de pele; *belbutina, jardo caseiro; burlina; anascote* (?) *zuarte; esguião*—uma especie de brim; *sória*—burel de que se vestiam as Capuchinhas da nossa terra; *xadrez magento*—de côr de borras de vinho; *barrentos*—mantas de lã, de riscas; *pano castor*—pano liso e grosso

para roupa de homem; *saial*—fazenda de capotes e varinos.

Mais modernos: *baetão caseiro*—fazenda lisa da serra; *catrapeanha*; *pano selão*—pano liso, preto, de lustro; pano feito—pano cru; *melton*; *baeta-crepe*; *bombazina*; *briche*; *burel*; *pelúcia*; *carapinha*—fazenda encarapinhada; *palmilha*; *picotilho* ou *cheviote*; *saragoça*; *casimira*; *ratina*; *montanhaque*; alpaca; *ganga*; *amazona*—tecido liso, apropriado para saias de lavradeiras; *baeta carriça*-baeta de lã de pêlo levantado; *quartos*—nome genérico dado às baetas quadrejadas, etc, etc, etc.

Os nomes estrangeirados dos nossos modernissimos tempos, desprezei-os.

As palavras que não levam a significação vêm no Nov. Dic. Candido de Figueiredo, 2.ª edição.

(2) Na aldeia, o lavrador, ainda na primeira metade do século passado, vestia-se, pelo inverno, de calça de saragoça ou palmilha, a camisa de estôpa, descalços ou de socos, a croça, e, aos domingos, pano azul do reino, com véstia e colete, e a camisa lavada; de verão, bragal, calça de linho ou estôpa, o chapeu de palha. As mulheres, náguas, saia de tenilha ou baeta, e colete bordado ou liso, serguilha ou burel pelas costas ou pela cabeça, uma casibeca de chita. Comiam, como hoje, nem melhor nem pior, o caldo de couves e feijão—que substitui o unto ou azeite guardado para domingos, festas ou jornas de mais violência—, a brôa, batatas cosidas. Lá havia uma sardinha, um pouco de arroz, o naquito de toucinho. E seus divertimentos ou se prendem à folhinha religiosa ou andam engaçados á lavoura. Deitam os *Reis*—não esquecendo passar pela porta do Juiz da

Cruz que, no dia, tem de levantar, na missa, a cruz pela primeira vez—a amigos, compadres e namoradas.

. . . .

Tinham acatamento as velhotas: as môças saudavam sempre—«Adeus, tia Joana, tia Rosa, Tia—era a deferência ás cãs. Que, ás mães, tratava-se sempre por «senhora mãe».

Mas depois havia os *clamores*, a turba esfaimada de tempo aseiro a colheitas e vindimas peregrinando à ermida, em arrancadas e batidas preces. *A festa do cêrco*, romagem com o andor do milagroso S. Sebastião em volta da aldeia, para que ali dentro não entrasse nem a fome, nem a peste, nem a guerra. . .

Cavam a terra, suam, moirejam, sofrem catarros e pleurises e morrem, pobres como nasceram, pelos 60 ou 70. (*S. Torcato, por Eduardo d'Almeida*, *estudo valioso com grandes subsidios etnográficos*,—*Revista de Guimarães* vol. 33.

O *vestuário* usado para os homens: em dia de trabalho, calças de linho ou de cotim e jaqueta de saragoça ou de cotim; nos domingos e dias de festa calças de pano ou de lã, vulgarmente chamado pano de mescla, cheviote ou picotilho, e jaqueta da mesma fazenda; para os solteiros é muito vulgar o uso de lenço de lã ou algodão ao pescoço; para as mulheres: em dias de trabalho, saia de chita e camisa de linho e ordinàriamente não usam colete, o que as torna pouco elegantes e por vezes pouco decentes; nos domingos, saia de chita, lã ou baeta, colete ou chambre, e pendente dos ombros uma saia de baeta crepe de muitas pregas. *Tagilde*, por *Abade de Tagilde*.)

Na *Memória da Ribeira do Visela*, livro manuscrito (1827), por António José Leite de S. Paio, vem uma parte curiosa que transcrevo: «A estatura dos seus habitantes é ordinaria, indo mais para o baixo que para o alto; as suas feições são regulares, porem a sua tez é um tanto escura pelos tráficos da lavoura e pelo descostume de se lavarem diariamente, o que lhes torna o seu rosto um tanto agreste. As mulheres são agradaveis, afaveis e lindas, porem o seu modo de trajar é feio e lhes faz o corpo mui grosso e desairoso». O luxo dos lavradores antigamente consistia, quanto ao vestuario, em uma jaqueta de saragoça mui grossa, uns calções, pela maior parte atados com uma vêrga e uns socos: hoje se vestem de sêda, assim como as suas mulheres, rindo-se da antiga economia e simplicidade. Chegam a puxar pela sôga do gado com as suas botas calçadas e muito asseados, consumindo nestas fatais e terriveis extravagancias exorbitantes somas que ganharam os seus pais com tanto susto e fadiga. Este luxo nocivo e prejudicial á simplicidade dos costumes e á economia, tem passado dos lavradores ricos e bons proprietários aos mediocres, e veio tão geral que se escarnece e zomba quando se vê ainda alguns dos antigos lavradores na vetusta simplicidade.»

Este bocadinho, de um livro inédito, sôbre os usos e costumes de Vizela, vale quanto pesa, porque parece mesmo que foi escrito hoje.

E continua, em matéria diferente, mas com a mesma nota tipica:

«Os homens são afaveis, hospitaleiros, esmoleres e religiosos, a tal ponto que passam a supersticiosos: mas não se deve estranhar êste excesso, que é comum a toda a gente da classe campestre, e o motivo disto é a crassa igno-

rância em que vivem. São bons consortes, chegando a fidelidade a tanto que é apontada aquela que faltou aos seus deveres, como um lance extraordinário, poucas vezes ou nunca acontecido.

Os maridos são mui zelosos da sua honra, e tomam como um castigo do Céu a falta de fidelidade das suas mulheres; abandonando-as, as deixam entregues á fome, e fogem da terra aonde viviam; a adúltera vem a ser vitima da geral execração de tal maneira que ela, tendo sôbre si o cargo de todos os seus filhos, não tem de que os sustente, se para isso não promove a caridade dos seus vizinhos. Os mesmos ricos, vendem tudo e fogem.»

Este bocado de oiro, ao contrário do 1.º, está mais integrado ao sabor antigo. Hoje a vida é outra...

CÉU—SOL—LUA—ESTRÊLAS

1—O sol quando nasce é rei,
ao meio dia é morgado,
de tarde está doente
á noite está sepultado

(Tradições de Portugal, de L. de Vasconcelos

2—E' pecado contar cousas do sol e da lua.

3—E' pecado dizer que o céu está negro.

4—Quando o sol se põe, entra

em sua casa, ou vai, como acreditam outros, por debaixo de água para o Brasil, e aí nasce.

5—O sol é especial; por isso a lua, para que ele não brilhasse mais do que ela, atirou-lhe com lama à cara. São as manchas que nêle se vêem.

O sol e a lua foram as primeiras coisas que o Senhor criou.

6—Quando se vê uma estrèla cadente, diz-se:

Assim corra a minha alma para o céu, ou faz-se qualquer pedido, cuja fórmula não hà-de durar mais que a queda da estrêla.

7—O eclipse é um leão que está a comer a lua. Para o espantar, é rufar em tambores.

Outros dizem ser o sol a batalhar com a lua.

8—No primeiro dia de Março não se deve apanhar sol, ou então é bom, como preventivo, colocar no braço uma fita vermelha. E assim porque é crendice que o sol de Março põe a gente escura.

9—Lua—Círculo de longe, chuva perto; círculo de perto, chuva longe. Refere-se ao círculo (sic) que envolve a lua, formado por névoa.

10—Sol—Quando o sol aparece entre névoas, mas à vista, como fôra delas (sol inclinado), diz-se que está doente e é mau, porque também faz doenças a quem o apanhar. Isto ao nascer.

Não se fala de sol doente quando se põe.

11—O nevoeiro que venha na manha da Sr.ª das Neves, onde pousa, é fatal: doença certa.

12—No tempo das esfolhadas a meia-noite é indicada pelas pléiades (7 estrêlo) no zenite do céu. Quando a constelação chega a este ponto e as sardinhas não vêm, grita-se:

O sete-estrêlo já volta!

13—Quem olhar para o sol, ao meio dia, vê o sol cercado de estrê-

las. (*Tradições de P. de L. de Vasconcelos*).

E' pecado fumar quando trovoa, assim como jogar qualquer jôgo que seja. Não se deve ter também o chapéu na cabeça, assim como é pecado ter mêdo da trovoada.

15—Quando trovoa (é o Senhor a ralhar) um dia, trovoam 3 a seguir (êsse e mais 2). Neste caso como em muitos outros, (nos incêndios, morte de padres, etc.,) anda sempre o número 3, que é fatídico e de azar para o povo.

16—Deus fez a noite e temeu-a.

17—Céu picado (acarneirado), chão molhado.

Ao céu picado também chamam céu às escadinhas, e é sinal de peixe.

17—Quando se vê a lua pela 1.ª vez, diz-se:

Lua nova
benzedeira.

a irmã de minha madrinha
é a Sr.ª da Oliveira

ou também:

Benza-me Deus
e à lua-nova!
Todo o mal que eu tenho
de mim vá fóra. (*Tradições de P., de L. de Vasconcelos*).

ou ainda:

Lua nova, lua nova,
benza-te Deus, minha madrinha.
leva a tua côr e deixa-me a minha.

18—Quando se vê a lua pela 1.ª vez, mostram-se-lhe as crianças e diz-se:

Lua, luar,
toma lá o teu ar,
deixa-me a minha menina
comer, beber dormir e passear.
(*Tradições de P., de L. de Vasconcelos*).

19—Há umas estrêlas chamadas *cinco chagas* e sete chagas (sete-es-

trêlo), que se vêem, olhando pela trama de um lenço. *(Tradições de P., de L. de Vasconcelos)*.

20—Quando o borborinho levanta muitas fôlhas, vai o diabo em cada fôlha. *(Tradições de P. de L. de Vasconcelos)*.

21—Quando chove, costuma dizer-se:

Chove, chuvisca,
água moirisca,
filha do rei
Maria Francisca.

22—Para a chuva fugir, dizem os rapazes muito alto:

Espalha, espalha,
c'um saco de palha;
esteia, esteia,
c'um saco de areia.
Esteia, esteia
que te dou um saco de areia;
para os teus porquinhos
que estão na cadeia. (Tradições de P., de L. de Vasconcelos).

23—Quando chove e faz sol ao mesmo tempo, estão as bruxas a pentear-se, e deixam cair lêndeas, ou está Nossa Senhora a lavar o menino Jesus, gritando os rapazes:

Está de chuva
e vem de sol,
que já canta o rouxinol:
Passarinho derrabado
não tem mula nem cavalo
só tem uma mula cega
que o leva a Castela.
de Castela a Castelão;
Sr. tio, de-me pão
p'ra mim e para o cão
que está debaixo do navio!
Chilro, vio, vio, vio.
a gaiola aberta,
o melro fugiu
para o meio da horta
e mais a carocha. (Tradições de P., de L. de Vasconcelos).

24—Arco da velha, por água espera.

Os rapazes costumam dizer:

Arco da velha,
põe-te na quelha,

que dizem os mouros
que te hão-de matar,
com facas, agulhas
e tesouras do mar.

ou ainda:

Arco da velha,
vai-te deitar,
que aí vem os ladrões
com facas, agulhas
para te matar.

25—Quando chove e faz sol ao mesmo tempo dizem os rapazes:
A chover e a dar sol
é o Senhor c'o guarda-sol.

26—Quando algum rapaz se põe diante do sol que dá noutro companheiro, este diz:

Quem está diante do sol
é o diabo maior;
o sanguinho a s'correr,
e o diabo a lamber.
(Cospe fora, depois, 3 vezes)

27—Quando a trovoada vai para além duns montes e nesses montes

começa a estender se um nevoeiro, é sinal de que virá sol dentro de poucas horas.

28—Quem quiser pedir alguma coisa ao Senhor, há-de fitar o sol ao darem as 3 badaladas do meio-dia e rezar a cada uma delas um Padre-nosso; se quiser pedir á Senhora, fitará a lua, ou na falta desta uma estrêla, ao tocar das Trindades, rezando uma Ave-maria. Mas, enquanto se olha o sol, lua ou estrêla, não se deve pestanejar.
(*Leite Castro, Folclore, na colecção da Revista de Guimarães*).

29—E' corrente entre o povo que, olhando a lua até o seu oitavo dia num espelho, se vêem neste tantas luas, quantos dias ela tem. E' preciso colocar-se o espelho obliquamente. De frente o fenómeno óptico, que dá 2, 3, etc, reflexos da lua, não se produz, é claro. (*Leite Castro, na colecção da Revista de Guimarães*).

30—O Sete-estrêlo pelo S. Martinho
vai de bôrdo a bordinho;
á meia-noite está a pino.

labruge

Pelo mês de junho princia a aparecer á serra ás 3 horas da manhã; dêste mês em diante aparece sempre uma hora mais cedo em cada mês, até que em fins de outubro principia a aparecer à bôca da noite, seguindo seu giro até que desaparece desde o fim de abril até fim de Junho. (*L. de Castro, na Revista de Guimarães*).

31—A estrêla do norte acompanha o mesmo sete-estrêlo a um lado dêle, nascendo e escondendo-se sempre a quando a êle. (Autor e colecção citados).

32—Em novembro aparece uma outra estrêla um pouco menos resplandecente, pela qual muitas pessoas se regulam para seguirem suas jornadas, que ás sete horas da manhã se torna invisível com a claridade do dia e em fevereiro desaparece do nascente para o poente, denominada Papaceia. (A. e colecção citados).

33—Os cruzeiros do norte compõem-se de nove estrêlas muito pouco resplandecentes, seguindo o mesmo giro do sete-estrêlo até que desaparece desde o fim de setembro a fim de outubro. (A. e colecção citados).

34—As 3 Marias são 3 estrêlas resplandecentes que seguem o mesmo giro do cruzeiro norte.

Lá se vão as Tres Marias
de noite pelo luar,
em busca do Deus menino
sem no poderem achar. (St.ª Cristina—A. e coleção citados).

35—Não se devem tapar os olhos quando relampeja, nem tapar os ouvidos quando trovoa, porque se pode ficar cego ou surdo.

36—Quando trovoa, não é bom estarem gatos ao pé de ninguém, porque eles têm electricidade nos olhos e atraem os raios.

E' bom, quando trovoa, estar-se ao pé de crianças, porque não haverá perigo, assim como vulgarmente muita gente se embrulha em cobertores de lã e se desatavia de todos os objectos de oiro que tra-

ga consigo.

Ao que chamam as arremedas

37—O dia de St.ª Luzia, que é a 13 de dezembro, é o 1.º desta *experiência*. Serve para se saber o tempo que há-de haver em janeiro; por exemplo: se chover nesse dia, o mês de janeiro será chuvoso. O dia 14 serve para fevereiro, o 15 para março e assim por diante até o dia 24, que serve para dezembro. Se, porém, o dia 25 de dezembro estiver de sol, (no mesmo ex.), prevalece o sol dêste dia e não a chuva do dia 13; o tempo do dia 26 prevalece ao do dia 14, e assim continuando até o dia 5 de janeiro, prevalecendo sempre os dias posteriores aos anteriores. A isto chama-se: *desarremedar*.

As *arremedas* do ano são conhecidas de todos os lavradores, (A. e colecção citados).

38—Onde *quinta*, daí trinta,
se aos nove não *desquinta*.

Quer dizer: o mês correrá segundo os indicios do 9.º dia, quanto a sol ou a chuva.

TERRA—ÁGUA—LUME

1—Todas as quintas-feiras, a Sr.ª da Oliveira, que é padroeira dos pescadores vai ao mar, para proteger os que lá andam sobre as águas. A imaginação do povo julga vê-la até, no altar, em cima de uma barquinha.

«A Senhora da Oliveira dá fala aos mudos, vista aos cégos, cura mãos e pés encolhidos, os aleijões disformes, as enfermidades cruéis, tira o demonho do corpo. Ela tem a saúde para o corpo doente e alívio para a alma do triste.

A gangrena e a lepra. A tristeza e a loucura. A dor e a febre. Mostram-se as maravilhas do Tesouro, espanta-se a ingenuidade com ás âmbulas do leite de Nossa Senhora; a cruz com os ossos de S. Pedro e S. Paulo, a cabeça santa, remédio certo contra as mordeduras de cães danados,que sarará o proprio D. João I.—tocavam o bocado de crânio (ainda hoje no Tesouro) e recebiam saúde; o pão para o doente comer passava-se também pela cabeça santa. (1)

2—Por se ver no tesouro da Colegiada uma meada de oiro, toda a gente pregunta pela roca da Senhora da Oliveira. Deve naturalmente juntar-se ao caso qualquer lenda que não ouvi ainda narrar a nenhum daqueles que estão mesmo convictos de que a roca da Senhora já esteve à beira da meada.

3—Era costume dantes, e não sei se ainda é hoje, não esquecer nas rezas os que andam nas águas do mar. Dantes, na Colegiada, o toque das Trindades era seguido por 3 badaladas que tinham por fim

lembrar a reza em questão.

4—S. Sebastião foi morto numa guerra da Citânia. Quando se faz peditório para o Santo, em Briteiros, não há ninguem que não vá meter a estátua (ou estampa) na sua cama, porque livra dos incómodos de que o santo é advogado.

5—As caras que faz o dia do Santo S. Vicente Ferreira regulam o tempo de todo o ano.

6—Ninguém deve vestir roupa sem primeiro a passar pelo ar do lume, por via dos bichos peçonhentos.

7—E' pecado escarnecer do lume, ou apagá-lo de todo com água.

8—Quando no lar o lume faz barulho, (e é porque estão a dizer mal de nós) deita-se-lhe um punhado de sal, dizendo:

Quem de mim está a falar,
a sua língua venha aqui assar
e este sal há-de trincar.

Há tambem quem diga que quando o lume estala, é sinal de que as almas estão a pedir-nos orações.

9—Não é bom ir pedir lume à casa onde houver uma criança por baptizar. (Tradições de P., por L. de Vasconcelos).

10—Não se devem tirar as tripas ao lume, porque é dar penas às almas do purgatório.

As tripas do lume vêm a ser a lenha ou aparas candentes, mas que ainda conservam um resto de chama. Esta chama quási expirante é azúl.

Quando ela cessa, a lenha consumida vai-se *esborralhando* por sí mesma e acabam as tripas.

11—O coração do lume são as brasas centrais do lar. Por isso, quando alguém vai pedir brasas a uma casa, a dona recomenda sempre que só lhe tirem as dos lados.

12—Para tirar a vida aos penedos, basta dar-lhes uma picadela com um pico. O penedo morre—isto

é, não cresce mais. Os penedos crescem e é vulgar encontrar gente que passando por um monte, onde afloram pequenos penedos, diga:

—Olha tantos penedinhos a nascer!

13—Quem ao nascer do sol fôr buscar água a uma fonte, e se lavar e benzer com ela, tantas vezes, tantas bofetadas dá no diabo.

14—A água dorme de noite; por isso, se alguém a beber, fóra do dia, tem de a aproximar de uma luz e de a abanar, para que acórde.

Ou também:

Não se deve beber água depois da meia-noite sem primeiro a acordar. Quer dizer: baldeá-la com o caneco ou copo, pois a água está a dormir e faz mal o bebê-la sem a despertar.

Ou ainda:

Para se acordar, enche-se um púcaro de água e diz-se:

A'gua da fonte de cristal,
não durmas, acorda,
não me faças mal.

Torna-se a deitar a água dentro do cântaro.

Repete-se a operação e as palavras 3 vezes, e só depois disso é que se pode beber, sem que venha a fazer mal.

15—Quando o lume arde mal e o fumo se espalha denso, dentro das casas, é sinal de chuva.

16—Quando qualquer criatura sopra a uma luz, (de candieiro, vela ou candeia) e ao 1.º ou 2.º sôpro a não apaga, costuma dizer-se que essa criatura tem fraca madrinha.

17—Para aprender bem um caminho, é bom passá-lo pela primeira vez com uma pedra na bôca.

18—Quàsi todas as lavadeiras acabam por lavar os pés na água onde lavaram a roupa. Se tal não fizerem, a roupa nunca ficará bem lavada.

19—Quando o lume conversa (sussurra) na lareira, é de mau agouro para os donos da casa. Fala-se mal dêles. E' remédio deitar vinagre no lume. (Ver a semelhança da superstição n.º 8, podendo por aqui avaliar-se da mudança e alteração de várias superstições, sendo curioso constatar que cada pessoa, vulgarmente, a conserva e pratica a seu modo.)

20—Enquanto não acaba o dia, não se deve acender luz sem primeiro fechar as janelas da dependência onde se acende. Do contrário haverá em casa desastre certo para os donos.

21—O vento da serra da Penha, sobranceira a Guimarães, é mau. O que vale para que êle não mate toda a gente de Guimarães, é que antes disso passa por uma outra serra em que há muitos romeiros (alecrim).

22—A fonte da Senhora da Luz (St.ª Leocádia—Guimarães) é

milagrosa para a vista a quem lava com a sua água os olhos.

23—Quando se ouve apregoãr os cunhos (galegos de compor louça e guarda-sóis) é sinal de chuva. Este dizer é quási sempre certo, porque é em dias semiscarûnfios que êles freqüentemente aparecem.

Lenda B.

24—Quando se ouve apitar muito o combóio de Guimarães, é sinal de mudança de tempo.

25—A água da Sr.ª da Oliveira tem a virtude da lenda que diz: quem a beber, abranda de génio e fica a gostar da terra.

Isto referindo-se a criaturas que não são de Guimarães e que para Guimarães vêm exercer qualquer cargo de posição, como sejam os escrivães de fazenda, juízes, delegados, administradores, professores, etc., etc.

E' até vulgar dizer-se: Fulano, que era todo senhor do seu nariz, já bebeu água da S.ª da Oliveira—;

a Beltrano é preciso dar-lhe água da Oliveira.

Virtude naturalmente atribuída à água do antigo tanque do largo da Oliveira, há muitos anos demolido, que tinha o grande poder e subido valor de amansar como um cordeiro quem fosse bravo e mau como um toiro.

26—A água da fonte de S. Torcato tem também as suas doses de virtude. No dia da romaria pequena e da romaria grande, costumam muitos romeiros lavar com ela a cara, a cabeça, etc. chegando alguns a bebê-la,

E' que faz bem, diz o povo.

NOTA

(1) «S. Torcato», por Eduardo d'Almeida—«Revista de Guimarães», vol, 33. P.[e] Torcato Peixoto, no livro «Antiga Guimarães», a pag, 210, desenvolve o que acima diz respeito à cabeça santa.

PLANTAS—FRUTOS—CEREAIS

1—Ano de pulgas, ano de feijões.

2—Ninguém semeia milho depois do meio-dia. Não cresce. Quem lavrar de tarde, semeia vulgarmente no dia seguinte por aquele motivo, e parece que mesmo de manhã, só o deve fazer depois de nascer o sol.

Tanto para o milho como para outro qualquer cereal, a superstição é a mesma.

3—Arvore ou planta que se quer transplantar, se ficar uma noite dentro de uma casa, e principalmente na cozinha, não pega.

4—Para varejar um castanheiro com proveito, e para fazer cair as castanhas e poucos ouriços, pega-se numa vara de castanheiro e depois de se benzer (o que faz todo aquele que tem de trepar a qualquer árvore) diz:

Tenho arma defensiva,
dela não tiro proveito,
ao rir, se me abre a bôca (*ouriço*)
cai-me o que tenho no peito (*castanhas*)
Sai de mim um fruto bom
que tem mais poder que eu,
ao longe se vai gastar
e eu fico com quem mo deu.

5—Quem queimar canas, tem dor de dentes, e igualmente seca o sangue da criatura a quem se bater com uma cana.

6—Queimando-se couves, a horta cria lagartos, ou aparecem bichos em casa (sapos, etc.) se se colhem couves na 5.ª feira Santa.

7—E' mau dormir á sombra das figueiras, assim como a elas se não deve trepar calçado, porque secam.

8—Quando no outono as videiras aparecem com muitas folhas vermelhas, é sinal de muita uva no ano seguinte.

9—O linho põe-se a secar nos montes ou bouças, depois de curtido. O tempo que aí deve estar, conta-se pelas orvalhadas que não devem ser menos de 3.

10—Quando numa laranja ou tangerina se encontram uns gomos mais pequenos, (o que é freqüente) são chamados os gomos da morte.

11—Os mentrastes, costuma o povo pô-los debaixo dos travesseiros para atordoar as pulgas, e deitá-los nas barrelas para darem bom cheiro ás roupas. As folhas dos feijões servem para apanhar os per-

cevejos, pela penugem qne têm.

12—As oliveiras são árvores abençoadas, e por isso mesmo elas são o símbolo da paz.

Deitam as raízes mais vigorosas e nunca secam, segundo o povo, vivendo séculos em boa ou má terra; porque o Senhor, diz em crença o mesmo povo, quer ser alumiado, e quando uma oliveira morre, é luz a menos no altar sagrado de Deus. Alguns querem crer que a oliveira não seca e quando as raízes se queimam, raízes de alguma oliveira que se botou por terra, deitam azeite.

13—Quem comer um ou dois palmos de castanhas, mete no estômago 1 ou 2 palmos de madeira. Comer castanhas cruas faz criar piolhos.

14—A planta machurra é aquela que é preguiçosa em dar flor ou fruto. Para a curar do mal, corta-se uma vara de castanheiro na noite de S. João, e ao nascer do sol dão-se-lhe 9 vergastadas.

O nosso lavrador tem já por

costume esmoucar o tronco das fruteiras que lhes custa dar o fruto.

15—As maçãs para não apodrecerem, devem ouvir nas árvores os sinos no dia dos Fiéis de Deus.

16—Só se devem comer laranjas nos meses que não tiverem *r*. Do contrário fazem mal. De maio por diante, afinal, é que devem comer-se.

17—Depois de comer laranjas, não se deve beber água. Faz dor de cólica. Assim como faz dor de cólica beber água por cima de bôlo ou broa quente.

18—Quando se come pela 1.ª vez, no ano, qualquer fruta ou cereal, costuma o povo dizer que faz a gente nova. Ex: é a 1.ª vez que êste ano como favas, por isso vou-me fazer mais novo.

19—De quem lhe custa muito a abaixar-se, no trabalho, dizem que tem um pé de salsa nas costas, ou que engoliu um pau de vassoura.

20—O arroz vai para a barriga das pernas.

21 — A salada e os ovos devem ser mexidos por um tolo, para ficarem bem.

22 — A mulher grávida não deve plantar nenhum vegetal, porque não poderá dar à luz sem ir arrancá-lo.

23 - O mês de Fevereiro, como era muito comilão, por um prato de papas vendeu 2 dias ao mês de Março.

ANIMAIS E BICHARIA

LII

O mocho, o corvo a coruja e o besoiro, são animais de mau agouro. (Pop.)

Casa onde não há cão nem gato, é casa de velhaco. (Pop.)

São bem conhecidas e distintas as quatro castas de lavradores:

Lavradores e lavradorzinhos,
borra-eiras e atranca-caminhos.

Lavradores são aqueles que em situação desafogada matam a sua ceba e criam o seu gado, os que trazem o seu povo, a sua família,

na chança de bom luxo e que vão às romarias com almeiros de boas e fartas petisqueiras. Lavradores são aqueles que têm as armas do ofício sempre em acção e que trazem o corpo no derreio do trabalho.

Os lavradorzinhos vivem de menos, como podem e Deus é servido; os atranca-caminhos, êsses então não dão rêgo direito, corre-lhes mal a vida pelo pouco cuidado que dispensam ao serviço; e os borra-eiras, atamancando tudo, a tudo se agarram, sem que nada com jeito façam.

Por esta região, entretanto, hoje que a vida moderna tudo deslocou, criando fontes de chorùda receita nos ramos que se valorizaram pela firmeza e estabilidade dum capital garantido, em terras e comércio, pela sua produção que cresce de valor consoante o papel-nota se deprecia e consoante também as regras variáveis de cada um, nos preços que fazem, oscilantes na balança do seu contento e belprazer, por esta região, não há lavrador nenhum que não tenha, mais ou menos, na medida dos seus teres, o gado de seu. Raros serão aqueles

que não o tenham.

E' que constitui mesmo, para o lavrador, atendendo o preço subido que o gado atingiu, um bom amanho de lucros o negociar constante de venda e compra de uma junta de bois que seja.

Tendo ao serviço dois ou três meses uma junta de bois, fácil é, e sem custo, promover a sua venda com um lucro de 3 a 4 centos de escudos, que necessàriamente o compensou, comprando em seguida outra junta, e assim nesta carreira contínua de operações o lavrador joga com acêrto, auferindo lucros razóaveis que lhe permitem um desafôgo de vida e até vantagens aplanadas para subida escala de negócios, como o das vacas, que lhe dá nas crias rendimento maior do que se tivesse no chôco aquela galinha da lenda que punha ovos de oiro.

Depois o leite é um negócio vantajosíssimo.

O nosso lavrador hoje é um comerciante dos mais agenciadores.

Êle cuida dos bois e dos cevados como da sua família.

As vitelas e os cochos são as

crias do seu desvelo porque são a engorda da sua bôlsa.

Até os animais são conhecidos pelos seus nomes. *Ruço* é o nome genérico do porco.

Ruço, bicá, bicá, guri. guri, quando por êle chama, tendo nos bois uma lista mais acrescida de nomes, como o *Pisco*, (quando é pequeno e farrusco), o *Cabano*, (quando é de gaitas largas) o *Braguês*, (quando é avermelhado e de focinho muito negro) o *Corucho* ou *Coroucho*, (quando é pequeno e de gaitas alevantadas) o *Marelo, Bonito, Carneiro*, a *Carranha*, a *Nova* (para as vacas), etc, etc.

Noutros tempos o lavrador, antes de comprar os bois levava-os a contento, (regulava 8 dias) para ver se lhe satisfaziam: se comiam bem, se trabalhavam sem inviar (marrar) ou cambar.

Mediante um sinal, que ia de 2 a 4 coroas, o gado ia a contento.

Este costume desapareceu ali pelo tempo que desapareceram as piscas (coroas de prata, 500 réis) que o lavrador batia no casco do tamanco ou numa pedra, uma a uma, a ouvir o tinido metálico que lhe da-

va a confirmação de serem boas de lei, e acabou essa costumeira pelos vários abusos que por vezes trazia a venda feita nas condições do contento.

Agora é a *el contado*. Notas ali à preta.

Quem diabos compra, diabos vende.

Se os bois não servirem, para a engorda e matadouro com eles. Ninguém tem nada com isso. Os bois estão na feira; é abocá-los, esticar-lhes o coiro, correr-lhes a mão pelo cêrro, pelas partes, mirá-los de alto a baixo e fazer o seu juízo.

Depois marralhar no preço.

O lavrador é essencialmente marralhento e não fica contente, de boa vénia, se da quantia que se lhe pede não sai pelo menos uma gracinha para uma canada de vinho e um maço de paivantes.—Home! você é paulista, tem palavra de rei?!

E o gado lá aparece nas feiras principais da região.

A feira anual de St.º Amaro, a 15 de Janeiro, que vem talvez de 1681, a maior do concelho, é a que regula os preços dos bois para todo

o ano.

A feira da Rosa, no Cano, no 1.º domingo de Maio, é uma feira de bois, de luxo e de flores. Aparece ali o que há de melhor em gado e tão limpo e florido se apresenta que parece ir de oferenda para os sacrifícios em honra dos deuses.

Boas estampas, de cornos luzidios, passados a azeite ou óleo de améndoa e os cascos engraixados, o pêlo macio, lavado, corrido como veludo; flores nas hastes e laçarotes de fitas berrantes; coroas de murta, rosas e sabugueiro na cachaceira empolada e forte do trabalho ao pêso impertinente do jugo. E os toiros novos lá vão tambem, de pelaria luzente e encarapinhada, com as correias de sola, à moirisca, de campainhas pendentes e de guisalhada de vários sons, beijocando os braços nus das moçoilas romanisqueiras, num contentamento de afoiteza, moçoilas bem ricas de alegria e de luxo engalhoso, de vara de marmeleiro queimado na mão, agitando sempre os toiros para que a cabeça se lhes erga numa imponência de arrogante elegância.

A feira de S. Torcato, romaria pequena, é também interessante e concorrida.

A feira anual de S. Gualter, no Campo da Feira, no 1.º sábado de Agôsto é importante pelas transacções que se efectuam. (1)

Independentemente dos dias destas feiras anuais, há a feira semanal dos sábados, que é sempre concorrida em bois e porcos de criação, começando a ser muito abundante de cevas ali pelas matanças, de Novembro a Fevereiro.

Pelo St.º André, faz o porco qu-é, qu-é.

Quem não tem porco, mata a mulher.

São adágios populares. O porco, é dizer sabido, é uma botica em casa.

Quási sempre o lavrador cria 2 porcos. Mata um para seu gasto e govêrno de casa, e vende o outro para amanhos da vida.

Um lombo vai de presente, entre fôlhas verdes de loureiro, para o senhorio, pelo Natal, (ou frangos ou frangas, se não matou) dando êste em retribuïção o bacalhau para a

festa da consoada, e para a família, fica de reserva, para empanturramento, em tôrno da lareira, o bastante para a tradicional e bem portuguêsa sarrabulhada, burziguiada de consôlo que faz parte da matança.

Se a *bicharia de bico não faz ninguém rico*, ao lavrador não o faz todavia pobre. (2)

Sustenta-a em liberdade e quási ao sabor do que a terra dá, tendo até as mulheres, como se verá adiante, um certo cuidado quando lançam os ovos, conhecendo bem as galinhas mais poedeiras, que são as de veia e as de navio torto.

Galinha pedrês, nem a comas nem a dês.

Têm as mulheres uma linguagem muito cantada e própria para o chamamento da bicharada; *pi-pi, pi-pi, churrinha, churrinha*, para as galinhas; o *chóte* é para as afugentar das sementeiras e das hortas e o *estólha* para espantar os pardais.

Cortam as mulheres as penas do rabo às frangas para elas alargarem e o rabo e as pontas das orelhas aos gatos, para serem melhores caçadores.

Sob o ponto de vista supresticioso, os animais e a bicharia exercem uma grande influência de temor, de respeito e de regra.

O lavrador não deita qualquer semente que seja à terra sem primeiro ser bafejada por um boi. (3)

A poupa, (no seu *pou, pou* cadenciado) diz-lhe que poupe. O pássaro bravo, (no seu *fri-o, fri-o*, mais avizinhado e persistente) anuncia-lhe o frio; os ralos e os sapos, o calor; etc, etc.

Pássaro do ar que beba em qualquer água, indica, sem contra-prova, que ela é boa e pura. E o lavrador acredita.

Um abegão (besoiro) mata um burro e sete matam um homem.

As *bichas* que lhe dão cabo das terras são o seu tormento e desespêro. (4)

Costuma polear, inconscientemente, os sapos, no meio de grande algazarra. E' que os sapos prestam-se para certos manejos de bruxedo, além de que os julga, erradamente, nocivos às terras.

Mas quem matar um sapo concho e lhe salte a peçonha à cara,

nascem logo umas empolas grandes no sítio esparrinhado.

Quando as raparigas andam a aprender a fiar, e ainda pouco sabem, dizem-lhes que andam a fiar as calças do cuco, e igualmente quando começam com trabalhos de agulha, dizem-lhes que andam a fazer manta de gato.

Seria longo todo o descrever de muitas mais miüdezas desta feição; mas como o meu propósito é sòmente dar meia dúzia de linhas de introdução às várias secções em que dividi êste trabalho, não vou mais por diante, demais porque qualquer dos pontos acima ràpidamente anotados daria para largo desenvolver e múltiplas considerações.

Agora passo a recolher, resumidamente, o que a rapaziada nos diz sobre o assunto animais e bicharia.

Os rapazes não querem as grilas, (têm 3 rabos e são de côr clara) porque chamam as cobras, e então, quando elas saem ao seu chamamento, ou as matam logo, ou as deitam para longe. Os grilos coxos são os mais cantadores, por isso mesmo os mais raros. Para caçar os grilos,

ou lhes mijam nas covas, ou com uma palheira escarafuncham os buracos, dizendo:

Sai, grilinho, sai, grilão,
que andam os porcos no teu lameirão.

Matando lagartas a chuva vem ràpidamente.

Quando vêem um caracol, bicho que anda com a casa às costas e que lhe nasce nova cabeça, passado tempo, se a que tem lha cortam, e para que ele deite os corninhos de fora, dizem:

Caracol, rouxinol,
bota os corninhos ao sol.

Para que a Joaninha *aboe, aboe,* dizem:

Joaninha, aboa, aboa,
leva cartas a Lisboa,
que lá está tua madrinha
que te dá pão e sardinha.

ou ainda:

Joaninha, avoa; avoa,
que teu pai está em Lisboa,

c'um rabinho de sardinha
para dar á joaninha.

Quando a algum rapaz lhe dói a cabeça e se queixa:

—*Dói-me a cabeça.*
—*Troca a dum burro por essa,*

ou

—*Dói-me a cabeça.*
—*Corta-a, antes que ela apodreça.*

Queres castanhas?
Vai ao burro da Costa que as c...
tamanhas.

Também no jôgo da cabra-cega se trava o seguinte diálogo:

—*Cabra cega, donde vens?*
—*De Vizela.*
—*Que trazes de lá?*
—*Pão e canela.*
—*Dás-me dela?*
—*Não, que é para mim e para a minha velha.*
—*Então, zupe-te nela.*

—*A que tens tu mêdo?*
—*Ao c. do bezêrro que é negro.*

E' verdade e é verdelho,
carrapato percebelho.

Os rapazes desafiam arrogantemente os sardões:

Sardão pão quente,
salta cá para fora a ver quem é mais valente,
eu c'um pau e tu c'um dente.

Até os convites se fazem deferentemente.

Queres ir ao Pôrto
a cavalo num burro morto?

Queres ir a Braga
a cavalo numa cabra?

Queres ir a Vizela
a cavalo numa cadela?

Isso, isso, isso,
mete abelhas ao cortiço;
se eu te quero bem ou não,
Ninguém tem nada com isso.

Depois o gracejo inocente, o jô-go da rima.

—O que foi?
—Uma vaca que pariu um boi.

—Que é aquilo?
—S. João a caçar um grilo.

—Então?
—Antão, sardinha gorda
pinga no pão.

ou

Então?
—Antão era pastor.
—E que mais?
—Arroz de cambais.

ou

—E que mais?
—Arroz com pardais,
Quem tem bexigas, ficam-lhe os sinais.

E ameigando os gatos:

Bichinho gato,
onde vais tão farto?

A' tua madrinha,
para te dar pão e sardinha?

E deitando de gato bravo, no sermão de S. Coelho:

Sermão de S. Coelho,
tem o rabo bem vermelho;
a carriça deu um grito
à porta de S. Francisco;
toda a gente se espantou,
só uma velha ficou
embrulhada num sapato
para mandar de presente
ao abade de S. Vicente.

E bonda por agora, que o tempo de rapaz já lá vai, sumido com saudade e voado tão veloz como as estrêlas seladas de papel a que dava a guita enorme para as ver fugir nas alturas!

Já me roubaram os botões, *ferrinhas* (as mais ganhadeiras) *chapolas*, *ceroulas*, e *galinhas*, do jôgo do *béto*, onde tantas vezes fui *rei*, *rainha e esfossa!*

Já perdi o meu pião, que à roda e á cruz tantas vitórias ganhou nas perfuradas *nacázias* que deu!

A bilharda, o chuço, a barra, o eixo, e quantos mais segredos de distracção moça lá se foram, na roda do tempo que a correr girou!

E como a mocidade de hoje se diverte tão diferentemente!

Quem me dera nos outros tempos e não saber o que sei hoje!

NOTA

(1) Em Ronfe, no lugar do Souto, em 1707 fazia-se uma feira de de gado de 15 em 15 dias. Hoje há uma anual de gado cavalar e muar no lugar do Caineu.

(Não consta hoje que existam.) Livro 1.º, manuscrito, de Abade de Tagilde.

(2) Há mesmo os dizeres que constituem sciência popular: *Se te vires em perdição, apega-te à criação* (Criar animais, galinhas, porcos, etc.) ou

Se te vires perdido, apega-te ao trigo. (Vender)

Mesmo porque:

Quem vende sardinha, come galinha.

Em contraposição há porém aquela experiência que ensina:

As galinhas põem pelo bico, e as mulheres (que amamentam) *o leite vai-lhes pela bôca.*

Quer dizer: Para as galinhas porem bem e as mulheres terem muito leite, é mister comerem que farte.

(3) Quando de uma epidemia em Guimarães o povo da vila se quis recolher a suas casas por estar aplacado o cantágio da peste, primeiro encheram a povoação por alguns dias dos gados dos contornos, para que com o seu bafo sanassem as partes infeccionadas.

Guimarães, do P.º Caldas, vol. II. pag. 186 e *Antiga Guimarães, do P.º Torcato Peixoto*, pag. 352.

(4) Em tempos que não podem averiguar-se, as hortas dos arrabaldes da vila foram destruídas por uma *bicha*; os hortelãos e pessoas que

usavam deste mister, comprometeram-se por voto, para extirpação do danado verme, a irem com o seu *império*, denominado de Maria Garcia, com sua dança e tangeres, na procissão *Corpus Christi* e nas outras da vila.

Festas anuais da Câmara de Guimarães, por Abade de Tagilde, no vol. XX da Revista de Guimarães.

ANIMAIS E BICHARIA

1—Quem ouvir o cuco em jejum não achará ninhos.

2—Os cães não ladram ás coisas más; apenas ganem.

3—Se bosta de vaca cai em água correntia, vai-se a fortuna do animal, (os lucros que ela pode dar, de-certo.)

4—E' pecado matar rãs, piscos, boieiras e andorinhas, porque lavaram os pés ao Senhor e a Nossa Senhora.

5—E' bom ter em casa um animal preto (cão, gato, galinha, franga, etc) porque atrai a si as coisas ruins.

6—Os pintos que nascerem no interlu (interlúnio) saem tontos e duram pouco.

7—Os pintos que nascerem em janeiro comem um boi e valem um carneiro.

8—Algumas galinhas vão pôr em sítios escondidos dos seus donos, que ficam sem os ovos.

Para que as galinhas denunciem o postoiro, costumam as mulheres do campo atar-lhes às penas do rabo uma pedra branca, correndo elas logo sem disfarce para o ninho.

Ou ainda:

Para se saber do postoiro da galinha, deitam-se-lhe no c. algumas areias de sal e fustiga-se com urtigas, que a galinha, supondo ter vontade de pôr, vai direita ao ninho.

9—Para uma galinha pôr depressa, quando lhe custa, deitam-se-lhe algumas areias de sal no c.

10—Para conhecer se os pintainhos (pitos) saem galos ou galinhas, pega-se-lhes pelo bico; se erguem as pernas, são galinhas; se as não erguem, são galos.

Ou ainda:

Se ao sair do ôvo os pintos tiverem o bico entre as pernas, são galinhas; se entre as asas, são galos.

11—Lançar os ovos a uma galinha deve ser operação feita por uma rapariga virgem e para que nasçam só frangas, dizer mais ou menos:

S. Salvador,
Nasçam tudo frangas e um só galador.

12—Para se ver se um ôvo saìrá galado, poi-se através de uma luz ou do sol, e se êle tìver uma mancha negra em cima, é galado; e do contrário, não.

Com ovos de 2 gemas saem os pintos aleijados. Conhecem-se porque têm uma risca ao meio, que se pode verificar pelo 1.° processo.

13—Quem empresta uma gali-

nha choca recebe, no fim, a galinha e uma pinta ou pinto, já apartados.

14—Mulher infeliz com as ninhadas das galinhas que deita, é feliz com o marido.

15—As galinhas de veia ou de navio torto (os ossos que formam o peito das galinhas e dos frangos) põem mais.

16—O 1.º ôvo que uma galinha põe deve ser comido por um homem, e isto para a galinha ter sempre boa postura.

17—Um ôvo tomado em jejum dá uma onça de sangue. Quem comer uma sardinha perde uma onça de sangue.

18—Os ovos ficam chocos logo que passe por eles uma sexta-feira, depois do dia em que a galinha aninhou.

19—*A hora* (na Ascenção) é do meio-dia à uma hora. Quando a galinha está de chôco, para que os ovos não gorem, deve cercar-se-lhe o ninho com objectos de ferro que tenham aço. Como o aço livra dos malefícios, deve supor-se que esta precaução não tem outro fim senão afugentar os demónios que podem aproveitar-se da *hora* para fazer das suas.

Nessa *hora* nem os passarinhos bolem com as ovos.

Também nessa *hora* é costume dar 3 voltas ao redor de um campo onde se não quer que venha a raposa, tocando buzina, e gritando nos intervalos: *Ai vai raposa! Ai vai raposa!*

20—As cascas dos ovos, de onde saíu uma ninhada de pintos, devem ser guardadas em sítio onde não passe bicho por elas. Do contrário, há perigo de não se vingarem os pintos.

21—Os pintos nascidos na lua de maio não se vingam. Há porém um meio de contrariar a má influência desta lua.

Os ovos serão baptizados. Consiste o baptismo em metê-los, pas-

sá-los, por água da fonte, mas água que não esteja em casa. Guarda-se esta água e evita-se que seque, porque secando lá vai tudo.

E quando os pintos estão para nascer—o que se conhece muito bem, já porque eles piam dentro da ôvo, já porque a galinha o indica aos peritos,—passam-se os ovos pela água guardada, dizendo 3 vezes: *mis*, *mis*, *mis*.

22—Se os ovos que hão-de ser lançados a uma galinha, não importa em que lua, são levados de um lugar para o outro, de modo que o portador passe por cima de água, (um regato, etc) é preciso cobri-los com migalhas e sal; do contrário os ovos goram.

Estas duas superstições, 21 e 22, têm, segundo afirma Martins Sarmento, culto sério em Briteiros.

23—Para se não perderem as galinhas, esfrega-se-lhes o rabo pelo lar, dizendo:

Se eu te procurar,
aqui te venha encontrar.

24—Quando se coze o verde (sangue de porco) e alguém se conserva de pé durante a operação, o sangue ficará mal cozido, porque não saïrá folhudo, isto é, com olhos, fôfo.

Pregunta Martins Sarmento, no livro manuscrito de onde respigo esta superstição, se será reminiscência do sacrifício

Para êle ficar folhudo, tambem costuma o povo, ao tempo que se vai deitando o sangue, chamar pelo porco com as interjeições—*Cocho*, *cocho*, *bicá! bicá! Réco*, *réco*, etc.

25—Os gatos que nascem em maio comem pintos.

26—Para se expulsar a doninha de uma freguesia onde ela faz mal, basta casá-la.

Como se não sabe se ela é fêmea, se macho, previnem-se quaisquer das hipóteses: Caso-te com fulano de tal, da freguesia de tal; com fulana de tal, da freguesia de tal. E dizem-se os nomes. E' claro que os indivíduos nomeados hão-de ser de freguesia diferente da infestada e a-

lém disso hão-de ser viúvos.

Depois de a casar ainda se diz:

Que tu para longe vás,
e nunca mais aqui hás-de tornar,
senão o vento te há-de levar.

27—Quando as pulgas e as moscas ferram muito, sinal de trovoada.

28—Numa junta de bois há sempre um que «manda». Parece que é o primeiro a dar sinal para comer ou para qualquer acto.

Por isso quando alguém compra uma junta de bois, pregunta logo: Qual deles é o que manda? Vulgarmente o que manda fica à entrada da porta. E' conhecido e certo.

29—Quem alagar ninhos de carriças ou nelas pegar, fica com a mão ou mãos trémulas para toda a vida.

30—Quando espirram as cabras é sinal de sol.

31—A centopeia tem tantas pernas como de dias tem o ano, diz o povo. A sua ferradela é venenosa e de morte.

32—Quando uma centopeia desce por uma parede, é sinal de chuva; quando sobe, sinal de sol. Quando se vê, diz-se 3 vezes para ela parar e poder ser morta:

S. Bento te prenda, ou S. Bento te tolha.

(*Trad. de Portugal*, de *L. Vasconcelos.*)

33—Um cão seca se se lhe bate com uma vassoura.

34—Quando as galinhas dormem muito ou catam o piolho é sinal de chuva, assim como quando um gato está muito sonolento; se o gato está muito brincalhão, sinal de vento; quando aparecem aranhas, sinal de vento; ferrugem ardendo no fundo das panelas, sinal de vento.

35—Quando um gato se lava é sinal de visitas; se a candeia crepita, sinal de presente, assim como quando uma pulga salta na palma da mão; se salta uma aranha, sinal de fortuna. Se uma pulga poisa na mão direita, é gôsto; se na esquerda, desgôsto.

36—Quando um boi muge ao passar pela porta de alguém, é sinal de casamento nessa casa.

37—Quando se quer que um cão ou gato não cresçam mais, passam-se pela asa de um cântaro.

38—Quando uma vaca sai a pastar a 1.ª vez para os campos, depois de ter uma cria, costuma o povo atar-lhe ao rabo uma fita vermelha por causa das dadas e males ruins. E' freqüentissímo também, as vitelas que todos os sabados vêm à feira, trazerem ao pescoço uma fita vermelha, por causa dos males ruins e maus olhados.

39—Quem criar muitos piolhos é saudavel da cabeça, quer dizer, poucas vezes lhe doerá, porque os piolhos chupam o sangue ruim.

40—Cada nota do canto da calcoré (codorniz), cada tostão, relativamente ao preço do milho. Dantes assim seria, e hoje, se a ingenuidade do povo neste canto acredita, será de escudo para riba.

41—O rinchão (peto) quando canta, adivinha frio e chuva; quando as galinhas e os galos cantam muito, chuva também; se os bois começam a berrar e aos saltos pelos pastios, marrando uns nos outros, é vento certo.

42—Levar os bois com jugo, quando não puxam ao carro, é mau. Muitas vezes quem o leva são os criados, e é para evitar que o jugo, indo solto, sem que os bois façam fôrça para puxar, não assente sobre a parte anterior do pescoço dos bois, o que acarreta vários inconvenientes.

43—Quem roubar animais de penas, terá penas no inferno.

44—Quando as andorinhas andam muito altas, é sinal de sol.

45—Quando miam os gatos, é uso dizer-se que lhes doem os dentes.

46—E' preciso matar de todo o sapo, quando o ferimos, senão vem

ter connosco à cama. Por isso se diz, usualmente, quando alguém aparece ainda dorminhoco, de manhã: *Olha o sapo! Olha o sapo!*

47—De quem é rico dizem: Aquele tem grilos em casa (da borralheira).

48—Em Guimarães, as freiras do Carmo, para evitarem que as formigas fossem ao doce, punham na porta dos armários um papel com êste letreiro:

Em louvor de S. Bento,
que não venham as formigas cá
dentro.

(Tradições de Portugal, de L. de Vasconcelos.)

49—Quando foge um enxame de abelhas, êsse enxame ficará pertença de quem o apanhar.

50—As borboletas negras são enviadas do diabo (sinal de más notícias, mau agoiro) e as brancas enviadas de Deus (boas notícias, bom agoiro.)

51—Ano de bugalhos, ano de moscas, ou vice-versa.

52—Não é bom enterrar animais de penas.

53—Não se devem lançar fora os cabelos que pela 1.ª vez se cortam às crianças, porque caindo em água transformam-se em cobras, saramelas, etc.

54—Se uma galinha, etc. engulir dentes dos que as crianças mudam, não lhes nascerão outros.

55—O pisco do rio ou pica-peixe é um pássaro aquático. E' muito lindo de penas e tem a virtude de livrar a roupa da traça, lançada a sua pena nas gavetas.

Memoria da Ribeira do Vizela, livro manuscrito, por Antonio José L. de S. Paio.)

E' uma crença como outra qualquer.

Superstição de venda e compra

56—As nossas leiteiras, e jul-

go que tôdas e em tôda a parte, deitam sempre um nadínha de água no leite que vão vender. Constitui superstição forte e arraigada, e nunca deixam de o fazer, e isto para que o leite não seque nas vacas ou cabras, caso alguma pinga caia no chão e qualquer bicho ou animal a lamba.

Tem mesmo correlação com o que as mulheres fazem quando alimentam os filhos.

Se qualquer pinga de leite cai ao chão no acto da amamentação, a mulher ou lhe deita logo água ou lhe cospe 3 vezes, evitando assim o perder o leite, caso, algum bicho ou animal a lamba.

57—Costumam as lavradeiras, quando vão vender uma teia de linho ou estôpa, deitar-lhe dentro uma pulga, para serem bem sucedidas na venda, e pela mesma razão quando a venda é de milho, etc, costumam fazer uma cruz no fundo dos sacos.

58—Quando se vai vender um

porco, deve êste ser tangido com vara de trovisco ou oliveira, para ser bem vendido, e quando se compra, por via das más olhaduras, atravessa-se a corda em que êle vem preso à porta da corte, fazendo-o entrar com a cabeça para fora e esfrega-se no lombo com alhos, em cruz.

59—Quando a venda é de bois, deve levar-se uma aguilhada de oliveira, e assim para que a venda seja boa e favorável.

Há ainda a versão: Quando se quer vender qualquer animal, boi, porco, etc, dá-se-lhe, ao sair de casa, com a porta da rua pelo lado de trás, para ter melhor venda.

Quando se compra qualquer animal e êle saia fraco comedor, vai-se a casa do dono que efectuou a venda e sem que êle veja furta-se-lhe uma pedra da casa ou do quinteiro.

Armadilhas para apanhar pássaros

Das Tradições Populares de Portugal, do sr. L. de Vasconcelos, transcrevo na íntrega uma página con-

sagrada a Guimarães sôbre este assunto, demais porque, em tôdas as suas diversas particularidades está ordenada com justeza, com verdade e com o tique especial que caracteriza os nossos *passarinheiros* de profissão e a rapaziada travessa das fisgas, das ratoeiras de arame, palheiras com visco e dos laços de cordel para a montaria aos pardais e caça às pombas.

a) *Alçapão*—E' uma espécie de gaiola quadrada, de 0,^{m}1 de alto pouco mais ou menos, tendo na parte superior uma porta que abre para cima; esta porta, na parte superior, sustenta um chumbo, para que, desarmado o pau que a sustenta, ela caia e feche a gaiola; dela se suspende uma espiga de painço, de modo que o pássaro a não possa tocar sem tocar no pau que a sustenta.

Os *alçapões* são geralmente destinados a pintassilgos, e por isso junto dêles se põe uma gaiola com um pintassilgo (a que denominam *chama*) dentro, para chamar os outros.

d) *Caixão*—E' um caixão ordinário que se arma por meio de dois paus e um fio preso nas duas extremidades do caixão que pousa no solo. E' destinado ao pombo.

e) *Castelão*—E' um arco cujas duas extremidades estão tensas por uma corda.

Na curva do arco prênde-se uma rêde conica. E' destinada a caçar *sombrias*; o chamariz é um grilo ou môsca grande.

f) *Rêde*— A rêde emprega-se para apanhar os pássaros bravos nas mêdas onde vão pernoitar; cerca-se esta com a rêde, bate-se a mêda, e os passaros, ao fugirem, ficam presos nela.

g) *Laço*—O laço é feito de fio, com um nó corredio; dentro do círculo formado pelo laço põe-se milho, e quando, para o comer, entram as pombas dentro do laço, puxa-se pelo fio, ficando presas pelos pés.

Para os peixes

b) *Noça ou Naça*—E' uma rêde semelhante á do *castelão*, com a diferença de ter na bôca uma rêde mais pequena para obstar a que o

peixe que entra não possa ser levado pela corrente; coloca-se na parte mais estreita do rio.

c) *Alvitana* E' outra rêde comprida que se atravessa no rio, durante a noite, para apanhar o peixe na corrente: outras vezes a *alvitana* põe-se diante dos *aloques* que, assim tapados, são batidos com um pau para o peixe fugir e cair na rêde.

COSTUMES E USANÇAS

IV

Há certos costumes e usanças que o povo conserva num respeito obediente à tradição, seguindo-lhes as praxes e os ritos, e há outros que vai desprezando lentamente, não por sua vontade, mas por caprichos vários, por influências modernas, por determinações superiores, e ainda muitos por desleixo da vontade, pelos inconvenientes da sua conservação nos tempos de hoje, tempos de melindres e de modernismos lançados e subidos pela escala e craveira de todas as camadas sociais.

Todos se recatam e as brincadeiras têm peias.

Porém, a tradição, a que envolve pureza, crença, misticismo, a que espalha dores e envolve saber doutrinário de cautelas e prevenções, a tradição que vive lá longe, afastada do grande mundo e mais perto do céu, a tradição do povo humilde, que forma a honra dos seus antepassados, que faz parte dos seus hábitos de folga, dos seus costumes de vida, tem asas leves de adejo nesses corações inocentes, que o levam em sonho ou em embriaguez por essa vida além, a espalhar nos tòjos do caminho, até às ermidas da fé, o sangue da sua devoção, a verter no seio dos adivinhos o amealhado do seu trabalho, o segrêdo da sua vida, os pecados da sua fraqueza, a levar aos campos o suor do seu rosto no gemer vagaroso do arado, no gesto do braço, criador e penitente, benzido do peito ao céu e baixando em curvaturas à terra, em espalhos de semente, no arranhar da grade, cobrindo de luto uma sementeira para que Deus faça o milagre da reprodução, nos golpes da enxada, catando males e abrindo sulcos de veias para que a água corra em alimento, no arrastar do

engaço e no rugir cantarolado da foicinha, ágil, leveira, em maré de recolher, como asas batendo para os pombais ou para os ninhos...

A tradição do povo das aldeias tanto vai da sua crença aos actos de fé, como vai da sua vida às práticas supersticiosas, levando à alma consôlo de rezas e amor de santos, ao corpo benzilhices e mixórdias de bruxedo e aos campos engenhos e animias inocentes de espantação para as coisas ruins e daninhas.

Amor e trabalho, vida e céu, rezas e romarias, ermidas e arraiais, descantes, festadas e rifas, oratórios, danças e penitências, dores e sofrimentos,—corda de murta e rosas, de espinhos, de cravos de fogo, de fôlhas de era, de alfádega e romeiro, de sempre-verde, de alfazema, de mal-me-queres, de laços arcoïrisados de muita festa, de lenços pequeninos de muita lágrima, de estampas de muito santo, de prendas de muita rifa, a prender em ligação humilde corações com beijos ainda fechados, almas com a inocência guardada, crianças com o riso ainda fresco, mães com a devoção da sua vida no

caminhar pesado da sua cruz, namoradas com o sonho dos arcos e os confeitos do casamento, beijos a espigarem no rosado da face e os braços no movimento de abraçarem, Deus me livre!, de abraçarem os serviços que ao peito, em gesto de erguer, têm de unir para rumo do serviço, a prender ainda,—corda tão segura e de poder tão forte!—peitos de trabalho que a lida enrijeceu, homens que o tempo gastou em sacrifícios e privações, braços que a luta temperou, corações que as arrelias empederniram, mas numa prisão santa de resignado amor pela terra, pela vida, pelas dores, pela família, pelo céu, pelo trabalho, pelas rezas, pelos santos e pelas romarias, pela liberdade e frescura dos campos sem peias e sem convenções.

Não fosse o povo tão simples e ignorante e essa corda de engaste jamais prenderia à tradição a sua humildade, a sua superstição, porque do riso e mofa de quem o vê na prática dos seus aferrados habitos, o povo saberia fugir, abrindo barrimenta de jôgo de pau e a roda dispersaria em barafunda e sem mais entendi-

mentos possíveis de conciliação...

De pequenos nadas, de sínteses ligeiras, da magia com ligação presa a crenças que o paganismo importou e que sofreram na essência modificações e arranjos de mais calhado efeito, gôsto e vantagens a êste e áquele caso, do animismo, alma das coisas e animais que o povo respeita pelo temor, pela credulidade dos agouros, das pragas, mêdo dos maus-olhados e dos ares ruins, é que se forma em cadeia de ligação, em tendências e exteriorizações, a história geral desde remotos tempos até à reconstrução local, do viver em usos e tradições, de um povo que varia nos costumes e hábitos como varia de santos para as suas promessas e de romarias para as suas folgas.

Noutros tempos, porém, a folia, era o estouvado cabriolar do Carnaval, farroupilha, bêbado e escancarado de gargalhada, corrido à batata e à laranja; era o correr do diabo à solta em dia de *S. Bartolomeu*, de noite, cântaros de barro abertos em careta de mefistófeles e iluminados a luz de vela; era a queima dos judas maltrapilhos no sábado de ale-

luia, quando os sinos de tôdas as torres repicavam ao desafio e a música regimental rompia em alvorada.

A tradição era também o S. Tiago da Costa, com 4 e 5 andores de aparato, com adeuses até o ano, no final, a venda das alfádegas de cheiro pelas raparigas e estampas na fita do chapéu dos homens; era a Ronda da Lapinha com seus guiões e zèpreirada estrondante; era o S. Jorge, procissão de gala e efeito, com os cavalos da fidalgaria cobertos de xairéis em acompanhamento e ervas cheirosas cobrindo as ruas; era a procissão de S. Luís Gonzaga, procissão de graça e risalhada, dos pequenos da comunhão, andores pequeninos e fila longa de laçarotes brancos nos braços de muita rapaziada.

A Tradição eram aquelas festas mais remotas de que nos fala Abade de Tagilde na «Revista de Guimarães» (ver vols. 20 e 21): a do *Corpo de Deus*, com figuras diversas, folias e danças mouriscas, dança da péla, dança dos instrumentos, dança dos ciganos, dos tendeiros, dos linheiros, das pescadeiras, dos mercadores, folia das moças, terminando com uma

corrida de touros no Campo do Toural; a procissão da *Candeia*, *pavio ou rôlo*, conduzindo-se sôbre um pequeno andor um pavio coberto de cera da extensão dos muros da vila, ornado de frutas de cera, boninas e ramos, indo na frente da procissão raparigas galhardamente enfeitadas conduzindo pães de trigo que eram oferecidos aos enfermos, comunidades religiosas, etc, etc; as procissões das *Ladainhas*, *Bênção dos Ramos* e *S. João*, com *festas* e *folias*, etc, etc...

Ainda assim ficaram as cascatas modestas ao S. Pedro e S. João, as tradicionais fogueiras, divertimentos da gente moça, e as noites de serêno e estúrdia, de orvalhadas, sortes e de mistérios, do povo folgazão e supersticioso.

Os *reis* e as *janeiras* são a romaria cantarolada dos rapazes que vão pelas portas em grilhada de ferrinhos, pandeiros chocalhos e relas preguntando *se cantaremos*, gritando no final se a gratificação não vem:

Esta casa é de breu,
aqui mora algum judeu.

ou

Esta casa cheira a unto,
aqui mora algum defunto.

De resto, dos costumes e usanças, é que se pode formar o quadro completo, com claros e escuros, da vida do povo humilde.

O Natal e a Páscoa são duas festas de crença e de respeito. São cheias de tradições, de lendas, de scenas sagradas e brilhantes de luz, de felicidade, de alegria. São o amor da família, o amor do próximo, a obediência ao seu Senhor e o agasalho do seu credo, do seu semelhante.

Pelo Natal e até os Reis, em muitas igrejas das freguesias, o Deus-Menino tem a sua adoração em presépios bizarros de cascata, com novenas de cantoria e missa do galo à meia-noite. (1)

Quando o *compasso* sai da igreja para a visita pastoral, os sinos repicam festivamente e no ar rebentam morteiros, assim como a mesma manifestação se repete quando recolhe à paróquia. (2)

Rapazes de campainha, numa agi-

tação frenética, seguem em dianteira o compasso, indo a cruz adornada de ricos cordões de oiro e de flores.

Os caminhos estão todos estrados de ervas cheirosas; as casas todas lavadas e floridas; as mesas todas postas; os buracos das paredes todos cheios de ramos em graça de primavera.

No sábado de Aleluia, pelas ruas da cidade, a feira mais concorrida do ano, os pensadores de gado, em reclamo aos marchantes, passeiam os bois de engorda, que serão abatidos em sacrifício da grande festa da Páscoa.

Caminham imponentes, com pachorra, cambos de gordura, coleiras à moirisca bimbalhando carrilhão, flores nos chifres e laçarotes nos rabos.

Pelo andar dos anos, no dia de Páscoa, os padrinhos dão aos afilhados a rosca de pão-de-ló, e algumas madrinhas, aos afilhados ainda tenros, mandam-lhes os ovos tingidos. (3)

Não são vulgares, por esta região, as esfolhadas e as espadeladas aparatosas.

«Ordinàriamente cada lavrador esfolha o milhão auxiliado pela sua família, serviçais e jornaleiros, e uma ou outra vez, quando a quantidade é grande, convida os vizinhos para a esfolhada, em geral à noite, aos quais no fim do serviço é servida a ceia, que consta de sardinhas, borôa, vinho ou água-pé.

Nestas esfolhadas maiores, que são acompanhadas das cantigas mais em voga, v. g. S. João, malhão, cana-verde, e modernamente a rosa tirana, as feiticeiras, etc, é de uso aparecerem os *embuçados*, moços disfarçados com um lençol ou qualquer outro agasalho, que dão margem à gargalhada e por vezes são causa de desordens, ainda que leves.» (*Tagilde, por Abade de Tagilde.*)

As espigas vermelhas, espigas *rainhas*, quem as encontrar tem direito de abraçar quem bem lhes apeteça, mas é vulgarmente esta sorte desprezada pelos abusos que acarreta.

Com as espadeladas acontece o mesmo.

Quando são grandes, juntam-se muitas mulheres, à noite, ao luar de

Agôsto, sobre as eiras, para essa função alegre de cantoria, chegando os namoros as estrigas às conversadas, para o sacrifício da espadela, aos quais, no final, é servido bacalhau frito, pão, vinho ou água-pé.

O linho é cultivado por todos os lavradores desta região; passa por enormes trabalhos e dá variadíssimas canseiras, mas é lindo vê-lo já em tendal, e ir lentamente numa transformação de brancura correr em tear caseiro para depois caminhar para as arcas, em bragal e limpeza, que constituem o enxoval de mais encanto e maior riqueza para as mães darem às filhas em dote de casamento.

Os nossos lavradores costumam levar o linho, depois de ripado, quando vai a enriar, em carros de bois, ou quando o vão buscar ao rio, depois do tempo da cura, acompanhado de festadas, jugos adornados de flores e carro chiante de alegria, gemendo nos eixos untados de azeite.

As vindimas, pisadas das uvas e as malhadas são também funções alegres da gente alegre dos campos,

que tem nas rifas o seu divertimento, no Entrudo a sua alegria, polvilhando de brilhantes, com fios de trena aloirada de mistura, os cabelos untados das moçoilas fortes da aldeia, e no jôgo das redouças (o mesmo que retoíças, balouços formados com um cano longo de carvalho, afeiçoado ao movimento de vai-vem), pelo domingo de Páscoa, Pascoela e S. João, o seu melhor folgar, folgar da mocidade que quási sempre chama a êsse divertimento, festadas de capricho para danças de despique. (4)

NOTAS

(1) Abação—S. Tomé—Diferentes casais pagavam pelo S. Miguel o *voto*, que era de uma rasa de milho.

Em 1742 proibe o visitador que o pàroco dê o *Menino a beijar* andando pelo meio das mulheres, como costumava, desde o Natal aos Reis e bem assim o *manipulo* nos terceiros domingos, devendo fazer uma e outra cousa no arco cruzeiro.

(Livro 2.º manuscrito, do Abade de Tagilde.)

Ainda hoje é freqüente andarem os padres a dar aos fregueses, dentro da igreja, pelo Natal, o Menino a beijar, seguindo-o o sacristão com a taça para receber esmolas.

(2) Em Ronfe, as *mondas* eram 2 alqueires de pão pagos por cada lavrador de oferta de mão beijada, devendo os abades darem anualmente em remuneração 6 almudes de vinho para os fregueses beberem em dia de Pascoela As *mondas* foram mandadas pagar segundo o uso, pelas cinco festas do ano. (*Livro 1.º, manuscrito, do Abade de Tagilde*)

Como todos estes usos morreram!..

No Asilo de Inválidos da St.ª Casa da Misericordia distribui-se na noite de Natal uma ceia a 24 pobres convidados pela mesa.

O Albergue do Anjo dá pousada e lenha por 3 dias aos pobres passageiros, e uma ceia de bacalhau cozido com batatas, pão e vinho a qualquer número de pobres, que ali se apresentem na véspera de Natal, os quais costumam concorrer em número de 50. Além desta ceia,

dá uma outra em igual noite a 12 pobres, que constará de 40 réis de pão de mistura, 6 onças de bacalhau cozido com batatas e 1 ôlho de couve, 1 bolinho de bacalhau desfeito, meio quartilho de vinho verde e um pratinho de arroz doce ou aletria. (*Guimarães P.e Caldas, vol. II.*)

Ainda exis em, um pouco modificadas, estas ceias de consoada.

(3) Constituem estas ofertas dos padrinhos sob todos os pontos de vista, uma nota curiosa e típica das aldeias.

Ainda em voga: A madrinha manda à comadre 2 galinhas e meia dúzia de trigos de cantos; o padrinho manda dinheiro.

Mais tarde, a madrinha manda o enxoval para a criança; 3 camisas, 3 chambres, 3 toucas e uma branqueta de quadros (isto pouco mais ou menos); o padrinho dá a branqueta rica para o baptizado, e por vezes outra, lisa, para cotio.

O padrinho paga as despesas da igreja; a madrinha dá uma gratificação à parteira (dantes 500 réis) e dá o samagaio aos rapazes, que tanto pode ser em dinheiro como em trigo de cantos. Se é em trigo, dà 1 inteiro ao padre, meio ao sacristão, meio a cada um dos que alumiam e um canto a cada rapaz que apareça na pedincha do samagaio.

No final há repique, pago pelo padrinho.

Á vinda da igreja é costume, e dizem que é bom, a madrinha trazer a criança até casa dos pais.

(4) Na terça de Entrudo, fogueiras, tiros e gritalhada por um funil a enxotar os milhãos, o que poupa trabalho nas sach s. As cantigas

de S. João, tôda a noite de véspera: «a fim de receber o orvalho da mesma e colher seus ramos, os quais colocam no meio das searas p.a serem abençoados seus frutos, igualm.te fazem ramos de flores q̃ colocão nas fontes aonde tem suas apaixonadas p.a q.do elas pela manham forem a ellas acharem estes brindes». Esfolhadas, fiadas, espadeladas, estopadas e «outras reuniões de gente feminina, aonde os Galoens vão fazer côrte a suas damas».

As maias. O calor das vindimas com fartança de todos os apetites, desde a comesaina à dança, com biscoitos, cigarros, álcool e moças quebradas da solheira.

Aos domingos: a missa, com os negócios apalavrados e fechados no adro; a sesta em boa mandriice—enquanto as namoradas, à porta do eido, estão debicando os namoros; o têrço; a venda com o jôgo da bola ou a rifa do galo. As mulheres espulgam-se e lá diz o outro que a parte do corpo a que dão mais exercicio é à língua.

S. Torcato, por Eduardo d'Almeida (*na Revista de Guimarães, vol. 33.*)

COSTUMES E USANÇAS

1 — *Encantar o milho alvo ou painço.*

Constitui um uso muito agarrado à crença do povo, e ainda hoje freqüentemente praticado para as bandas de Vizela, êste de encantar o milho alvo ou painço para que os pardais o não devorem.

A operação é textualmente assim levada a cabo, porque a presenciei e os necessários informes colhi: — Quando o milho alvo ou painço principiam a amadurecer, o lavrador mune-se de um panelo novo, dei-

ta-lhe dentro fel de boi, tapa-o com um tèsto e ao bater das Trindades, com a fralda da camisa de fora e o panelo na mão, dá 3 voltas ao redor do campo onde aloiram o painço ou o milho alvo, dizendo em cada volta:

Estôlha, Estolha passarada.
filhos da ramada!
Passarinhos, ao monte, ao monte!
o monte tem mel e o campo fel.
Estolha, passarada! Estolha, ladrões!

Depois enterra o panelo no meio do campo.

Os pardais não irão, de certeza, bulir com aquele cereal. E' remédio santo, acredita a ingenüidade popular. Mas não deve, é da crença, ir o rapazio fazer barulheira com latas velhas e velhos ferranchos, na ideia de afugentar os pardais d'aquele campo. Não é preciso e torna-se funesto, porque neste caso o milho alvo ou painço perdem o encanto e então é que a passarada furta e devasta. Três ou quatro dias antes de se cortar o cereal, é necessário desenterrar o panelo; do contrário ficaria o cereal com travor e mau gôsto.

1 — As Maias

No 1.º de Maio, costuma o povo das aldeias pôr nas fechaduras das portas *gestas* brancas, para o burro não ir ao pão, ou para não entrar em casa o maio, a cavalo, partir a louça.

A versão das Maias é por demais conhecida de todos, para que a repitamos por completo.

Em Jerusalém, a casa onde se refugiou Nossa Senhora, foi marcada com giestas brancas, para denunciar o seu paradeiro. Ao outro dia, porém, todas as casas, de manhã, apareceram enfeitadas com giestas brancas, desnorteando assim os perseguidores de Nossa Senhora.

Mudando, na cidade, de feição, mais integrado o 1.º de Maio no significado social de dia dos operários, com descanso forçado de portas fechadas e romagens aos cemitérios e comícios publicos de evangelização democrata e defesa de interesses e situações, é raro aparecerem hoje, nos adôrnos das casas, nesse dia, seguindo a tradição significativa da

lenda cristã, a giesta e as maias. (1)

Nos tempos que correm, a feição mudou, mas persiste a continuidade, pelo menos,—a ideia do que foi nas variantes da fatal transformação,—seguindo a lembrança e não apagando totalmente o facto, a razão de ser.

Nos tempos de hoje aparecem então as varandas e janelas (do elemento operário, e mais nas ruas Nova, de Gatos, S. Dâmaso, St.ª Maria, etc, etc,) adornadas bizarramente de flores, bandeiras, cordões de murta, canos de pinheiro e carvalho com bichas de papel de sêda e mil arco-íris de côres e fantasia.

Está de ver que assim, a significação abrange outro motivo.

Os carros de carreira, (Póvoa de Lanhoso, Braga, Felgueiras, etc) antigas diligências, imperiais de 3 andares de assentos, e tejadilho alto, noutros tempos, eram açafates de frescura, nesse dia, e os cavalos, derreados ao pêso de arreios de grossas ferragens, antigos corcéis pareciam, arrastando carros de triunfo dos Deuses Pagãos das selvas e dos bosques...

(1) A giesta vulgar dá uma flor amarela, porém à que deita flor branca, chama-lhe o povo *maia.*

Ainda hoje os próprios *camions* se enfeitam; parece que êsse dia embriaga, talvez pelo brilho do sol que arrogantemente espera um nevoeiro que o ofusque...

Os talhos, oficinas de sapateiro e tabernas, embandeiram em arco os interiores dos estabelecimentos, num alegre sorrir de festa e côr.

2—No primeiro domingo de Maio, os lavradores, assim como levavam a S. Francisco a novidade de frutos e colheitas, encaminhavam os bois ao terraço de S. Domingos: e os fradinhos benziam o gado. (*S. Torcato, por Eduardo d'Almeida, na Revista de Guimarães, vol. 33.*)

PADRE-ÓS-OVOS
(Páscoa)

Pela Páscoa, quando da visita do padre, não há lavrador nenhum que não ajeite a sua mesa, ou melhor, ponha a sua mesa, (pobres, ricos ou remediados, todos querem receber,

adentro de suas portas, o padre) com flores modestas das arribadas: coroas-de-reí, pucarinhos, pregos-de-oiro, etc. e ao centro dela a esmola que destinam ao seu pastor, conforme as posses de cada um.

Todos os caminhos que levam aos casais e todos os muros que os casais guarnecem e em grande redondeza, pelos buracos e frestas, são estrados e enfeitados com alecrim, abróticas, (abrótias) e mentrastes, etc, etc.

Os ricos, no centro da mesa, além dos doces e vinho e mais lambarices, põem sempre a sua oferta, que consiste em meadas de linho e ovos e as tradicionais maçãs com o dinheiro espetado, se é em cobre ou prata, ou mesmo colocado em cima delas: os cabaneiros limitam-se a adornar as mesas de flores, colocando no centro as maçãs com o dinheiro ao padre destinado.

O padre costuma pedir licença para levantar a mesa, levando as maçãs e o dinheiro e o mais que vir que lhe é destinado.

Quantos vão comprar as maçãs para pôr ao padre nesse dia!

Abençoada pobreza, filha legitima de Deus, desprezada dos grandes, é ainda assim a vós que se deve a verdadeira poesia da tradição e o verdadeiro estudo e encanto das suas festas incensadas, puras e suaves e frescas, quer a religiosidade as coroe, quer o paganismo as defume e lhes dê laivos de pantomina louca, quer o amor de família as agasalhe no achêgo do confôrto ou no íntimo dos corações, em entendimentos de olhares e rezas.

2—Os ovos cozidos que se dão às crianças e aos afilhados pelo tempo da Páscoa, e que aparecem de variadas cores e, alguns mesmos com feitios simples e bizarros, feitos com ganchos de cabelo, etc, são coloridos da seguinte maneira: Cozidos os ovos com água que leve cascas de cebola, ficam castanhos; com lírios roxos e cascas de cebola, ficam de côr castanho-escuro; com flor de mato, ficam amarelos; com lírios roxos, ficam roxos.

A nova indústria de exploração costuma pintá-los, depois de cozidos, com anilinas, mas convém dizer-se que ficam borratados e não

tão perfeitos de pintura como aqueles que são cozidos com os ingredientes simples da natureza e que o saber do povo aplica na perfeição.

3--As flores que adornam a mesa pela ocasião do padre-ós-ovos, devem conservar-se 24 horas.

4 - Chovendo em dia de Páscoa, não haverá nozes nesse ano.

Natal

1—Na véspera de Natal, nas aldeias, não se levanta o lume (nao se deita à borralheira), deixa-se ficar a extinguir no lar. Quanto mais durar, mais fortuna para a casa. Por isso não se apanha do lar, e há quem o vá alimentando por alguns dias sucessivos. Até aos Reis, muita gente o conserva.

Assim também não se deve levantar a mesa, para que as alminhas venham ali altas horas, comer.

Em St.ª Leocádia, e provàvelmente noutras partes, na véspera da noite de Natal, é costume pôr fora da porta de casa, à meia-noite,

um prato com bocados de todos os comestíveis da festa. E' para as almas (e pelas almas).

Mas é preciso que ao dar a meia--noite e ao pôr o prato, se leve uma luz; do contiário as almas não vêm comer. E' fácil vê-las então em fórma de borboletas brancas, as que estão em bom lugar; pretas, as que estão em mau.

Na aldeia, para conhecer a meia-noite, espera-se pelo cantar do galo, que naquela noite só canta àquela hora em ponto.

Fora dêsse dia há galos que cantam a outra hora; mas cantando a hora certa, são tão estimados que muita vez, quando se quer comprar algum dêstes, a dona responderá:—«Ah! êsse não vendo; é muito certo no canto.»

2—Havendo luar na noite de Natal, haverá muito vinho no ano seguinte.

3—*O lume novo* faz-se na véspera de Natal com o canhoto que se queima o bastante para dar brasas, que se apartam cuidadosamente das

velhas, inutilizando estas. As brasas novas conservam-se na borralheira, como é costume. Se se gastam, fazem-se novas brasas do canhoto. O canhoto, é bom acendê-lo em dias de trovoada, como se sabe.

Quando não há o canhoto de Natal, pode substituir-se pela seguinte cerimónia:

Quando trovoa, põem-se 3 brasas do lume a par e atravessa-se por cima delas a ponta de uma fouce, que, como é curva, as abranja todas 3.

Há também a erva do raio, a erva de Nossa Senhora, que os lavradores e alguma gente da cidade põe em cima dos telhados, em vasos, para preservar dos raios. As velas benzidas, postas a arder no santuário, também livram das trovoadas, assim como uma lamparina acesa, que seja alimentada com azeite da terra.

4 — Ainda na véspera de Natal se deve fazer *lar novo*, quer de todo, quer barrando-o, quando está estragado.

5 — Também nesse dia é bom re-

formar as panelas, tachos, etc, da cozinha.

6 — O canhoto que é queimado na véspera de Natal e que livra das trovoadas, para ter maiores virtudes deve continuar a queimar-se até os Reis, à hora da meia-noite. Requeimando-o com *lume novo* e pondo-lhe um bocado de bosta de boi, fica com a seguinte virtude:

Se uma pessoa está com doença esquisita, deita-se de modo que fique com a cabeça para o lado do *oriente*; acende-se o canhoto e faz-se atravessar o fumo que êle lançar por cima do operado.

A bosta de boi há-de ser da que serviu para tapar a porta de um fôrno que cozesse na véspera de Natal.

7 — As migalhas que ficam da ceia de Natal e depois de aproveitadas pelas almas, devem ser guardadas e deitadas no campo onde se semear painço, se se quiser que os pardais o não comam; porque os pardais comem as migalhas e não voltam mais ao campo.

8 — O vento que soprar na véspera de Natal regula o ano. Se vem do lado da Penha (nascente), tempo sêco. O mais curioso é que o vento que sopra da Penha vem de Arouca. Por isso se diz dêle: *Vento de Arouca, tempo sêco e chuva pouca.* E' conhecido e vulgar êste dizer.

9 — As pinhas que se assam pelo Natal, (para lhes extrair os pinhões, gáudio da rapaziada para o jôgo do rapa e par e pernão) conservam-se e servem pelo ano adiante para afugentar as trovoadas. Quando trovoa, deitam-se algumas ao lume.

10 — Se na noite de Natal houver meio luar (luar metade da noite) haverá no ano seguinte mais vinho. Se porém o luar fôr inteiro, (durante tôda a noite), a colheita do vinho será inteira, quer dizer, maior ainda.

Também se diz que não haverá nenhum vinho se a noite de Natal fôr escura.

11 Como é costume os patrões darem pelo Natal a consoada às criadas que vão passar a festa com as

suas famílias, e essa consoada conste quási sempre de bacalhau, quem as vê passar diz logo: — «Aquela vai com o rabo de fora». Fica-se a saber que vai passar o Natal com a família, porque leva o rabo do bacalhau à vista.

Também nas aldeias os lavradores dão a consoada aos criados e criadas que vão passar o Natal com a família, consoada que vulgarmente consta do seguinte: batatas, olhos de couve, cebolas, algumas vezes vinho, e uma broa de pão misturado ou um bôlo, (quási todos os lavradores cozem pão misturado, composto de milho, centeio, trigo e milho alvo, na vespéra de Natal, de madrugada), e àqueles que não vão consoar a casa o costume é dar-lhes dinheiro, correspondente ao valor da consoada que tencionavam dar-lhes em géneros.

Os pais dos criados e criadas costumam ir levar também, aos amos onde os têm a servir, 2 ou 3 dias antes do Natal, o trigo para os formigos, que varia entre 3, 6 ou 8 trigos.

Entrudo

1 — Na noite de Entrudo os lavradores fazem fogueiras de silvas, nos campos, para afugentarem as milhans, assim como dão muitos tiros de espingarda para o mesmo fim.

O gado deve no dia seguinte sair muito cedo para pastar, porque os que para mais tarde ficarem, ficam com os carrapatos que os outros guardadores lhes deitam.

Os lavradores graciosos passam a buzinar por funis, de noite, correndo a freguesia a dar parte dos escândalos mais sensacionais e com insinuações descaradas e apimentadas de gôsto e sabor, em pregão demorado de algazarra barulhenta.

Este costume, é de ver, dava sempre pancada, porque por vezes, no tarde ou no cedo se descobriam os autores da pantomina, e por isso vai perdendo um pouco de moda.

2—Ruge-ruge

E' a troça que se vai fazer, com panelas de lata, rolas, ou qualquer coisa que faça barulheira, à porta dos que deixaram passar a Quaresma sem se desobrigarem.

E' brincadeira que dá desordens como a seguinte:

3—Serrar a velha

A velha é figurada por um grande cortiço, que dá um som cavo e que se finge serrar com as costas de um serrão, etc.

A troça faz-se na 4.ª-feira, do meio da Quaresma, como é sabido, e à porta das diferentes velhas da freguesia. E' de noite. Há carpideiras: «Morreu a velha!» «Serre-se a velha!» «Lá vai a velha!» Ha grande calendário de gritos confusos e gritaria de choros pegados, etc, etc.

4—O Entrudo grita muito quando calha num dia de jejum.

5—A cinza tira-se de um cano de oliveira, que se benze no domingo de Ramos e se conserva na sacristia até 3.ª-feira de Entrudo. Na 3.ª-feira queima-se; guarda-se a cinza e na 4.ª-feira dêste nome o padre derrama-a pela cabeça dos fiéis.

E' ir buscar o juízo que se per-

deu na estúrdia do Entrudo.

E' nas igrejas paroquiais que se realiza esta cerimónia.

6—No domingo de Ramos, cada pessoa duma casa leva um ramo de oliveira, com que ouve missa e acompanha a procissão em volta da igreja. Êste ramo espeta-se depois na sementeira do linho; —dá-lhe virtude. Guardado em casa, preserva contra as trovoadas, sendo deitados em cima de brasas, para arderem, alguns raminhos.

7—Na 4.ª-feira de cinza, depois das 4 horas da tarde, não há nenhuma mulher da aldeia que fie, porque foi nesse dia que fiaram as cordas para suplício do Senhor, nem se queima cinza nas barrelas, nem se bole tam pouco na terra, porque nesse dia abriram também a cova para a cruz onde o Senhor foi crucificado.

Ainda hoje êstes preceitos são respeitados por muita gente. Posso garanti-lo.

8—Na 4.ª-feira de cinza devem

as panelas, tachos, etc. ser lavados com sabão, pois é considerado êsse dia, um grande dia de jejum que o povo mais temente leva de vencida durante toda a Quaresma, sem desvios e com toda a afirmação de fé.

9—No dia de Entrudo não se deve fiar, porque se fiam as barbas ao Entrudo.

S. JOÃO

1—As atrancadas ou roubalheiras do S. João

Nas cidades como nas aldeias, o S. João, santo das folias e dos casamentos, companheiro e protector da mocidade, é festejado com algazarra, descantes e danças.

Fogueiras e cascatas, alegria, côr, embriaguês...

Amores sonhados e confessados, beijos perdidos e noites à vela, à espera da revelação das sortes, da perdição do amor...

Não adianto na descrição porque em toda a parte é igual.

Porém, algumas notas curiosas

da aldeia, e daquelas que calham, pelo assunto e pela prática, na moldura enredosa da tradição e que dizem respeito às *atrancadas*.

Na véspera de S. João deitam-se as conhecidíssimas sortes, vai-se até à Fonte Santa, onde em bica cai a água milagrosa que nessa noite tem virtude.

As raparigas do campo, para serem côradas, vão de noite espolinhar-se pelos campos de linho, e aquelas que querem os cabelos compridos penduram uma trança pelas silvas dos valados.

Curiosas são as roubalheiras (uma espécie da tradicional roubalheira dos estudantes do nosso liceu, ali por Dezembro, quando da festa do pinheiro, magusto, pregão, maçãs e danças) dos lavradores na noite das fogueiras.

Juntam-se alguns mocetões e tratam de apanhar pelos lavradores da freguesia o que êstes deixaram ao sereno, e vá de arrastar toda a cangalhada para o adro da igreja, adornando o cruzeiro, a tôrre, e as árvores próximas com vasos, trastes e apeirias de toda a casta a que pude-

ram deitar a mão.

Por vezes estas brincadeiras traziam dissabores e de uma delas nos consta que deu que falar. Foi o caso de numa freguesia do concelho, lembraram-se os lavradores, os que andavam nessa pantomina, de roubar um gerico de moleiro, esfomeado e velho, e prendendo-o com uma corda que descia presa do badalo do sino da paróquia, puseram-lhe a distância um molho de erva fresca e tenra. O efeito está-se a ver. O pobre do gerico, cheirando-lhe a bom manjar, e vendo-o mesmo, ali, bem perto, tanto esfôrço, e continuado, fazia para lhe chegar, que a corda distendia-se e o sino badalava, badalava sempre, pondo em alvorôço toda a gente, julgando ser por artes do demónio, da bruxaria, etc.

Como está, muitas outras e mais.

São pois as roubalheiras, uma das notas curiosas e típicas da véspera de S. João.

Não são já muito vulgares, mas ainda se fazem, embora como uma cerimonia apagada das travessias rubras de então, de que nos fala

Martins Sarmento, descrevendo, talvez como viu,

As atrancadas de S. João

Chamam-se atrancadas não só os efeitos das folias que merecem êste nome, porque trancam os caminhos, mas a todos os malefícios dos trocistas desta noite.

Arrancar cancelas e levá-las para longe ou pendurá-las nas árvores; levar carros, arados, cambões, etc, para sítios onde os donos lhes custa achá-los, tudo isto dá pelo nome de *atrancadas*.

E' de uso também roubar vasos de flores e ir pô-los ao pé das fontes e enfeitar mesmo as fontes com flores, espontâneamente oferecidas.

2 -- Na *Fonte Santa*, também chamada de *S. Gualter*, ao pé de Guimarães, é costume, na véspera de S. João, à meia-noite, banhar as crianças doentes e deixar na água a camisa delas.

«A' Fonte de S. Gualter, começou de ir lavar-se muito enfermo, por se espalhar que aquela água ti-

nha virtude.

Efectivamente com èsses banhos foram curados 9 tolhidos e aleijados, 2 quebrados, etc». (*Tradições de P. por L. de Vasconcelos*.)

«A terra da cova, onde primeiro jazeu sarava e o *licor estilado* era *suave medicina*. Depois já os ossos postos em sepultura de granito, com ponteira de ferro tocava-se-lhes, chegava-se aos dentes e não havia dor que teimasse em resistir. Advogado das maleitas.

A água da fonte—a Fonte Santa—corria para tolhidos, estropientos; chagas incuráveis, braços com apostema, tumores, lobinhos. Diante daquele sepulcro lograram saúde cegos e surdos, asmáticos, etc, etc. Os romeiros lavavam a cabeça com água da fonte. Assim apagavam as febres ardentes. Ainda hoje, em noite de S. João, as mulheres sobem à mesma fonte

Metem-se na agua, lavam os braços, as pernas, os seios.» (*S. Torcato, por Eduardo d'Almeida, na Revista de Guimarães, vol. 33*.)

3—Ramo de virtude

O ramo é composto de nove ervas diferentes, que podem ser—romeiro (alecrim), cidreira, ouvideira (que tem forma de ouvido), arruda, loureiro, salva, erva do ar, erva doce, erva sabugal.

Executa-se o trevo de 4 folhas. Ao colher as ervas diz-se:

Toda a erva tem virtude
na manhã de S. João,
menos o trevo das 4 folhas
que tem em si maldição.

As ervas hão-de ser colhidas na manhã de S. João, e quando aparecer do lado do nascente a estrêla chamada *Cinco Chagas*. Depois de as apanhar diz-se:

S. João Evangelista,
lá do céu onde estais,
com uma estrêla no peito
que agora me alumiais;

e logo depois de romper o sol vai-se para uma fonte, molha-se nela o ramo e diz-se por 3 vezes:

S. João pediu à Virgem
que o não adormecesse,
queria vir para a fonte,
queria ver o seu dia.

ou

queria benzer as ervas
quando o sol nascesse.

Por fim o ramo é queimado e às cinzas dêle juntam algumas migalhas de pão, que na noite de Natal ficaram na mesa e se tem guardadas. Quando trovoa, deita-se uma pitada desta mistura sôbre o lume para livrar a casa dos raios.

4—Aparece agora o trevo das 4 folhas com virtude.

Para chamar a produção do campo vizinho para outro, monta-se num cambão e dá-se uma volta ao campo vizinho com o trevo das 4 folhas colhido na manhã de S. João, dizendo:

Todo o trevo tem virtude,
na manhã de S. João;
vai boi, vai vaca,

que esta terra é fraca,
o renôvo que ela der,
caïrá na minha arca.

ou ainda:

Aqui vou neste cambão
na noite de S. João,
p'ra trazer atrás de mim
pipas de vinho e carros de pão.

Quem mesmo na manhã de S. João colher um trevo de 4 folhas será ofortunado.

5—O cebolinho deve regar-se na noite de S. João:

Donde vindes S. João,
que vindes tão molhadinho?
Eu venho daquelas hortas
de regar o cebolinho,

6—Quem no dia de S. João passar por 3 poças e se não vir refletido na água de alguma delas, o mais que pode viver é até à véspera de S. João seguinte.

7—Conquista-se necessàriamen-

te uma mulher se na manhã de S. João se apanha um trevo de 4 folhas e se roça com êle pela cara da mulher desejada, dizendo 3 vezes e de cada vez que se passa o trevo:

Todo o trevo tem virtude
na manhã de S. João.

8—Para alguem saber se casa, semeia-se na noite de S. João um dente de alho. Se êle brotar no dia seguinte, o casamento é certo.

9—Quinze dias antes até 15 dias depois de S. João, *o sol está em ser*—quer dizer: o solstício é de um mês.

10—Quem na noite de S. João, à meia-noite, for capaz de recolher semente de feto, que a essa hora cai, ficará rico, porque nos fetos estão encantados muitos tesouros do tempo dos moiros.

Mas como a criatura que quiser recolher o encanto dessa riqueza tem de ir só e não dizer a ninguém que vai, ao dar da meia-noite, hora do encanto e da riqueza imaginada,

a criatura foge necessàriamente, porque talvez por poder de bruxedo, sugestão ou mêdo, principia a ouvir um barulho infernal que a não deixa ir na prática da boa e afortunada recolha.

Não tem possìvelmente aparecido nenhum afouto, e *adei* os fetos continuam cheios de tesouros.

11—Na noite de S. João há quem vá às eiras de quem tenha boas mêdas de centeio e para que êle corra para as suas arcas, batem-lhes 7 vezes com um malho. Não sei se dizem alguma perlenga.

12—Quem se esfregar no linho na manhã de S. João, ou fica para sempre côrado, ou se livra da comichão.

13—Na noite de S. João, para evitar que os renovos sejam roubados, o proprietário vai deitando-lhes manadas de sal, dizendo:

Quem êstes renovos vier furtar,
os grãos dêste sal há-de contar.

14—Muita gente não dorme na noite de S. João, com mêdo de ficar a dormir todo o ano.

Por isso as estúrdias se prolongam até de madrugada, com festadas e maroteiras...

15—Na manhã de S. João, ao romper do sol, quem gritar 3 vezes: —*ai vai raposa!*—até onde chegar o grito não aparecerá raposa nenhuma nesse ano.

Ou ainda esta receita para as afugentar dos campos:

No sábado de Aleluia, ao tocar o sino que a anuncia, corre-se 3 vezes o campo que se quer livrar da raposa e diz-se a cada um dos 3 passeios:

Vai, vai, raposa,
para o sol do monte,
que lá estão os moirinhos
que te dão água da fonte!

16—À meia-noite ou meio-dia de S. João, deita-se um ôvo num copo.

Põe-se a mão direita por baixo

do copo, a esquerda por cima e diz-
-se:

Oh! meu rico S. João,
santinho de Deus querido,
destinai-me a minha sorte
neste copinho de vidro.

Reza-se uma Salvè-raínha e olha-
-se logo a sorte—se a clara tomou a
forma de uma igreja, de um navio,
etc, etc.

17—Para livrar qualquer cam-
po de acção maléfica, na manhã de
S. João, diz-se:

Trista, contrista,
S. João Evangelista
derredor dêste renôvo assista,
para que se alguma bruxa
ou feiticeira o quiser levar,
há-de contar as estrêlas
do cêu e as areias do mar,
com a cabeça para o chão
e as pernas para o ar,
e com êste sal há-de apanhar.

Atira-se ao campo com 3 pitadas
de sal.

18

Quem inventou os folguedos
na manhã de S. João,
quis bem saber os segredos
do meu pobre coração.

ORAÇÕES E ENSALMOS

V

A quem vive sempre na minha recordação saudosa —Ao Dr. Alberto Martins Fernandes.

Orar, para viver melhor, entrelaçando o povo, nas rezas da sua cartilha cristã, por educação e crença, aos santos da igreja, os ensalmos benzidos de cruzes, borrifados de água benta, incensados de alecrim e cantados em bôa rima, embora em disparatada ideia, por creduli-

dade e ignorância do seu viver, para que do que lhe apeteça o seu corpo se gose e para que os males, filhos dos ares e das trevas, do desconhecido e dos diabos, para longe se afastem, mesmo que para outros mortais, por cegueira e pouco amor do próximo se tenham de rogar e requerer.

E o povo faz assim uma mistura de religiões, nas práticas e nos usos, nas penitências e nas confissões, nas rezas e na manifestação dos cultos que às coisas inaminadas rende preito; nas ervas vendo virtudes, nas constelações divína graça e nos defumadoiros alívio de espírito, desempoeirado de tentações e livre dos males corruptos.

Mas distingue e opera, nos ramos enlaçados das religiões puramente católica e pagã de tradicionalismo supersticioso, o que melhor lhe convém, em doses ou promessas, em orações de pureza ou ensalmos de virtude, para seguir de bem com Deus e não ir muito de mal com o diabo, que tem à sua roda o poder e o mando das coisas mais rasteiras e terrenas.

Fundamentalmente a raiz, o alicerce, que prendem o coração do povo ao seu raciocínio, é a religião nata e pura, eivada de uma educação forte de princípio e de viver, crente ante as imagens de Deus crucificado e dos santos milagrosos da folhinha e do seu respeito, e por isso mesmo é que, tão agarrado à ideia de Deus e do céu, vive na terra preso às ideias de temor e aos medos de imaginários fantasmas do mal, e como Deus é para êle a virtude suma das manifestações mais puras e o conselheiro dos mais sagrados pedidos, o povo formou, à parte, na ânsia de mais benefícios, mais expansão de desabafo às atribulações da sua alma, aos baques dos seus infortúnios obscuros, escondidos, dos seus pecados, da sua ignorância, maus-olhados e pragas, e como que para esconder dos olhos divinos tanta miüdeza de atrapalhações, um derivado dessa religião do berço materno, religião supersticiosa que lhe desse pela vida além, em confissões com os astros, adoração com as coisas terrenas, que a tradição distingue e respeita, ensalmos e

momices, um viver sem dores, sem receios, mesmo porque, as superstições que não sejam de todo disparatadas e que tenham em consciência uma ânsia de rôgo ou um desafio de espantação ou esconjuro, são no final rezadas com orações da cartilha católica, ou benzidas com terços ou com a mão em cruz, símbolos adorados da igreja.

Todos os ensalmos têm uma toada místico-profana. Os santos são requeridos e algumas orações mesmo são rezas bem talhadas que a Igreja não acolhe porque vão de respeito e adoração a coisas escusadas e a motivos de somenos.

O povo é um discípulo de Deus e de S. Cipriano, colhendo ao seu agrado os preceitos e exercícios da sua religião e das suas práticas, sem todavia se desviar do direito caminho do céu.

E que mal advém, que o povo com a sofreguidão do seu viver, com o espezinhamento da sua luta de trabalho, se agarre de crença aos exercícios da religião, se por derivação dela mesma vai firmar-se também intuitivamente, por vezes com

cegueira, por vezes com ignorância, à tradição remota das eras que foram limpando o terreno de superstições, mas que afinal não se varreram de todo dos afastados campos de cultivo e lavoira?

Na crença da superstição orada a todos os poderes ocultos e de fôrça, como na reza de fé a todos os santos milagrosos e de devoção, tem o povo o seu melhor confôrto de alma, enternecido recolhimento de esperança que o leva a viver entre a tristeza e a alegria; resignado e feliz, tendo sempre o credo na bôca e o sorriso nos lábios, as mãos juntas, bem unidas, como face de criança ao peito farto da mãe, quando a reza lhe alenta a alma, ou em atitude de asas lançadas ao ar, em desalinho de gestos, quando a desgraça o sacode, os beiços em mímica quando implora, ou em riso gorgeado, quando canta, gorgulando como em beijos que se dão, cantigas que não se perdem, no voltear dançante do girassol de roda, coroa florida de amostras de muita côr.

A água-benta refresca e tonifica a alma, os defumadoiros alim-

pam o corpo e as casas, os santos fazem milagres e as curandices afastam males ruins; as rezas são para Deus e os ensalmos como que pròpriamente para o povo, para o seu bem-estar, para a sua tranqüilidade; os remédios caseiros servem para aliviar padecimentos e as cautelas são prevenções para males supostos.

Cada freguesia do concelho, embora conte o seu pastor, a sua autoridade de regedoria, e nem sempre um professor primário, tem também a sua bruxa que deita cartas e o seu *corpo aberto* que adivinha do passado, presente e futuro, a troco modesto de qualquer maquia de cereal ou esmola de qualquer limpeza jeitosa.

Os ciganos das sinas e os pantomineiros das sortes tiradas por passarinhos sábios ou idênticas indrómínas de aparato, têm o seu rendoso modo de vida assegurado na crendice arraigada do povo, que é supersticioso e temente, e que é ao mesmo tempo de bom coração, andando-lhe a alma em balouços de dúvida quando a desgraça lhe toca por casa ou o infortúnio lhe embarra pelo corpo.

Faz promessas a santos e sustenta os endireitas, os alveitares, os dentistas de feira, as benzilheiras e os barbeiros das bichas.

E ao passo que com estas sanguessugas da bôlsa se metem os humildes incrédulos, em apertos de maior desgraça lá vão de romaria e penitência: a *S. Brás* (Taipas), por via da goela; a *St.ª Águeda* (Louzado), por amor dos males dos peitos (para que as mulheres sarem das dadas e tenham leite etc); a *S. Cristóvão* (Louzado), por causa da fome, oferecendo-lhe boroas e bolos, (corre a lenda de que êste santo comia muito); a *St.º Amaro* (Guimarães) por mor dos ossos; à *Sr.ª das Neves e Sr.ª do Amparo*, por causa do mafarrico, a *S. Torcato*, por via de todos os males em geral e salvação de perigos, a *St.ª Apolónia* (Silvares), por môr dos dentes, a *St.ª Marta* (Falperra), por via dos males das mulheres (partos, dadas, fluxos menstruais, etc) levando-lhes presentes de linho que estivesse debaixo do travesseiro durante o parto; a *St.ª Luzia* (Guimarães), por causa da vista, oferecendo-lhes ovos, que passam por

diante dos olhos da santa, ou lindos olhos de prata e ouro, etc, etc, etc.

Na freguesia de Torrados (Guimarães) há o Senhor dos Perdidos, a quem fazem grande festança; em Tagilde (Guim.es) há a capela de S. Crau, advogado das goelas. Para quem lhe tardar a fala e mesmo para que as crianças falem cedo, a St.a Clara do extinto convento do mesmo nome era advogada milagrosa, oferecendo-lhe o povo franguinhos brancos ou ovos.

Em Vizela há o S. Bento das Peras, advogado dos cravos, tumores e antrazes, etc, a quem o povo vai em devoção levar-lhe ovos e sal. (1)

Mas há, inegàvelmente, uma romagem de penitentes que é a mais bonita que tenho visto, uma romagem daqueles que levam ao santo a humilde e risonha oferta, alegre e pura, de cravos vivos, côr de fogo, ou da palidez da cêra, cravos grandes e *patifes*, que S. Bento recebe com amor, porque lhe secam ali, à sua beira, dando-lhe majestade de graça e adôrno, só porque sarou pequeninos cravos que nascem ao povo quando de noite se põe a con-

tar as estrêlas...

Simplicidade e significação pura. (2)

¡Se o povo até diz que noutras eras e em todo o mundo cristão, alguêm que tivesse ido de anjinho, em procissão, poderia, em culpas, ser castigado mas nunca ir à forca, mesmo que a forca lhe fosse impostal..

O povo pede muito e muitas coisas aos santos. E' impertinente e teimoso. Daí talvez o dizer-se que a imagem do Sr. do Campo da Feira (Santos Passos) sua quando tem de fazer qualquer milagre.

¿Saberá o povo também procurar a maré de pedir os seus milagres? E' que há uma lenda que diz que a «imagem de Sant' António, de S. Francisco, muda a cada passo as côres do rosto: em umas ocasiões as tem abrasadas e em outras cândidas e macilentas, ficando o semblante ora carregado, ora alegre. Quando a face é pálida e triste, a intercessão do Santo a Deus é sempre atendida: a hora dos milagres.» (*S. Torcato*, por Eduardo d'Almeida, na «Revista de Guimarães», vol.

33). Durante as noites de novena ao Deus Menino, S. Sebastião e Sr.ª da Conceição, etc, os lavradores rufam forte zépreirada até à meia-noite, e pela manhã, em sinal festivo, ao começar das novenas. Os peditórios para qualquer festividade, nas aldeias, são também acompanhadas de zabumbas.

Em Vizela, ainda em uso e desconhecido em Guimarães, há o costume de se juntarem, ao anoitecer, pela quaresma, vários grupos de homens e mulheres, e uns de cada lado dos seus sitios de morada, pelos arredores, é claro, cantarem, nos dias dos Passos (6.as feiras) os martírios do Senhor, em cantochão abafado e triste. E é interessante essa nota, mais profunda de sentimento e concentração para quem ouve de um lado um grupo deitar os versos e do outro o côro em abafada dolencia:

Padeceu grandes tormentos,
duros martírios na Cruz...

No final, a salve-rainha é rezada por os dois grupos em cantilena magoada.

*

Ah! mas quantas procissões caíram no esquecimento, embora todos os oratórios espalhados pela cidade tenham a graça de vários grupos de entusiastas, que levam a cabo festevidades públicas em honra dos santos que pobremente albergam, mais de exteriorização do que fervor devoto, sem culto intimo e recolhido de bençãos e rezas, mas com luzes e flores, com peditórios, moças à lavradeira de bôlsas de prata a importunarem para o pingo da esmola, arraiais nocturnos e escusos, com musica, fogo e iluminações minhotas, até altas horas, danças, rifas, vinho e cacetadas, a festa em público, em leilão, em algazarra, ali, na rua, sem achêgo, sem confôrto, sem ambiente e sem respeito, portas abertas dos oratórios e os Santos e Deus ali, na rua, à indiferença do povinho que berra e folga, Santos e Deus assim em festa como pretexto de pândega!

Ah! e quantas romarias perderam o fervor, o culto e a confiança! (3)

E os clamores de todas as freguesias do concelho, que *eram obri-*

gadas por votos antigos a irem processionalmente a diversos logares, onde se veneram imagens milagrosas, suplicar ao Altíssimo, por intercessão dos bem-aventurados, os bens da alma e do corpo, e nomeadamente o afastamento de epidemias e a abundância dos frutos da terra, até êsses, que tinham no misticismo do povo a maior razão de existir, morreram!

Essas procissões ou clamores, (vejam-se esclarecimentos no *Guimarães e Santa Maria*, de Abade de Tagilde, e artigo *S. Torcato*, por E. d'Almeida, «Revista de Guimarães», vol. 33.) onde se cantavam as ladainhas maiores,—para os quais todos os lavradores tinham de mandar uma pessoa de sua casa para os acompanhar, sob várias penas e multas impostas aos que não fizessem assim (Guardizela e Tagilde),—eram para o povo uma panaceia abundante, a maior e talvez irrefutável explicação do seu temperamento supersticioso, e que embora saissem por um culto longinquo de tradição, de fios presos a qualquer manifestação de religiosidade de antigas

eras e feição diferente em adorar e pedir, se mantinham ainda em voto e não desviavam o povo a outras práticas, mais pessoais e mais à mão e alcance da sua vontade, para conseguir o mesmo que com os clamores conseguia.

Depois o povo foi amanhando nas orações e ensalmos e no poder de animismos inocentes, uma mais vasta colecção de votos supersticiosos para conseguimento dos seus fins, abandonando até os *serões*. (4)

Tirar um clamor rezado de ladainhas, quer para que a chuva venha refrescar as sementeiras, as colheitas sejam abundantes, quer baseado na inocência de afastar a bicha dos campos, etc, etc, envolve o significado duma prática religiosa e confiante que tem de çobrir os rebentos duma superstição que vive a seu lado, embora em muito afastado grau em certos movimentos e lances, pràticas e exercícios, mas eqüitativa em semelhança.

Mesmo vê-se, e é curioso, a manifestação estranha (segundo no-lo indica Abade de Tagilde no seu livro 3.º manuscrito) de que em

Fermentões havia 7 clamores, sendo o último, que era em dia de S. Sebastião e que dava a volta à freguesia, acompanhado de tocadores de viola, e onde havia tiros, tendo por isso o Arc. D. Rod. de M. F. em 10-11-1714 proibido que êle se fizesse sem uma licença especial.

A Briteiros, (autor cit. liv 2.º) a 25 de Julho ia o povo e cruz de S. Cláudio do Barco fazer um clamor, e sendo êle feito pelo páro-co de Briteiros, êste recebia daquele povo 6 colheres de pau e 2 varas de bragal.

Os clamores não seriam até, pelo que se implorava e pedia, num ambiente quási que sem restrição, o maior alimento das práticas supersticiosas do povo.

Quando a Sr.ª da Lapinha visita a sua *irmã* da Sr.ª da Oliveira na ronda imponente da sua procissão, milhares de crentes entoando a ladainha dos santos, desde êsse dia, e no percurso dos 15 quilómetros que a ronda atravessou, o *bicho não não mais bole no milhão*, afirma o povo.

A igreja fornece mesmo, com

assentimento dos padres, vários objectos do culto para exercicios de certas crenças radicadas na superstição.

Alimenta-a, embora a condene. E não lhe corre perigo. O exemplo vem de longe.

Até os reis e os sábios se embrulhavam em divinos mantos, etc.

Uma vez que às coisas lhe quiseram dar o seu significado puro, expurgando tendências duvidosas, acabando com cultos exageradamente mágicos e supersticiosos, o povo derivou em manifestações vàrias e começou de os praticar a dentro dos seus hábitos e costumes.

Os clamores, porém, já saíam com o respeito devido às implorações justas, celebrando-se mesmo alguns, ainda ùltimamente, nas respectivas igrejas paroquiais.

Mas o povo é insatisfeito. Pede como um cego e para todos os males quer remédio, visto que no seu entender a morte também o tem.

Adei, a religião alimenta-lhe a alma e as orações e ensalmos equilibram-lhe o arcaboiço neste vale de lágrimas,

O assunto é áspero e árido e daria para dissertações longas, mas tendo mêdo dos tropeços não vou nesse encalço, registo sómente, embora por vezes opiniões avente e o meu modo de ver corte em alinhavos pretos tam grande manto de oiro e azul do saber popular.

Bem haja o povo que diz orações ao sol e á lua, que talha o bicho e males ruins, porque é ainda assim o mais feliz e o que melhor vive em paz de alma e em beleza santa.

Fôsse a minha alma ignorante e feita dessa pureza abençoada!..

Nenhum dos ensalmos e orações que seguem adiante são de origem sanciprianista, que correm impressos em livro *verdadeiro* e em boa e cuidada prosa. São de feição popular, embora alguns conhecidos noutras partes e impressos em algumas edições.

Muitos, devo-os à dedicação do saudoso amigo a quem dedico este pobre capitulo.

NOTAS

(1)—Sobre a festa ao S. Bento das Peras, que se realiza a 11 de Julho, elucida mais a monografia *Tagilde*, do Abade de Tagilde, o seguinte: A festa do titular (S. Bento) faz-se com missa solene, sermão e procissão, etc, formando-se depois um pomposo arraial, que ainda se repete em dia de Páscoa.

A quási totalidade das promessas feitas a S. Bento é cumprida em fogo do ar, que nos dois dias se queima em grande quantidade. Também como **ex-voto** se costumam caiar os penedos próximos da capela.

(2)—Em St.º Adrião de Vizela a capela da Sr.ª da Tocha fica no alto do monte. A capela é atribuida aos mouros, como muitas outras do nosso país,—o que pouco significa, mas significa alguma cousa.

A santa é advogada das parturientes.

A sua imagem é pouco menos de moderna, mas quem quiser ver a que a precedeu não tem mais do que examinar um nicho por cima do arco da capela-mór, onde encontrará uma estatueta de pedra d'Ançã, de estilo sofrívelmente arcaico. Mais feliz que as outras estátuas antigas, destronadas pela moda, esta não foi absolutamente desprezada, como a de St.ª Margarida, do nosso S. Miguel do Castelo, etc.

Deixou o logar de honra, mas ocupa ainda um plano secundário com a denominação de St.ª Capeluda, que lhe deram de-certo em troca do que perdeu.

Ora esta St.ª Capeluda, sabem-no todos os moradores do Castro, era para cristãos e mouras

indistintamente o que a Sr.ª da Tocha é hoje exclusivamente para os cristãos. Quando estavam em véspera de aliviar-se, as mouras apegavam-se com a santa, clamando: «Santa Capeluda me valha! Santa Capeluda, me valha!»; mal livres do susto, punham-se a varrer a casa, gritando: Capeluda fora! Capeluda fora!»

A Sr.ª da Tocha não tem só por devotos os habitantes do Castro e arredores. Os povos de Fafe e de Armil vem ali com um *clamor* por causa das trovoadas, e os de Paços de Ferreira com outro, não me disseram por que motivo.

Os primeiros têm direito a um almude de vinho, segundo um muito antigo legado (Rev. de Guimarães, vol. I, pàg. 172.)

O sr. Pedro Vitorino, na Rev. de Guimarães, vol. 34, elucida:

A Sr.ª da Tocha, que tem a sua festa a 19 de Março (nesta ocasião era costume iluminar o monte com montões de pinhas a arder) quási caida em desuso, é advogada das parturientes.

Sempre que uma mulher da localidade tem o seu bom sucesso, pela voz festiva do bronze, em repiques seguidos, todos nas imediações o ficam sabendo, costume curioso ao presente ainda inalterável.

(3) Em S. Paio de Vizela há uma romaria interessante. E' a romaria de S. Gonçalo, chamada dos tremoços, porque no dia 9 de Janeiro, à tarde, se distribui ao povo 20 alqueires de tremoços e vinho.

(*Livro 1.º manuscrito de Abade de Tagilde.*)

Alguém me informa que esta romaria ainda existe, e que os tremoços, (não sabe a quantidade) e o vinho, eram só dados aos pobres da freguesia.

Constitui o legado de S. Gonçalo, abade que foi de S. Paio de Vizela, que dali, do monte de S. Paio, atirou a sua bengala, indo cair a Amarante no sitio onde se fez o mosteiro, segundo o seu desejo e vontade. O penedo das pégadas de S. Gonçalo foi quebrado, tendo empregado quem o quebrou, e que o povo atribui a castigo.

* * *

E' também muito curioso êste resumo que tiro do livro manuscrito (1827) *Memorias da Ribeira de Vizela*, por António José L. de S. Paio:

São tão esmoleres (refere-se aos vizelenses) e tão supersticiosos que a terça parte da sua colheita vai para esmolas a diferentes santos da sua devoção, para algumas comunidades de frades e para pobres mendigos.

A festividade de S. Sebastião, o patrono de todas as freguesias, para o qual concorrem todos, até os pobres, de quem é advogado, tem uma festividade que consta de uma procissão a que chamam *cêrca*, que rodeia os limites da freguesia, subindo aos mais altos montes, descendo aos mais fundos vales, e andando talvez mais de uma lègua em circunferência.

A *cêrca* leva 3 ou mais andores, à maneira de padiolas, levando imagens de diversos santos de cada freguesia, mas sempre a imagem de S. Sebastião. Adiante dos andores vão compassadamente muita copia de bandeirolas e estandartes, em varas altas.

Não leva esta procissão nem um só lume. Precede tudo a musica, acompanhada de grande quantidade de tambores e zabumbas. Os tocadores dêstes últimos instrumentos levam em

brio qual de entre êles há-de fazer ouvir mais o seu tambor ou zabumba, de maneira que cause um horroroso estampido que ressoe pelas montanhas vizinhas.

As mulheres, principalmente as solteiras, pedem os enfeites que hão-de levar na *cerca*. Esmeram em carregar de ouro e jóias preciosas os anjos que vão na procissão. No dia antecedente a esta festa há muito fogo, fogueiras postas pelos cumes dos montes vizinhos e em algumas freguesias há o jôgo do galo.

(4) O *serão* é mais conhecido para as bandas de Vizela e representa uma romagem simples e tocante, constituida exclusivamente por crianças do sexo femenino, em número indeterminado, que organizada em cumprimento de promessa, por algum devoto, se dirige a alguma igreja ou capela, cantando pelo caminho e ao redor destas, a Ave-Maria e versos em louvor do santo que se intenta venerar.

Para as bandas de Guimarães não são freqüentes, não se realizam mesmo, convindo dizer, já agora, que o *serão* tem uma toada lenta de reza no cantar dos versos e nem sempre êstes se ligam à ideia da promessa como um seguimento de oração, antes variam e salteiam. Publico um fragmento que pude apanhar de quadras de *serão* e que me parece sejam desconhecidas:

Senhor das Chagas de Infias,
olhai para mim, olhai,
que eu sou tão pequenina
já me morreu o meu pai.

O' Senhor de Infias,
ouvi este serão,

por vós sarardes
êste nosso irmão.

Senhor das Chagas de Infias,
que num alto morais,
aqui vos vou a cantar,
já que de mim vos lembrais.

Senhor das Chagas de Infias,
que no alto estais sózinho,
aqui vos venho cantar
por seres muito pequeninho.

Como se vê, há um verso de 5 sílabas intercalado. Quisera dar maior número de quadras de *serão*; mas o povo, com o seu mêdo de sempre, tem receios e não se alarga.

Ainda tentaremos um dia.

Seguem mais 3 versos de 5 sílabas que me dizem fazer parte de um *serão* realizado a Sant'Ana, que fica fora do concelho, para lá de Vizela.

Se êstes versos fizerem de facto parte de um *serão*, mais reforça o meu pensar, podendo então afiançar-se que os *serões* não têm ladainhas proprias, antes se compõem de versos soltos, mais ou menos adequados e mais ou menos religiosos.

Senhora Sant'Ana,
Senhora Santinha,
fazei a vossa cama
chegadinha à minha.

Chegadinha à minha
pudera não ser,

para me salvar
quando eu morrer.

Quando eu morrer,
quando eu acabar,
para ir para o céu
para bom logar.

ORAÇÕES E ENSALMOS

Orações

1—*Oração ao deitar*

Com Deus me deito,
com Deus me levanto,
com o divino Espírito Santo.
A Senhora me cubra com o seu manto,
se eu com o seu manto coberta for,
Deus me dê valor e primor
e tal coisa for.
Se eu morrer, alumiai-me;
se eu adormecer, acordai-me,
com tres tochas
da Santíssima Trindade,
Ámém.

Esta oração é completamente diferente das 7 ou 8 orações do deitar que conheço.

2—*Oração contra o pesadelo*

S. Bartolomeu me disse,
que na cama me deitasse,
que não tivesse mêdo à onda,
que dormisse e acordasse,
nem ao homem de má sombra
que tem a mão furada,
a unha *rebateada*,
e que me encomendasse a Deus
e à Virgem Sagrada.

ou ainda:

S. Bartolomeu me disse,
que me deitasse e dormisse
sem mêdo da onda,
nem do homem da má sombra,
nem do velhaco pesadelo
que tem a mão virada
e a unha revirada.

3—*Oração cantra os cães danados*

Homem encomendado à luz
e à Santa bela Cruz

e à Santíssima Trindade
e ao Rei da Virgindade
e ao glorioso S. Romão,
que tem o corpo em Roma
e a cabeça em Portugal:
que me livre de cão danado,
por danar, bicho achado,
por achar, homem morto,
mau encontro; homem vivo
corre perigo; S. Romão
seja comigo.

4—*Oração a S.ta Bárbara*

Santa Barbara se vestiu e sè calçou,
seu caminho caminhou,
Nossa Senhora encontrou
e lhe perguntou:
Bárbara, onde vais?
—Abrandar a trovoada
que no céu anda assanhada,
mandá-la para o monte daninho
onde não haja pão nem vinho
nem bafo de menino.

5—*Oração que o povo reza à passagem dos cruzeiros*

Deus te salve, cruz bemdita,
que no céu foste escrita

e na terra assinalada;
os anjos que te acompanham
me acompanhem a minha alma.

6—*Oração que o povo reza á passagem das igrejas.*

Deus te salve, casa santa,
que por Deus foste ordenada,
onde está o cális bento
e a hóstia consagrada;
os anjos que te acompanham
me acompanhem minha alma.

7—*Oração a S.ta Apólonia (Advogada das dores de dentes)*

Benza-me Deus e lua nova
e mais os seus quartos crescentes,
pedi a S.ta Apolónia
me livre das dores de dentes.

Ou ainda

Benza-me Deus, lua nova,
quando lá chegarem sapos e serpentes
bonda então que me doiam os dentes.

8—*Oração do pão*

S. Vicente te acrescente,
S. Tomé te levede;
benza-te Deus no forno
e fora do forno,
para que abondes
o mundo todo.

8—(a) *Oração ao fechar do forno*

Fazer uma cruz com a pá do forno, antes de fechar, dizendo:

Deus te acrescente,
no forno e fora do forno,
assim como vieste
a este mundo todo.
Em nome do Padre, do Filho,
do Espirito Santo, amém.

Há quem diga de gracejo:

O Senhor te acrescente
dentro e fora do forno,
quem te merecer que te coma,
quem te não merecer
que coma um corno.

8 — (b) *Oração ao salgar do pão*

Em nome de S. Gonçalo, que não saias
insosso nem salgado;
em nome de S. Gonçalinho,
que não saias ensosso, nem salgadinho.

9 — A boroa da porta do forno tem a virtude que consta da seguinte oração, que se diz, depois de bater 3 vezes com a boroa contra o forno:

Assim como eu te abano 3 vezes,
Tira-me as almas desta casa do purgatório,
três anos e três meses.

10 — *Oração a S. Jorge*

(Para o que dela consta)

Com as armas do meu Senhor Jesus Cristo
estou armado;
com o sangue do meu Senhor Jesus Cristo
estou lavado;
com o leite da Virgem Maria
estou borrifado;
com a capa de Abraão estou coberto;
o escudo de S. Jorge está em meu peito,
e as espadas de S. Pedro a meu lado;
nem meu corpo será preso nem atado;

nem meu sangue derramado,
nem meu rosto injuriado,
nem nunca serei convencido (?)
de meus inimigos.
Em caminho escuro andarei,
bons e maus encontrarei;
os bons me defenderão
e os maus não me enxergarão
no rio Jordão.

Rezam-se 3 P. N. 3 A. M. e 3 Glórias.

11 — *Oração contra as bruxas*

S. João Baptista,
assista, contista, resista,
derredor da minha casa assista.

(Dizer 3 vezes)

Ou ainda:

Óca, marnôca,
três vezes ôca;
pé no pé, freio na bôca;
tista, contista,
três vezes tista:
S. Pedro, S. Paulo, S. João Evangelista,
derredor da nossa casa assista.

Ou também:

S. Pedro, S. Paulo,
S. João Evangelista
em redor da minha casa assista,
que se alguma bruxa,
ou feiticeira ou meigueira,
comigo quiser entrar,
conte primeiro as areias do mar.
E Jesus manadícula dómena
Deus de Arrael.

12—Para afugentar ratos e mais bicharia de um quintal, é com a oração seguinte recitada por uma virgem chamada María e que ao nascer do sol, com um ramo de oliveira na mão, há-de dar 3 voltas ao redor do quintal dizendo:

Eu escorraço-te de aqui,
e o sol de ali; não tornes aqui,
que a Virgem María vai atrás de ti.

13—Para alguém se livrar das coisas más, ajoelha no lar e diz a seguinte oração voltando-se para o nascente:

Neste lar me vou ajoelhar,
para o nascente me vou virar;

aí vem o sol para eu adorar,
e que êste mal me vai tirar
e quem mo botou o vai levar.

14—*Oração para dizer ao sair de casa*

Santo António:
meu corpo que não seja ferido,
nem morto, nem minhas
passadas erradas, nem minhas filhas
desestimadas.
Em louvor de S. Gabriel,
que faça tudo o que Nossa Senhora lhe pede.

15—*Oração ao sol*

Vou-me despedir de vós;
adeus, sol, que te vais,
deixas-me sòzinha,
no meio dos pinheirais.

Ó sol, torna amanhã,
eu quero-te ver nascer,
só a vós é que eu adoro,
só por vós quero morrer.

Esta oração só deve ser dita ao pôr do sol; a qualquer outra hora é pecado.

Esta oração e a antecedente foram colhidas na colecção da *R. de Guimarães*.

16—*Oração para aparecer o sol.*

Dai-nos sol, dai-nos sol,
oh! meu pai, oh! meu Jesus,
por muito que tu sofreste
no Santo Lenho da Cruz.

Esta oração tem, parece-me, foros de académica ou religiosa, e por isso me dá ares de muito grave e séria, visto que a mais vulgar e conhecida é a oração burlesca dos rapazes, assim cantarolada:

Solzinho, vem, vem,
pelas pórtas de Belém,
que lá está nossa Senhora
que te dará um vintém!

Ou ainda:

Solzinho, vem, vem,
pelas telhas de Belém;
solzinho, vem, vem,
pelas telhas do telhado,
que te darei um cruzado.

Todos nós te vejamos vir,
para nos pormos a rir.

17—*Oração para correr com os Males*

Ferve-se um pouco de alecrim em água *dizimada*, molham-se as mãos e correndo o próprio corpo, do ventre à cabeça, diz-se virado para o nascente:

Eu virado para o nascente,
Jesus Cristo para o poente,
que se vá êste mal
de mim fora de repente;
Jesus, com o Santíssimo nome de Jesus,
e as 3 pessoas da Santíssima Trindade,
que tem pòder e podem;
de onde êste mal veiu,
para lá torne.

Diz-se e opera-se 3 noites seguidas. Para dìzimar a água enchem--se 9 púcaros na fonte, que se despejam. A água do décimo púcaro é que se aproveita: por isso *dizimada* lhe chamam.

18 — *Oração à luz (para livrar dos males)*

Benza-te Deus, lua nova;
vou-vos pedir uma esmola,
vós bem ma podeis fazer,
que sois tanto como a aurora;
livrai-me dos males
que vêm de fora,
e do lume ardente
e da língua da má gente.

19 — *As barbas do dia*

Quando se quebram as barras da serra (uma lista que aparece no horizonte e que é o prelúdio do dia) deve apagar-se a luz da candeia, dizendo:

Anda, dia, anda, dia,
eu vou apagar a minha,
eu só quero ver a luz,
para não te queimar as barbas,
Santo nome de Jesus.

A oração antecedente e esta, foram colhidas na colecção da *R. de Guimarães*.

20 — *Oração para cortar a inveja.*

Jesus Cristo nasceu,
Jesus Cristo morreu,
Jesus Cristo ressuscitou,
e assim como é verdade,
o Senhor me tire
esta dor, êste mau olhado,
de vivo, de morto,
ou de excomungado,
pelo poder de Deus
e do Senhor S. Tiago.

Diz-se 3 vezes, indo sempre fazendo cruzes, da testa ao ventre e de ombro a ombro, e reza-se no fim uma S. R.

21 — A gente do campo, ao dar as boas noites, freqüentemente diz:

Com bem passe a noite,
com bem amanheça,
o que tiver no sentido
debaixo de água lhe esqueça.

22 — *Padre-nosso pequenino*

Padre nosso pequenino,
pelo monte vai rugindo,

sete candeias a arder,
sete meninos a ler,
Nosso Senhor meu padrinho,
Nossa Senhora minha madrinha,
fez-me uma cruz na testa
para o inimigo não me empecer,
nem de dia, nem ao pino do meio-dia.
Já os galos cantam,
já os anjos se levantam,
já o Senhor subiu para a cruz,
vida eterna, amém Jesus.

Ou ainda:

Padre nosso pequenino,
sete anjinhos vão comigo,
sete candeias a alumiar,
sete livrinhos a rezar,
Nosso Senhor é meu padrinho,
Nossa Senhora minha madrinha,
que me fez a cruz na testa
para que o demónio me não empeça,
nem de noite, nem de dia,
nem no pino do meio-dia.
Já os galos cantam,
já os anjos se levantam,
já o Senhor à cruz subiu,
para todo o sempre, amém Jesus.

Há muitíssimas variantes, não só

do padre nosso pequenino, como de várias orações que registo, o que prova sobejamente o poder de assimilação e transformação que o povo recebe e exerce nas lucubrações do seu arranjo de elementos para a cartilha dos seus exercícios.

Porém, estas que ficam, e omitindo as outras, são as mais vulgares e conhecidas entre nós.

23--Em Guimarães diz-se a seguinte oração a S. Cipriano. S. Cipriano, segundo a crença popular, foi o primeiro feiticeiro.

Meu S. Cipriano,
Meu S. Ciprianinho,
meu feiticeiro,
meu feiticeirinho,
no mar andastes,
onze virgens encontrastes,
com elas falastes,
comestes, e bebestes;
vossa sorte botastes,
a milhor tirastes;
dizei-me agora a minha,
para saber se casarei.

24—*Oração ás estrêlas.*

(Para o manorado saber se a namorada está a pensar nêle, ou vice-versa.)

—Virando-se para uma estrêla qualquer.

Estrêlinha que no céu estás a brilhar;
se aquele em quem eu penso,
em mim estiver a pensar,
fazei com que um cão ladre,
um gato mie,
ou um homem assobie.

Se qualquer destas coisas pedidas se der, é *infalível* o pensamento do namorado.

ENSALMOS

1—*Para talhar o ar.*

Fazer o sinal-da-cruz e depois saber o nome da pessoa a quem se vai talhar.

Fulano, se tens ar eu to vou talhar: Ar da noute, ar do dia, ar do pino do meio-dia, ar do pino da meia-noute, ar da manhã, da trindade, ar das estrêlas, ar das portas,

ar de travessos e janelas; ar das encruzilhadas, ar de feitiçaria, de bruxaria, ar de encanhos e engaranhos, ar de esterpaço, de mal de inveja, ar corrupto moribundo, ar atrevido, ar remido e de espírito requerido; ar de morto, ar de vivo, ar de vivo excomungado, ar de morto excomungado e de todos os males e ares e males que te empeceram e pelas unhas dos pés te foram botados, para o mar sem fundo sejam degredados. (Repetir 6 vezes.)

E logo a seguir:

Fulano, se tens ar, eu to vou talhar, em louvor do Apóstolo S. Pedro e S. Tiago, que esta criatura de Deus fique sã e salva como na hora em que foi nado. (Uma só vez.)

E continua:

Fulano, se teus ar, eu to vou talhar, em louvor da S.ª das Neves e S. Francisco, que me ajude a cortar tudo isto. (Uma só vez.

E termina:

Fulano, assim como eu te passo com estas contas de Jerusalém, assim de ti saiam todos os males e ares e ares e males, de hoje para todo o sempre. Amém. (Uma só vez).

N. B.—São 9 responsos, compreendendo as 6 repetições do 1.º e as 3 últimas. Reza-se no fim de cada, um Padre-nosso, Ave-maria e Salvè-rainha, por todas as almas que estiverem no fogo do purgatório, para que Deus as alivie das penas em que elas estiverem. Por último volta a fazer-se o sinal-da-cruz.

2—*Para talhar a erisipela ou ruborado.*

Pedro Paulo foi a Roma,
Jesus Cristo encontrou
e lhe perguntou:
—O' Pedro Paulo, que vai por lá?
—O' meu Senhor,
vai muita *zipela e zipelão.*
—Torna atrás, e a talharás.
—Com que, Senhor?
—Com sal, água do mar,
e erva do monte.
Em louvor da Virgem Maria

que tudo me ensinou
que eu nada sabia.

E' feita esta operação com sal, água do mar e erva do monte, deitando-se tudo num prato com azeite e com 3 perneiras de sempre-verde. Êste ensalmo repete-se 3 vezes, rezando-se de cada vez uma A. M. e no final uma S. R.

Ou:

Sempre-verde bem-aventurado,
nascido sem ser semeado;
da chuva orvalhado,
do vento abanado,
do sol aterroado:
talha-me êste ruborado
erisipela, erisipelão,
e todos os males que aqui estão.
Poder de Deus e da Virgem Maria
S. Pedro e S. Paulo milagroso,
e S. Silvestre; tudo o que digo e faço
pelo malzinho te preste,
Nosso Senhor seja o verdadeiro mestre.

Opera-se em jejum durante 3 dias e com um raminho de sempre-verde molhado em azeite, passa-se à volta da cara.

Ou ainda:

Pedro Paulo foi a Roma,
muita erisipela encontrou;
Pedro Paulo torna lá,
dá-lhe com sal do mar
e azeite virgem e três pingos
de água fria,
que dela ninguém morreria.
Pela Virgem Maria,
que tudo me ensinou
que eu nada sabia:
Em louvor de S. Silvestre
tudo o que te eu faço
tudo te preste
e Nosso Senhor seja o verdadeiro mestre.

Opera-se com sempre-verde molhado em azeite, água e sal. Faz-se o sinal-da-cruz e cruzes à volta da cara ou da cabeça, durante 3 dias e em jejum. P. N. A. M. e S. R. A operada fica a lavar-se com sempre-verde cozido.

Ou ainda:

Fole enfarinhado
que foste ao tremoinhado (?)
talha-me este fogo
e este ruborado.

Num fole ou saco de farinha mete-se a cabeça do doente e faz-se o sinal-da-cruz. Opera-se 3 veves durante 3 dias seguidos, rezando-se um P. N. A. M. e S. R.

Ou tambem:

Fole que já foste encarnado,
agora és enfarinhado;
talha esta erisipela
e êste ruborado
do fogo e da cama
e do lar sagrado,
por o poder de Deus
e da Virgem Maria,
que me ensinou isto
que eu nada sabia.
Em louvor de S. Silvestre,
que o Senhor é o verdadeiro mestre.

Opera-se da mesma maneira da antecedente.

Ou também:

Sempre-verde encarnado,
que em Belém nasceste
sem ser semeado,
tira do meu corpo
êste fogo e êste ruborado,

da cama e do lar
e de todo o lugar.

Alude ao ruborado a cantiga:

Olha para mim direito,
não olhes atravessado;
eu não sou o sempre-verde
que te talha o ruborado.

3 — *Para talhar as bichas*

Tira-se ferrugem das chaminés, uma porção, junta-se com vinagre muito forte e esfrega-se com êste preparado quer as costas quer o peito ou as fontes da criança. Em seguida rapa-se com a faca, nestes pontos, a cabeça das bichas.

E' crença do povo que as bichas andam espalhadas sob a pele e que estas vêm atraídas ao cheiro do vinagre, deitando a cabeça fora da pele, sendo esta a ocasião de se lhes cortarem as cabeças.

E' tambem crença que as bichas andam sempre alvoraçadas nas voltas da lua.

Ou:

S.to Elói teve nove filhos; de nove ficaram oito, de oito sete, de sete seis, de seis cinco . . . etc, etc.

Diz-se o número, nesta ordem de ideias, até ficar em nenhum, e remata-se: bichas, delidas sejais.

Ou a variante:

F. (nome da criança) tem dez bichas, de dez ficaram nove, de nove oito, de oito . . . etc, etc.

Diz-se o número, nesta mesma ordem até ficar em nenhum, e remata-se:

Em louvor de N. S.a e S. Silvestre,
tudo o que eu te fizer, tudo te preste
N. S.a e N. S.r sej m o verdadeiro mestre.

Ou também:

Talham-se em jejum, com um carvão com pouco lume, 3 vezes seguidas, servindo-se de cada vez de novo carvão. Com êste faz-se uma cruz à volta da cabeça e diz-se:

Vindo eu da serra da artilharia,
encontrei bicho que me comia e roia:

Preguntei à Virgem Maria
o que lhe faria:
—Talha-as 3 vezes num dia
que elas te sarariam.
Em louvor de N. S.ª e S. Silvestre,
tudo o que eu te fizer tudo te preste.
N. S.ª e N S.or sejam o verdadeiro mestre.

Também se podem talhar não estando presente a criança (ou pessoa); é preciso, no entanto, apresentar um farrapinho da criança (ou pessoa) que se deita ao lume, dizendo-se as mesmas palavras.

4 —*Para talhar o bicho*

(doença da pele)

Bicho, bichão; cabra, cabrão,
aranha, aranhão,
assim tu seques como êste carvão.

Passa-se a mão sôbre o lume e depois sôbre a parte inflamada.

Só junto de um penedo, é crença destas redondezas, é que a operação de talhar surte efeito. Se é criança que tem de ser talhada, leva-a o pai e não a mãe.

Ou a variante:

Durante 3 dias com uma faca de aço fazendo cruzes sôbre a parte inflamada e dizendo:

—Que talho?
—Bicho e bichão, aranha, aranhão,
rato e ratão, cabra e cabrão
e bicho de toda a nação.

No fim chega-se à parte doente palhas alhas queimadas com azeite.

Ou ainda:

A mesma entrada e a mesma operação da antecedente:

—Bicho, bichão, sapo, sapão,
aranha, aranhão, cabra cabrão,
assim se vá embora toda a qualidade
de bicho que anda por debaixo do chão

Outra maneira:

Nove perninhas de funcho, 9 pedras de sal e 9 pingos de água. Pega-se em 3 caninhos e fazem-se cruzes da cabeça aos pés e diz-se:

¿Que farei ao bicho vassalo,
rabiador, comedor e salteador?
Talhá-lo-ei com sal do mar,
água da fonte e erva do monte.
Nunca mais comerá, nem rabiará,
nem salteará, nem viverá.

Três perninhas de funcho de cada vez, durante 3 vezes.

5 — *Para talhar o bichôco*

(Diarreia verde das crianças)

O talhador tem de estar em jejum; faz o sinal-da-cruz e reza um P. N. A. M. e S. R. Em seguida diz:

F. (nome da criança) por fonte passei,
Jesus Cristo encontrei,
e lhe preguntei:
—Que faz ao bicho, bichôco?
—Dá de rosto, funcho, cinza
e sal de fonte pedral;
se êste bicho há,
F. (nome) sarará.
Em louvor de S. Tiago
e S. Silvestre, tudo o que te eu faço
tudo te préste, meu Divino Mestre.

Dizer 3 vezes, durante 3 dias.

Ou a variante:

Por a ponte atravessei,
Jesus Cristo encontrei
e eu lhe preguntei:
—Senhor, eu que talho?
—Bicho, basálho,
Talhareis com sal do mar,
e óleo de oliva,
para o que não comerá, nem beberá,
nem cabeça nem rabo terá.

Ou também:

Eu talho bicho bichôco,
com sal do mar e água da fonte,
que nem cresça nem avejȩça
nem ajunte pé com cabeça.
Em louvor de S. Silvestre
tudo o que eu faço, tudo te preste.

Esta forma, como a antecedente, tem os mesmos preparativos da primeira. Colhem-se 3 ou 5 (é preciso que seja pernão) perninhas de funcho e deitam-se num pratinho com um bocado de azeite e água, fazendo-se umas cruzes com o funcho enquanto se dizem as palavras sacramentais.

Ou ainda:

Eu talho bicho, bichôco,
com unto de porco
e sal do mar.
Bicho, bichôco, vou-te queimar.

Durante 3 dias é feita esta operação, em jejum: Com 3 bocados de unto e 3 pedras de sal esfrega-se em volta do umbigo da criança, e dizem-se aquelas palavras.

De cada vez deitam-se ao lume o bocado de unto e a pedra de sal.

6—*Para talhar asínguas*

Fita-se durante 3 noites uma estrêla e com os olhos fixos nela dizer por 3 vezes:

Estrêla; tenho aqui uma íngua.
Que dizes? que seques tu ou que medre ela?
Eu digo que medres tu e que seque ela.

Ou também:

Trepa-se à apostalha (cabeçalha) de um carro, mija-se nela e fitando-se uma estrêla qualquer—mas que

fique para o nascente—diz se:

Estrêla: A íngua diz que seques tu e brilhe ela.
Eu digo que brilhes tu e seque ela.

7—*Para talhar o treçogo*

(Terçol-blefaride)

Numa encruzilhada de caminhos, à noite, faz-se uma fogueira e dão-se 3 saltos em cruz e diz-se:

Aqui del-rei, fogo,
em casa do treçogo.

É crença que a primeira pessoa que passar nesse sítio na manhã seguinte apanha o treçogo.

8—*Para talhar o farfalho*

Leva-se a criança a uma corte onde tenham comido na mesma pia um porco e uma porca, passa-se 3 vezes, em cruz, a criança sobre a pia e diz-se 3 vezes:

Farfola, sai-te de aqui,
que porco e porca comem aqui.

Ou ainda:

Lava-se a bôca da criança com um paninho vermelho molhado em água da fonte, durante 3 dias em jejum dizendo 3 vezes:

Farfalho, vai-te daqui,
que a água da fonte vai atrás de ti.

Ou também:

Vai-se com a criança, ao nascer do sol, a uma fonte que nunca seque e com um lenço de 3 pontas molha-se uma delas na água e depois de esfregar a lingua da criança com a ponta molhada, diz-se:

E's tu a fonte, nascida do monte,
quando N. Senhora assubiu à serra,
e quando se assentou logo nasceu
uma fonte com água doce e água bela,
tira o farfalho da bôca e da barbela
a esta criança que não pode mamar,
para se criar.
E's tu a fonte que nunca secas,
és tu a fonte nascida do monte.

9—*Para talhar a bretoeja.*

E' uma variante de 1.ª forma do farfalho.

Para curar uma criança da bretoeja, leva-se a uma pia onde estejam a comer um porco e uma porca. Pega-se num tojo arnal, dá-se com ele 3 voltas em redor dos porcos, dizendo:

Assim como êste porco e esta porca
comem aqui,
assim desapareça este mal de ti,
e para que não torne a aparecer,
para o mar coalhado o vou requere.

10—*Para talhar as aftas*

À hora das trindades vai-se para um monte com a criança a tratar e fitando a estrêla que mais longe se aviste, diz-se:

Estrelinha d'além,
tira as aftas que a minha menina tem.

Reza-se depois uma S. R. Diz-se 3 vezes durante 3 dias a eito.

11—*Para talhar as dadas*

Pode talhar-se uma dada fazendo cruzes com a mão sôbre ela, mas dá melhor resultado fazendo-as com umas calças ou meias de homem, aquecidas ao lume.

Diz-se 3 vezes o seguinte:

Bom homem me deu pousada,
má mulher me fez a cama,
numa grade, sôbre lama:
sai-te, dada, desta mama.

Este modo de talhar funda-se na seguinte e conhecida lenda:

Quando N. Senhor andou pelo mundo, foi disfarçado em mendigo pedir pousada numa cabana. O homem que ali habitava, fê-lo entrar e disse à mulher para arranjar uma cama para o pobrezinho, mas ela que era muito má, objectou que não podia ser, que não tinha onde o meter. O marido insistiu e ela arranjou então uma grade, colocou-a no quinteiro e foi ali que N. Senhor pernoitou.

De noite a mulher teve uma dôr

muito forte no seio, pelo que não dormiu nada.

Pela manhã preguntou N. Senhor ao homenzinho:

¿Que teve sua mulher que berrou tanto toda a noite? E êle disse: Foram umas dores muito fortes que teve numa mama.

Então N. Senhor disse-lhe as palavras que ainda hoje servem para talhar, e ensinou a maneira de fazer, aliviando assim muita mãe de tam grande praga.

12—*Para talhar o pé ou mão dormentes*

Para passar êste incomodo, faz-se uma cruz com cuspo em cima da parte dormente e diz-se 3 vezes:

Desadormece pé,
que aí vem S. Tomé
com um feixe de tojos
para te queimar os olhos.

13—*Para talhar a má olhadura*

Molha-se o dedo polegar no azeite da lamparina, fazem-se 3 cruzes na testa enquanto se vai dizendo:

De dous (os olhos) to deu,
tres to tiraram,
que são o Padre o Filho e o Espirito Santo.

Dito isto, o operante defuma-se com fumo de alecrim verde.

14—*Para talhar o ar às crianças*

Queimam-se 1 pé de alhos, 3 pedras de sal, 3 bocados de alecrim, bosta sêca de tapar o forno e passa-se a criança 3 vezes pelo fumo, dizendo:

Ar e arejo,
para trás das costas o despejo.

15—*Contra as dores das crianças recém-nascidas*

Pega-se nos panos da criança e chegando-se a uma fonte passam-se 3 vezes por cima da água, mas sem os molhar, repetindo de cada vez:

Ó fonte! que tens virtude,
Ó água! que de ti sais,
fazei com que esta criança
de dores não chore mais.

ou

Ó fonte! tu que me ouves,
à luz do sol que jurais,
fazei com que esta criança
de dores não chore mais.

16—*Contra os cravos*

Depois do sol posto, picam-se levemente os cravos 3 vezes com um alfinete e virando-se para o nascente diz-se 3 vezes:

Assim como o dia desapareceu,
assim desapareça êste cravo
do sítio onde nasceu.

Em seguida vai pôr-se o alfinete numa fonte. Quem, vindo depois, o levar, fica com os cravos, e o que fêz a operação, curado.

Esta forma e a antecedente foram colhidas na colecção da *R. de Guimarães.*

17—*Para defumar uma criança*

Num têsto com umas brasinhas deita-se-lhes palhas alhas e romeiro (alecrim), passa-se a criança 3 vezes,

em cruz, e diz-se de cada vez:

Assim como N. Senhora
defumou seu amado Filho
para Ele medrar,
assim eu defumo o meu menino
para ele sarar.

18—*Para talhar* (ou coser) *os pés ou pulsos abertos*

Para destorcer ou endireitar algum tendão torcido ou osso deslocado, tem o povo a receita seguinte, diferente das que tenho lido:

Uma mulher qualquer que tenha tido 2 crianças de um ventre, põe o seu pé em cima *do pulso ou pé aberto* do padecente, e cosendo um novelo de linhas com a agulha que segura na mão vai dizendo:

—Eu que coso?
—Carne aberta, fio torto.

Diz-se 3 vezes. Depois ata-se um lenço na parte doente. Esta operação repete-se 3 dias seguidos e as 2 criaturas, operada e operante, precisam estar em jejum natural.

19—*Para talhar as impigens*

De manhã, molhar o dedo em cuspo, em jejum, e pô-lo na cinza e colocá-lo depois na impigem dizendo 3 vezes:

Impigem, rabigem, sai-te de aqui;
assim como eu hoje não comi nem beb,
assim tu medres aqui.

20—*Para talhar a azia*

Senta-se o doente numa pedra e outra pessoa diz, de gracejo:

—Eu que talho?
—Azia.
—Levanta-te burro, dessa pedra fria.

MOUROS — DIABOS — BRUXAS — BRUXARIA E MALES RUINS

VI

Guimarães é terra de bruxas. (**Constitui aforismo, velho e corrente.**)

Envelhece-se tão depressa!

Os anos são uma vertigem de dobadoira, sempre a correr e a andar, sem que dobem sòmente fios de esperança, de encanto e de felicidade, como aquele dobar risonho das fadas encantadas que formavam novelos de oiro, pela eternidade dos séculos, num viver de sonho e frescura, que a lenda recorda em pro-

vocadora tentação a todos aqueles que anelam atingir o pomo refulgente da vida mais bem vivida.

Doba-se todavia a velhice, e a nosso lado os novelos são sòmente de recordações e saudades, fios juntos mas emendados de uma vida que se levou entremeada de sofrimentos e dores, de lágrimas e desesperos.

¡Quem me dera naquele tempo em que ouvia falar, acreditando, nas Bruxas da Penha, com as suas luzinhas de brilhar fascinador!

¡Quem me dera ouvir ainda, convictamente, a Cabra de S. Miguel, alma penada de algum errante desgraçado que morreu ao abandôno!

¡Quem me dera ver e sonhar que fossem as almas dos mortos as luzes dos pirilampos, as fosforêscencias da terra, alta noite, por êsses cemitérios onde as campas se aninham, num verter de seiva que as florinhas gozam no abrir do seu sorriso, à sombra de tanta cruz!

Já lá vai êsse tempo!

¿E o antiqüíssimo deitar das al-

mas, horas mortas da noite, depois de requeridas e acordadas de campaínha, às grades do cemitério velho de Guimarães, ou com três palmadas fortes nas portas centrais das igrejas das freguesias d'aldeia, pela semana-santa, indo depois o deitador das almas ao cume de três montes, barregar em grita, para que todos os povos acordassem e pelas almas deitadas rezassem, para a graça de salvação divina?!

Um P. N. e uma A. M. pelas benditas almas que estão no fogo do purgatório. Quem puder, será pelo Divino Amor de Deus.

Por vezes as almas dos mortos eram especializadas e chamadas pelo seu nome: Pela alma de Fulano; pela de Beltrano, etc.

E estas vozes arrastadas, graves e lentas e lançadas a pulmão cheio, pela quebrada dos montes, dizem os velhos dêsse tempo que mais pareciam berrar de possessos a espantar os fantasmas da noite e a acordar o silêncio do eco.

Temor e respeito. Hora tímida e dolorosa de meditação, pensando

pelas almas perdidas, a alma de cada um que na reza se apegava em intenção de pedir, embora entre a sonolência do primeiro sôno.

Tão longe vai já tudo!

Entretanto as bruxas aparecem ainda e as almas penadas têm de existir enquanto existir o mundo, porque elas erram sem terem repouso no céu nem no inferno, aquelas almas de criaturas que se partem desta vida sem terem cumprido alguma promessa feita, ou ainda aquelas que deixassem dinheiro enterrado.

E têm de vir a êste mundo pedir, a alguém, de noite, (vulgarmente é sempre em criaturas fracas que os espíritos das almas penadas se introduzem para fazer os seus pedidos) que lhes satisfaçam as promessas, indicando as outras os locais onde enterraram o dinheiro, e só assim essas almas deixarão de vaguear, perdidamente, por êste mundo, em pena dobrada de sofrimentos. (1)

Dos males ruins e maus-olhados ninguém está livre. Em Guimarães

existe uma mulher que dizem estalar vidros, mal olhe para êles. Livra!

O diabo, êsse anda sempre a perseguir as almas. Vem ao mundo em vários aspectos de disfarce e tentação e diversas maneiras de ataque, todas as quintas-feiras.

Ainda hoje se ouve dizer que em Vizela, numa casa rica das redondezas anda o diabo na imponência de patrão e dono; o Minotes, é velho dizer, anda pela casa das Lameiras cavalgando um burro branco.

As bruxas andam de noite a petiscar lume. Encontram-se ainda hoje em S.[to] Amaro e aparecem na Poça de Arca (Pentieiros), tendo há pouco tempo desatado um carro que vinha para Guimarães, de noite, com molhos de lenha, dobando a corda que espetaram numa fueirêta. Em Azurém vagueia um espírito.

Noutra casa de Vizela, na Lameira, aparece um frade, negro como a noite; parte louça e põe tudo em desalinho. Sendo requerido imediatamente a certa bruxa de nome,

não mais volta a apoquentar os moradores, mas ainda assim, de sete em sete anos aparece sempre, fatalíssimamente.

Na poça do Olival, em Pentieiros, aparecia há anos um gato preto, das 10 horas às 3 da madrugada, que não fugia a pau nem a pedra. Era o diabo.

Certo homem, que uma noite o descobriu, ficou tão tolhido que passados dias morreu.

Passando a outras eras, recordo então as tradições mais importantes espalhadas pela colecção da «Revista de Guimarães», em artigos de Martins Sarmento: No Paço, onde está hoje o quartel militar, há um tesouro encantado e perto dêle uma cabra pintada.

Numa grande laje, próxima às muralhas do Castelo, no ângulo sudeste, ainda hoje se vêem as pias onde os mouros traziam os cavalos a beber.

Num sítio de S.ta Leocádia, numa mina, está lá o Diabo Negro, no meio de uma fogueira.

No sítio do Sumes (S. Cristóvão

de Selho) apareciam umas moiras na manhã de S. João, com infusas *marèlinhas*.

Um penedo com marca vê se ainda hoje, próximo ao Sumes margem esquerda, no sítio chamado Campo ou Mata do Vale. Por baixo não faltam riquezas: mas ninguém se atreve a bulir no penedo, pelo perigo de poder desaninhar a peste, que está amuada mesmo ao pé do tesouro.

Sôbre o penedo têm sido vistas as mouras a pentear se e a rir-se. Um dia passou por ali um velho e só viu uma púcara em cima do penedo. Pegou nela e levou-a, sem fazer caso das mouras que lhe pediam a peça roubada, prometendo-lhe em troca quantas riquezas quisesse.

As púcaras das mouras devem ser de um valor inestimável, visto acreditar-se em Candoso que o cális da igreja era uma das pucarinhas, por onde as mouras bebiam...

Numa propriedade, pertencente hoje ao sr. José da Silva Basto, há um penedo muito conhecido pelo nome de Pedra da Moura. Em tem-

pos muito antigos, o dono da propriedade ia passando, ao nascer do sol, numa manhã de S. João, por diante do penedo, e, vendo em cima dêle uma pucarinha, achou-a tão curiosa, que lhe deitou a mão e foi andando o seu caminho. Ouviu logo uma voz pedindo-lhe a restituição da pucarinha, e voltando-se, descobriu uma moura em cima do penedo. O homem ficou insensível a todos os rogos da moura, até que esta, desesperada, lhe protestou que aquelas terras ficariam estéreis daí em diante. Assim aconteceu. Para que a maldição cessasse, foi necessário que o dono da propriedade, arrependido da ofensa feita à moura, oferecesse a pucarinha à Senhora da Oliveira, de Guimarães.

E lá está no *Tesouro da Senhora*; é o cális mais rico que aí se vê...

Vê-se, pois, que todo o monte é habitado pelas mouras e está cheio de tesouros encantados.

O mais afamado é uma *grade de ouro ou um cambão com tornadoira*, também de ouro, infelizmente existente num logar incerto; O *sininho*

de ouro está enterrado no *Souto das missas*—denominação de um sítio da montanha.

Na mata da Costa, em Margaride, etc, aparecem as almas penadas e até o Cidade aparecia no penedo da Cola (Atouguia).

Na Cruz da Argola, na Madre-de-Deus-de-Fora, há tesouros encantados.

No monte da Senhora do Monte, a pouca distância de Bretêlo, há o Penedo da Moura: A moura aparece às vezes sob forma de cobra, outras vezes sob forma de um rapazinho. (2)

Nas faldas do monte, direcção da igreja de Serzedelo, há duas fontes da moura, a de S. Miguel e Fonte Velha, ambas cheias de tesouros.

Tesouros em barda, há-os em Sumes, principalmente em duas minas habitadas pelas mouras.

Mesmo no meio do Sumes havia um penedo afamado pelas riquezas que continha. (3)

Também há tesouros em Moreira de Cónegos, e em S.ta Eulália de Fermentões tesouros mouriscos guardados por serpentes, não po-

Dia 23 —

dendo haver dúvida acêrca da verdadeira natureza destas sentinelas do dornão, porque mais tarde uma mulher, passando por aquele sítio, viu uma cobra em Dezembro, e uma cobra em Dezembro é sem discussão uma moura encantada. Em S.ta Eulália há lá um penedo cheio de riquezas incalculáveis. Ninguém se atreve a quebrá-lo para desentranhar o tesouro, porque o precioso penedo está a par de um outro cheio de peste.

Em Rendufe rosna-se em mouros e têm-se procurado algumas riquezas perto do Penedo da Cabeça. O penedo fala, quer dizer, tem um eco. Em regra, para o povo, um eco é a moura que fala.»

Na Penha há, e ainda hoje muito conhecidos e visitados, os penedos do sino, um de oiro, outro de prata, (o de peste está ao lado, mas não se sabe qual seja) que dizem ter lá dentro moiras encantadas.

«Era por S.ta Catarina que tinham a sua sede os mouros da grande montanha e, segundo a lenda, não eram das mais cordiais as relações da vizinhança com os mouros

de Polvoreira, pois que em alguns montões de pedregulho, vulgares pelo cume do monte, vê o povo os projécteis de guerra, destinados a repelir o assalto daqueles invasores. De resto, a serra, sobretudo na vertente ocidental, está cheia de tesouros, e alguns em determinados sítios. E' o que sucede, por exemplo, com os penedos do Tambor, do Escrivão, do Sino, dos Quartos.

Os dois primeiros ficam acima de Vilar, e o Penedo do Escrivão tem demais a particularidade de pertencer a uma espécie de rochas encantadas, que ninguém poderá partir; lá está ainda parte de uma broca, quebrada nas mãos de um ciprianista, que tentou destruí-lo com um tiro. As denominações de Penedo do Sino, do Tambor, vem-lhe, como noutras partes, da ressonância da rocha, quando é percutida em certo ponto.»

Perto de Briteiros, há até uma fonte chamada da Cavada, que tem sinos de oiro lá dentro.

Em Candoso há uma fonte que *canta* e um penedo que *fala*.

As lendas das mouras são tan-

tas como os contos da carochinha.

Cada um vê as mouras segundo a sua imaginação sugestiva e conta de maneira diferente os imprevistos do seu encontro com elas e demais casos sucedidos e acontecidos.

Numerá-las requeria trabalho de mais avantajado fôlego.

«Defronte de Donim há um sitio em que fala uma moura encantada. (Um eco.)

O mesmo sucede em Vila Nova de Sande.

Nas Caldas das Taipas, o penedo das Letras (assim chamado por ter uma inscrição romana) abre-se na noite de S. João e sai dali uma moura. Havia na Citânia uma mina, que ia dar ao rio Ave, que passa a um quarto de légua do monte. Diz-se que uma vez um homem mais atrevido entrou nela, e depois de andar e tornar a andar, chegou a um sítio onde viu um mouro com um barrete na cabeça, muito oiro diante de si e a bater pausadamente com um martelo. Tudo isto ficava por detrás de uma grade de ferro.

Ás vezes os tesouros das mouras aparecem sob forma de animais.

Assim diz-se na Citânia que tem ali sido vista uma moura a fiar e a guardar ovelhas, que são os tesouros encantados.

Ao pé da Citânia há duas fontes de mouras; uma delas tem um tear de ouro lá dentro. No mesmo local havia uma mina que se dizia habitada pelos mouros.

Contava-se que quem ia à bôca dessa mina e pedia esmola aos mouros, êstes davam-lha.» *Tradições Populares Portuguesas*, *artigo de Consiglieri P.*, *no vol. 3 da revista «O Positivismo».)*

Ir mais longe, para quê?

Bruxas e feiticeiras, uma a cada canto, como tabernas a cada esquina. (4)

Bruxarias, ares ruins, maus-olhados, são todos os males dos que não estão bem e sofrem as torturas do coração, as vinganças do amor, os achaques da doença, o peso da desgraça, vitimando uns pelo acabrunhamento fisico e outros pelo tresleamento moral, levando-os ao suicídio, ao endemoninhamento, ao frangalho trapento da miséria.

E continuar nêste terreno de lu-

zes misteriosas, encruzilhado de fantasmas e aparições, com cruzes em cada canto e alminhas a cada ponte, era ir pelo mêdo da noite a rezar sempre orações, no recordar cauteloso da enfiada supersticiosa que emmaranha a imaginação por mais forte e equilibrada que seja.

Não há ninguém que não tenha uma superstição que guarde e pratique.

Dentro de cada um há pelo menos um mêdo, uma vacilação, um pressentimento, e qualquer destas coisas é, a meu vêr, um fio que prende a nossa vida à índole supersticiosa que nos envolve, visto que à vida nos prendemos pela dôr, pelo sofrimento, pela tortura por vezes, pela desgraça quási sempre.

Quem é que não embirra com o n.º 13?

Quem não tem azar pela terça e sexta-feira?

A's terças e ás sextas-feiras não cases a filha nem urdas a teia.

E nos hábitos de casa, nos costumes da vida, no viver familiar, no intimo achêgo do casal, com mulher e filhos vivendo em crença e

amor, em sobressaltos e doenças, em lágrimas e receios, ¿quem é que vence a razão aos nadas miúdos com que tendências vindas de longe povoaram de mistério o nosso raciocinar, muito embora as liberdades e os proficientes estudos dêem certa segurança de esclarecida visão, se no sangue, do ventre de nossas mães supersticiosas e acauteladas, trazemos já o bacilo fatalista que nos há-de pôr sempre de sobreaviso?

E fico por aqui, dando adiante uma pequena amostra que elucida, sob o ponto de vista que abrange esta secção, todo o poder supersticioso que sacode o nosso povo em benzeduras e rezas, povo que teve como mestra afamada a Caravela velha, feiticeira de nome e de respeito que deitava as cartas e deu por certo o título a Guimarães de terra de bruxas.

Que corressem o fado, da desgraça e da miséria, à hora do dia e pelas ruas da cidade, só me lembra do *Pechincha*, do *Cheira a têsto*, do *Manaca*, do *Petim*, do *Fole*, do *Zé Nana*, do *Rendido*, do *Bernardo o lha a mula*, do *Regedor*, do *Chi*, do

Vale a Pena, do *Caixa de óculos* (O Á primeira vista), da *Pacha*, da *Cachena*, da *Vicência olha o ratinho*, lembrando-me também dos lobisomens açulados pelo garotio, corridos à pedrada e à gargalhada, a pobre *Rosalina Barrumas*, o infeliz *Macedo*, o *Rigor*, o *Leitão* e a *Ana Tola*.

Tesouros encantados, hoje desencantados aos milheiros, nas burras dos ricaços e nos peitos de rôla das mulheres de luxo...

NOTAS

(1) Que Josefa, quando foi exorcismar--se à capela de S. Bartolomeu, a Cavez, não tinha no corpo o espi ito in.undo; e acrescentou em paiêntesis que não duvidava da existência de demónios súcub s e íncubos.

A profunda certeza de que o corpo humano está exposto às invasões diabólicas, entra no Minho, em capacidades de bacharéis. Vinte e oito anos depois que o minoiista professava crenças em obsessos, por 1841, na freguesia de Ribas, concelho de Celorico de Basto um moço de lavoira requeria ao juiz de paz—que era dos órfãos também—nêste sentido: "Que a alma de certa pesso. se lhe metera no cor o, e o não deixava dormir, exigindo-lhe um sermão e certo número de missas; e como êle suplicante era pobre, requeria que esta despesa fosse feita à custa da caixa dos órfãos». O juiz de paz ponderou sèriamente e conscienciosamente a justiça do pedido; mas não quis ainda assim decidir sem consultar pessoas de maiores teologias. Mandou pois ouvir o doutor curador dos órfãos o qual respondeu «que se ouvisse prèviamente o conselho de familia «O conselho reúnido deliberou, que, visto o curador não impugnar, era de parecer que se concedesse à alma a graça que requeria e se aliviasse o rapaz do vexame. Em conseqüência, prègado o sermão e ditas as missas, o rapaz ficou são e escorreito. (Camilo, na Maria, Moisés-Novelas Minho, pag. 118 e 119.)

(2) Em Rendufe, junto à quinta do Loureiro há o penedo da Moura.

No monte dos Pógeiros há muito dinheiro encantado, pois noutro tempo os mouros disseram aos pegureiros que não atirassem com pedras ao gado porque eram dinheiro.

Uma Florinda Rosa, em pequena, correndo após as ovelhas foi ter aos penedos brancos, no monte de S.ta Marinha, e viu aí um mouro vestido com hábitos de padre para celebrar, tendo barrete, etc; atemorizada fugiu e chamou pelas amas; quando voltou, porém, nada se encontrou.

Em Ronfe é notável o monte de Alvas, vulgo da Albarda, aonde existem 2 penedos, que serviram, segundo a tradição, de postes de fôrca. (*Livro 1.º manuscrito, de Abade de Tagilde.*)

(3) Até o volumoso livro brasileiro *A Bruxa Evora*, por Simão Rodrigo, nos indica no capitulo Tesouro do Feiticeiro—lugares onde existem os encantos ou os tesouros escondidos dos grandes reis magos—o seguinte: 7—No Loredo ficaram muitas barras de prata, dos cadinhos de Vimaranes. No livro de S. Cipriano vem igual informação.

(4) Em S. Martinho de Sande residiu a bem conhecida feiticeira de Sande, Joana Francisca Ferreira, que era constantemente consultada pelo povo, ainda de longe. Não recebia dinheiro, mas algumas lembranças, como rapé etc. (*Livro 1.º manuscrito, de Abade de Tagilde.*

Em Vizela existe a *Tuca*, afamada mulher que talha o ar e desfaz bruxedos.

Em Guimarães ha também um tintureiro de nomeada que lê os exorcismos, espantando o diabo do corpo das criaturas.

De resto há várias bruxas, corpos-abertos e

feiticeiras de somenos, uma a cada canto, duzias em cada freguesia.

—Ler as *Constituições sinodais do Arcebispado de Braga de 1639*, em artigo de Consiglieri—Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa—na revista «O Positivismo», ano II, pg. 225, onde se condenam todas as práticas de feitiçaria, nigromância, e quem delas use, sob pena de excomunhão.

É interessante a lista apontada, observando-se que todos os pontos referidos são ainda hoje os mais arraigados na observância do nosso povo.

MOUROS—DIABOS - BRUXAS BRUXARIAS E MALES RUINS

1—Alguém que adoece, vai à Ponte de S. João, ao pé de Guimarães, à meia-noite em ponto, levando consigo uma benzedeira ou um padre que lhe leia os exorcismos. Concluída a leitura, o doente atira ao rio com meio alqueire de milho miúdo ou painço e depois com 3 punhados de sal,—largando logo a fugir. O diabo vai contra os grãos e deixa a criatura em paz. (*Tradições P. de Portugal, por Leite de Vas-*

concelos, *e na revista «O Positivismo» artigo de Consiglieri, vol. 4.°* pag. 173.

Criatura amiga me informa, amàvelmente, dêste mesmo uso, elucidando-o mais em todas as suas variantes e feições — «Na ponte velha de S. João, (da freguesia de S. João de Ponte, concelho de Guimarães) costumam ir à meia-noite em ponto deitar da ponte ao rio os feitiços. Para atirar os feitiços empregam o seguinte e curioso meio: A feiticeira vai de noite a casa do enfeitiçado e depois de ler e dizer certas cousas, manda vir um púcaro novo onde deita 4 pregos de aço, uma camisa que o doente traga naquela ocasião, dobrada em quatro, 4 alhos e mais objectos, àgua e cinza do Natal, depois tapa o púcaro com o têsto, barrando-o; faz uma grande fogueira e vai o púcaro ao lume, fervendo muito tempo, enquanto a feiticeira diz certas palavras, adivinhando logo a pessoa que fez a feitiçaria. Depois disto, a feiticeira, acompanhada por alguns homens, por môr de os demónios e bruxas não a matarem, dirige-se à ponte de onde lança ao rio

o púcaro com tudo o que tem dentro. E assim fica curada a pessoa enfeitiçada.»

Têm, como se vê, os 2 bruxedos, certa relação de causa e efeitos.

Na levada do rio Vizela, aparecem também, por vezes, panelos novos de barro, o que insofismàvelmente prova que para ali despejam as bruxarias. Para os rios e encruzilhadas é costume levarem os bruxedos.

2—Faz-se a seguinte bruxaria para se casar com determinada pessoa: Pega-se num limão e metem-se-lhe dentro alguns cabelos ou fragmentos de roupa da rapariga (ou rapaz) desejada, e à hora das Trindades principiar a pregar-lhe alfinetes e dizer: *Assim como eu pico êste limão, assim pico o teu coração, para que não possas descançar, nem comer, nem dormir, enquanto que comigo não casares.*

Vem no romance *O Sangue*, (pág 95) de Camilo, uma bruxaria semelhante: «Foi a velha à cozinha e colheu da saleira um punhado de sal.

Fechou-se na água-furtada e pulverizou o sal num caco. Depois, acendeu uns gravetos de alecrim e esperou que batesse o meio-dia noutra torre. Ao primeiro toque, tirou uma boa pitada de sal, lançou-a à lavareda do alecrim e ciciou estas palavras debruçada sobre a vaporação da fogueirinha: *Eu te salgo, Inocêncio; eu te ressalgo e torno a ressalgar para que não possas comer, dormir, falar, nem sossegar, sem com a Tomasinha casar.*

3—Contra as feitiçarias faz-se com o varredouro o sinal da cruz e diz-se:

Varre, varre, varredouro, esta feitiçaria
que me fez (o nome da pessoa de quem se suspeita,)
ao pino do meio-dia.
Varre, varre, varredouro,
êste grande mal,
que se não foi feito ao meio-dia
foi à hora da Trindade.

4—Contra as bruxas, é bom, à noite, ao tirar o lume do lar deitar-lhe algumas pedras de sal e dizer:

Com êste lume que te faz estalar,
amanhã me hei-de defumar.

No dia seguinte, ao nascer do sol, tiram-se algumas brasas, lançam-se num têsto e queimam-se no lume romeiro, arruda e sempre-verde, dizendo:

Assim como estou virado p'ra nascente,
onde nasce êste sol resplandecente,
assim se me varra êste mal de repente.

Refere-se a qualquer mal de bruxaria. Estas operações e orações devem ser feitas e ditas 3 dias a seguir e durante os defumadouros, e hão-de dar-se 3 voltas em redor do lume.

5—Pôjo, aljavão, hortelã, açucar mascavado e raiz de funcho, tudo fervido e tomando-se um quarteirão ao deitar e outro ao levantar, livra das feitiçarias.

6—Quem não quiser ser embruxado nem perseguido por mal de inveja, é trazer consigo raiz de pionia benzida, um bocado de cordão

de S. Francisco e outro bocado da corda do Senhor.

7—A filha de uma mulher de St.ª Leocádia foi ferida de um ar ruim por se conservar à porta de casa à hora das Trindades. (Algum resfriado, naturalmente.) Consultada uma feiticeira deu-lhe a seguinte receita: Cortar um mônho (punhado) de lã numa ovelha preta, deitar-lhe 3 pingos de azeite, e dizer por cada uma das vezes:

Ovelha preta,
em ti tens virtude,
tira-me este mal,
junta-o com êste lume.

Depois passar a lã 3 vezes pelo lume e aplicar o mônho sôbre a parte doente.

8—Contra as bruxas é bom, quando uma criança nasce, pregar um prego junto do berço (ou no sítio em que ela nasce) e pendurar nele uma meada.

9—As bruxarias interiores pare-

ce serem as que se manifestam em moléstias que não saem à pele. Contra elas é eficaz um frango preto (se riço, melhor) cortado ao longo do peito e pôsto sobre o estômago da doente, com penas, tripas e tudo. Há-de aí estar 9 dias.

10—E' corrente em Briteiros trincar um dente de alho quando se vai à missa em jejum.

Em jejum é que se está mais exposto aos malefícios. Toda a gente deve dormir com um dente de alho debaixo do travesseiro e ao acordar trincá-lo e esfregar a testa e as mãos. Mesmo para que as bruxas não empeçam aos bois, é remédio esfregar-lhes os cornos com alhos.

11—Quando de manhã se acorda com pisaduras no corpo, usa dizer-se que são as bruxas que vem chupar o sangue.

Por isso se diz todas as 3.ªs e 6.ªs-feiras, isto é, na véspera dêstes dias, ao deitar, (é às 3.ªs e 6.ªs que as bruxas andam a empecer as críaturas) a oração contra elas. Vêr no capí-

tulo V, Orações e Ensalmos, a oração 11.)

12—As bruxas têm todas um sinal negro no lábio inferior e falta-lhes por completo o adôrno cabeludo uteral.

13—Um san-solimão (signo-saimão) pregado à porta de casa livra as crianças de serem chupadas pelas bruxas.

14—Ter uma asa de morcego em casa evita bruxedos. Também os evita um trevo macho.

15—As bonecas das crianças sendo de trapos, não devem ser deixadas de noite fora das gavetas.

16—Não é bom deitar fora sangue (que saíu de sangria, bichas etc) sem o misturar com muita água. Para evitar qualquer bruxaria, parece.

17—Se alguma bruxa está dentro da igreja, à missa, e ao sair o cadeado da porta estiver levantado, não poderá sair. Ou ainda: Feiticei-

ra que esteja na igreja não pode sair dela estando o missal aberto.

18—Quando se deitam as teias, põe-se no tear sempre-verde, arruda ou 1 alho porro, para as bruxas não empecerem as tecedeiras e não tolherem o trabalho. Assim também é preciso queimar os cadilhos da teia para evitar qualquer bruxaria feita à tecedeira pelo comprador da fazenda.

19—Quando cai azeite no chão, deve deitar-se-lhe em cima vinagre. Neutraliza qualquer bruxaria que o azeite podia provocar.

Com significação contrária:
Azeite no chão, sinal de paixão.

20—Com terra dos cemitérios também se fazem bruxedos.

21—As feiticeiras, quando querem enfeitiçar alguém, apanham a terra da pègada do pé direito (sic) atam-na num pano e depois atiram-na à cova de um defunto; quando o defunto estiver desfeito, morre a pessoa.

22—Bruxas que desfaçam bruxêdos e não os ocasionem, diz o povo que são enviadas de Deus.

23—As bruxas costumam aparecer nas lages onde se sêca o milho; nas encruzilhadas, nas espadeladas e ao pé dos rios.

Passam invisivelmente de um lado para outro, mas petiscam lume ao passar.

24—As bruxas quando querem embruxar-se dizem o seguinte:

Levanta-te lar,
que eu quero-me embruxar,
se não vou pedir ao lume
que só êle te pode mandar.
Lume, manda o lar
que dê três voltas em redor,
que eu queria-me embruxar;
peço-vos o lume azul
que a noite está de luar.

25—As bruxas, sendo casadas, e para que saiam de noite, já embruxadas, à vontade e sem que os homens dêm por ela, dizem:

Eu te benzo com a fralda do meu c.
para que sem eu vir não acordes tu.

26—As pessoas que nascerem no dia de Todos os Santos vêm a tornar-se bruxas, se são fêmeas; lobisomens, se são machos.

27—O tição do lume afugenta as coisas más.

28—Aparece na primeira 6.ª-feira de Agôsto, de manhã, o nevoeiro maligno.

Onde assenta, são certas as moléstias pelo ano adiante.

Os trabalhadores da Citânia, há anos, viram-no passar e sentiram um cheiro pestilento.

Contra o maligno nevoeiro fazem-se na véspera à noite da 1.ª 6.ª-feira de Agôsto, defumadoiros com um romeiro.

Ou ainda:

Em S.ta Leocádia, quando êle pousa, empregam o remedio seguinte: Queimam rama de pinheiro ao nascer do sol, dizendo a oração:

O nevoeiro de Agôsto,
de maligno vem matar,
mas o fumo do pinheiro
não mo deixa cá entrar;
o sol nado na serra
a virtude lhe vem dar.

E' no lar que se queima a rama de pinheiro.

29—O excomungado nem vai para o céu, nem para o inferno; vai viver numa nuvem, tolhendo todo o mundo. E' por isso que muita gente, ao passar uma nuvem, sente uma dôr de cabeça, etc. E' o ar ruim do excomungado.

30—A quem faltarem algumas palavras do credo, aparecem-lhe coisas ruins, que são almas do outro mundo.

31—Quem pelos pôjos passou
e um raminho não cortou,
no coração do diabo entrou.

32—Bodegão é o mandão das bruxas, que as acompanha para tôda a parte e anda no carro da *con-*

deceira—carro das bruxas que anda só de noite.

O bodegão é um homem que tem pacto com o diabo e comanda as bruxas. Há até um dizer entre nós, que embora nada defina, anoto:

O' bodegão, bodegão, bodegué,
aleijado do c. e torto do pé.

Na «Revista de Guimarães», vol. 15, vi num artigo sôbre folclore, dar ao bodegão a explicação de que seja o diabo, assim como vem também nas «Tradições Populares de Portugal» o seguinte: O diabo, quando anda entre as bruxas, chama-se *Zangão*. Um rapaz de S.ta Leocádia (Guimarães) por mais cruzes de cana que punha à cabeceira, não se podia livrar das malditas bruxas. Uma noite viu-as a mais o Zangão; travou-se logo êste diálogo entre elas e o Zangão:

—Que lindas rosas
por estas ervas!
—E que lindo cravo
por meio delas!

O rapaz durou pouco tempo depois disto.

Se Zangão ou Bodegão são uma e a mesma coisa em conceito popular, não sei; o que sei é que o povo desta região chama ao capataz, ao maioral das bruxas, o *bodegão.*

Há quem apelide o diabo de *bodegão*? Há.

O diabo tem vários chamadoiros e o povo nem sempre escolhe aquele que melhor lhe quadra. Daí por vezes certas complicações que tornam difícil a verdadeira significação do termo empregado.

33—Uma vez ia o carro da *condeceira* a passar pela rua de Gatos e um curioso veiu à janela ver o que era, despertado pela grande chiadeira que o carro fazia: imediamente levou uma bofetada monumental. (*Tradições Populares de Portugal,* de *Leite de Vasconcelos.*)

34—O diabo tem 2 filhas chamadas: uma Branca Flor, outra Feliz Bela.

35—Ao meio dia ou às Trindades não se deve dizer a ninguém, principalmente às crianças, a frase vulgar de arrelia, muito usual: *Diabos te levem,* porque êle pode vir e levar essa pessoa. E é que tem acontecido casos, comenta o povo, esclarecendo dos sucedidos. . .

36—O nervoso é parente directo do diabo.

37—O diabo está sempre por detrás das costureiras para ter o prazer de as ouvir:—Que é do diabo da agulha, do carrinho, do dedal etc, etc.

38—O diabo mete-se nos nós que se dão em qualquer fita, corda, linha, etc, obrigando assim a desesperar-se e a falar mal quem está no serviço de tirar os nós.

39—O diabo está atrás dos confessionários para restituir a vergonha a quem a tirou.

40—Quando se vê alguém fazer uma boa acção, e que se não espera dessa pessoa, costuma dizer-se:

Oh! está o diabo atrás do forno! Outros dizem que está a lua.

41—Andar para trás, de costas, é ensinar o caminho ao diabo; ou andar com o diabo, como dizem outros.

42—O sangue com que se faz pacto com o diabo deve sair do dedo mendinho.

43—O rendeiro da cinza é o diabo. Não se sabe ao certo o alcance deste seu título, mas o que parece saber-se é que êle não gosta que se bula na cinza do lar e muito menos que seja tirada tôda.

Quando pressente que se vai tirar para barrelas, ou para cozer meadas (e para isto pior, que é quando se gasta mais cinza) o diabo entra logo na casa onde se vai fazer tal serviço; esconde-se atrás da porta da cozinha e nunca mais saïrá de aquela habitação, causando os malefícios fáceis de imaginar.

Para o expulsar é fazer o seguinte:

Corta n-se 5 varas de loureiro que

se põem sôbre o lar na seguinte disposição—2 paralelas à cabeceira do lar (borralheira) e 3 formando cruz com as primeiras. Em cima das varas de loureiro deitam-se umas poucas de brasas, e sôbre elas vão-se deitando pitadas de sal, que hão-de estalar durante todo o tempo que levar a apanha das cinzas. A interrupção nos estalidos deixaria o esconjuro incompleto.

Em todo o caso, não convém, como já se disse, varrer a cinza tôda. Deve sempre ficar alguma, pouca que seja.

44—O templo da Colegiada foi feito pelos mouros: as mulheres levavam as pedras à cabeça.

As mouras foram também, é tradição velha, as que acarretaram as pedras para as muralhas de Guimarães. Traziam-nas à cabeça, fiando na roca ao mesmo tempo.

Também a *pedra formosa* da Citânia foi por uma moira levada à cabeça desde o alto de S. Romão até S.to Estêvão, enquanto fiava na roca.

45—Os mouros da Citânia viam-

-se principalmente quando aparecia o arco-íris.

47—Uma mulher de Briteiros chamava às vezes as filhas para lhes mostrar as mouras que via na Citânia. Eram penedos ou pedras que a certa luz faziam lembrar figuras humanas. Mas ela acreditava piamente que eram mouras a assoalhar as suas riquezas. Via também diamantes, (o reverbero do sol na mica do granito, que em certas ocasiões brilha deslumbrantemente). *Livro manuscrito—M. Sarmento.*)

Salva esta cantiga:

Pela Citânia,
desce a moirinha,
que vai à fonte
co'a cantarinha.

47—Na Citânia há meninos e meninas dourados, (sic) mas encantados. Em Sabroso há mouros, principalmente, parece, numa chã pertencente a um moleiro, onde tôa o eco.

48—O eco dos tambores só existe onde há mouros; quer dizer, na crença popular, que os mouros nos sítios onde habitam, se põem a tocar tambor logo que o ouvem tocar nas imediações.

E' por isso que quando em St.ª Leocádia de Briteiros se toca tambor, logo respondem os mouros da Citânia.

Em nota, M. Sarmento pregunta:

«¿Não se dirá se o mesmo sucede com o eco de qualquer outra cousa, dos sinos, por exemplo?

Mas é bem provável.»

Os rapazes dizem, isso sabemo-lo nós, e tem com o caso certa identificação, quando despertam o eco com o seu vozeirar de Ah!... Oh!... ou palavras sêcas, abafadas e curtas, que quem responde é o demónio.

49 - Sabroso é uma mourama mais pequena que a Citânia. Os mouros de Sabroso punham-se de joelhos, voltadas para a Citânia e assim ouviam a missa que ali se dizia.

50—Se alguém tocar em coisa

encantada, fica-lhe a mão fria para sempre.

51—O Anti-cristo nascerá ou sairá de uma velha, ou freira, como querem outros; quando nascer, acabará o mundo.

52—Tendo uma mãe 4 filhas a seguir, a 4.ª deve chamar-se Eva, evitando assim que ela corra o fado ou venha a ser *peeira de lobos* — que anda ao pé dos lobos—durante 7 anos.

Dum caderno manuscrito de 1882 tiro o curioso resumo sobre as Pejeiras. Convém dizer que há quem lhes chame peeiras e pejeiras. Êste resumo explica diferentemente, como vai ver-se, a função das peeiras.

«Quando houver 7 irmãs, a mais velha (ou a mais nova?) tem de seguir o fado. Foge de casa paterna, sobe os montes, chama os lobos e logo junta um exército, não podem ser menos de 12, número igual aos dos anos de idade em que deve principiar o fado, vai munida de uma faca, de um apito ou assobio, de alguns andrajos. O apito é para chamar os

lobos, a faca para os dominar, que espetando-a no chão ficam como cordeiros, e jogando espada com ela fazem um alarido infernal, tornam-se furiosos, e ai de quem estiver perto. Os lobos conduzem-lhe carnes frescas para ela, peles para roupa e cama, e quando andam à vida ficam 2 por dia para a vigiarem. Mas note-se que tanto as pejeiras como os lobisomens só seguem esta vida sendo 7 fêmeas sem interrupção, ou vice-versa.

Afinal não seguem esta vida aqueles que forem baptizados por os irmãos ou irmãs.»

Êste resumo elucida muito e oferece curiosidade para confronto com a superstição que anoto acima sôbre o mesmo motivo.

Do mesmo caderno anoto o que diz sôbre lobisomens:— «Lobisomem é a figura ou figuras que um homem pode tomar, de diferentes animais, mudando a natureza animal em natureza irracional. De maneira que, (diz o povo) um pai que tenha certo número de filhos homens (dizem 7) o mais velho tem de seguir um fado, ou antes, uma vida fatal, que

há-de durar tantos anos como o número de irmãos (7.)

E durante essa vida pode o homem ser burro, cão ou boi, segundo se deitar, ou como dizem —espolinhar—na cama do burro, do cão, do boi e até do leão ou outro animal...

Sai o filho de noute de casa do pai, para êste fado, aos 14 anos, e tomando estas figuras, vai lutar com os animais de diferentes espécies e põe tudo por terra, porque é mais valente.

Esta vida pode durar menos que os 7 anos; para isto basta que qualquer homem faça sangue no corpo do lobisomem, quando andar em figura de irracional, voltando assim à figura de homem e para não mais correr o fado.

Também me parece que o lobisomem (e assim o contam) deixa a figura de homem para fazer mal aos outros irracionais, e só toma a figura de homem outra vez tendo matado e comido animal da espécie de que tenha tomado a figura.

Ainda hoje nas encruzilhadas dos caminhos ou estradas se colo-

cam cruzes e nichos de almas com figuras de Santos, por via de êstes encontros, que só os há nestes sítios. Também é certo que quando qualquer pessôa do campo passa por cima de terra que esteja calcada ou revolvida pelo espolinhamento de animais, como do burro, etc cospem fora, que dizem ser bom por via de êstes encontros e de êstes malefícios.

Parece-me pois, que o lobisomem é antigo centauro, e que tem tanta existência como os da fabula centáurica.»

O povo diz também que não se deve passar, descalço, por sítio onde se tivesse espolinhado um burro, para que não se apanhe um bojego de 7 coiros (7 peles).

¿Terá relação com o que acima se lê sôbre espolinhamentos?

53—As lavadeiras do Campo da Feira juntavam-se tôdas quando tinham de lavar à meia-noite, porque constava que por baixo da ponte andava a «alma penada» de uma ama de Vila Pouca, que tinha atirado um filho recém-nascido ao rio,

tendo sido condenada a procurar todos os ossos da criança. «*Revista*) *de Guimarães*, vol. 21).

54—O *balborinho* (redemoinho de vento) são as «almas perdidas» que não puderam entrar no céu por deverem restituïção aos vivos. O povo foge de ser apanhado por êle (balborinho), mas vai-o seguïndo e gritando sempre.

O grito mais favorito é: «Vai-te para quem te comeu as leiras». Quando o redemoinho se desfaz e começam a cair as palhas que êle serveu para o alto, seguem-se com muita atenção estas palhas, e onde elas caem, sabe-se logo que uma das «almas perdidas» fez em vida roubo naquele campo. (*Comunicada por Martins Sarmento a Consiglieri Pedroso—Revista «O Positivismo* vol. 4.° pag. 391).

55—Ainda há pouco tempo havia umas mulheres, que iam para o adro da igreja do Campo da Feira chamar as almas do purgatório. Conseguiam assim muitas cousas.

E' porém uma barbaridade; por-

que as almas acodem ao chamamento, mas sofrem muito com isso. (Idem.)

Deve dizer respeito ao deitar das almas, a que me refiro na introdução dêste capitulo.

MORTE — MORRER

VII

Há duas coisas no mundo,
que eu não posso entender:
os padres ir pró inferno
e os cirurgiões morrer. (Pop.)

O sangue morre, a alma não

(*Dizer do povo*)

¿Ainda não atenderam, ouvindo bem, lá longe, no sossêgo dos campos, no abafado silêncio daquela vida lenta e regrada de trabalho, que se desfia como contas de rosário em mãos de penitente, hoje como ontem, e sempre a mesma e igual, co-

mo o dobar do síno das aldeias, dando o sinal de morte, tem uma toada chorosa que se quebra numa expansão dorida e soluçante ao longo do seio morno dos campos que florecem, levando na dor do seu gemer de morte a tristeza a todos os casais da freguesia, as lágrimas a todos os olhos das mulheres, a pena e o lamento a todos os homens do campo?!

Inda não atenderam?

Cada freguesia é uma familia bem unida, tôda presa e ligada em parentesco e compadrio.

O trabalho junta os homens e a igreja unifica as almas, santifica os actos, espalha bênçãos na terra e pede mercês à Deus.

A igreja é o termo de um povoado, e para lá dessa casa do Senhor, o povo só vê a imensidade azul das imensidades dos céus.

Algum doente que agoniza, tem o Nosso Pai à porta com as ladainhas do povo da freguesia, num chorado carpir de rezas bentas, alumiado por todos os casais onde passa, sendo de noite, uma luz na janela, na varanda, ou na porta, ajoelhando todos os que o vêem passar e respei-

tado por todas as crianças que guardam o guado e por todos os fedelhos que brincam nas eiras.

Dantes, uma pessoa de cada casa, acompanhava a Sagrada Eucaristia, e por todas as portas que passava, deitavam murta, alecrim e ramos de oliveira, apanhando depois o alecrim, que sendo benzido sòmente pela passagem solene do Senhor, ficava com virtude, sendo bom para queimar em dias de trovoada, afugentando assim todos os perigos da mesma. (1)

Passa um entêrro de qualquer lavrador, que levou a vida debaixo do jugo do trabalho e do aguilhão da necessidade, lavrador que só por morte consegue dormir descansado em sete palmos de terra de sua pertença, passa um entêrro qualquer, e as frases são de sentimento: *Deus Nosso Senhor se amerceie da sua alma; Deus o leve para bom lògar; A terra lhe seja leve: Padre-Nosso, Ave-Maria...* (2)

E reza o povo na sinceridade da sua crença, porque para além do infinito só as almas puras e inocentes do contágio maldoso ou sapiente

vêem e os olhos alumiados de fé alcançam, distinguindo no céu o santuário de Deus de onde vem o sol e desce a chuva; os ralhos dos trovões e os castigos à maldade dos homens, sendo também o nicho afofado das almas boas que aparecem depois escritas no firmamento, pelo brilhar das estrêlas que circundam e guardam e povoam a *estrada real de S. Tiago*, que se vê, de noite, no céu.

Da memória do povo, pois, jamais se apaga a recordação de aqueles que se partiram, porque embora a morte os roubasse, há as estrêlas do céu que os lembram, os covais que os guardam, as rezas que os aproximam e o dia solene de *Todos os Santos*, com bênçãos, procissões e flores, dia de todos os que ali repousam, nivelados, sem vaidades, sem rancores, sem luxos, sem ambições, quer em jazigos de pedra fina com alâmpadas acesas êles durmam, quer em coval rasteiro, onde cruzes toscas indiquem os seus nomes, ou chapas pretas marquem o número dos enterramentos, ou inscrições singelas e humil-

des peçam respeito à dor que abriu em peitos de família a morte dos que ali se desfazem verminados e corrompidos pela terra e pelos bichos.

Todos ali são santos nêsse dia.

A gente idosa, dantes, e naquele tempo em que a ideia da morte requeria uns certos preparos para a jornada, a vida direita e as disposições testamentárias em bens de alma, missas e esmolas, e naquele tempo talvez, já tão afastado mas relembrado com certas reminiscências, em que punham nos beirais das casas, onde qualquer pessoa de família morreu, pratos com comida, todas as noites, para que o alimento não lhe faltasse, naquele tempo era vulgar os velhos mandarem fazer o caixão e pô-lo atrás da porta (há muitos exemplos) e mandarem fazer as mortalhas, camisas brancas de linho, compridas, (é bom serem de linho, representam a alvura) que guardavam religiosamente para o seu último trajar.

Êste costume é ainda vulgarissimo.

De quanta gente sei eu, que nas

arcas guarda há muito as suas camisas de morte!

E' a mesma ideia, em súmula, a preocupação de além-morte, que vai em essência juntar-se às derivantes religiões de vários povos que iluminam a crença de vida para a outra vida de além tumulo, fazendo-se acompanhar na procissão fúnebre de todas as riquezas do seu poder, de todos os faustos do seu gozar e de abundantes comestíveis.

Se há ainda, nos nossos dias, quem deite moedas de cinco réis, nos caixões, para pagamento da passagem na ponte de S. Tiago da Galiza!

Se é bom rezar-se um P. N. uma A. M. etc, logo após a morte de alguém, logo e à beira do morto, porque é (e acredita ainda hoje o povo, que assim faz e procede, sob essa impressão de momento, mais por poder supersticioso do que pròpriamente pela vontade de rezar em maré de tanta atrapalhação) a primeira luz que leva para o alumiar no caminho longo e escuro que conduz à outra vida! (3)

E quem não levar essa primeira

luz da reza, vai às escuras, correndo o risco de se perder no caminho. . .

E a imaginação do povo nas rezas se dulcifica, e aqueles que ao seu coração levaram o confôrto das suas palavras de conselho, aqueles que o amaram, que o socorreram, aqueles de quem o povo tenha de dizer em pranto de admiração: *Ai! êsses eram umas boas criaturas de Deus!*, o povo, é de ver, cria à roda do seu encanto um poder sugestivo que o leva a afirmar, por vezes, desde que viu em sonho ou em imaginação supersticiosa e mística, incidir, sôbre o leito de morte de algum bondoso que lá repousa qualquer manifestação ou sinal divino, que êle é santo porque foi nêste mundo um eleito do Senhor.

E assim urde o povo a teia maravilhosa dos seus santos, formando em volta a legião dos crentes no respeito que é dado a mortos que Deus fadou, quer conservando-lhes o corpo intacto, quer iluminando-lhes a campa com luz de estrêlas, quer reverdecendo-lhes de flores os canteiros da sua morada eterna.

A alma, quando sai do corpo, por morte, é uma pomba branca que o povo vê fugir, desferindo vôo largo a caminho de Deus.

Há poucos anos ainda, em S. Pedro de Azurém, num lajedo de sepultura, dentro do corpo da igreja, onde repousava um velho padre da família Faria, da Bornaria, e por uma das frestas dessa pedra sepulcral, uma flôr miúda e branca como a pureza, surgia vigorosa em indício de santidade. (4) Cortada um dia, logo ao outro ela se apresentava, no mesmo sítio e com o mesmo frescor e viço. E assim muitos dias a flôr foi cortada e nunca pelo espaço do tempo a flor morreu.

Agora, até diz o povo, desde que o desenterraram para o levar para outro logar, ninguém sabe onde pára o cadáver, supondo-se que êle fosse ter à cova de um amigo, Frei Cristóvão, lá para o convento da Cruz, em Vila Nova das Infantas.

O povo, quando não forme santos, pelo menos por estas manifestações acredita na recompensa sagrada que Deus dispensa aos bons.

Aquele velho padre foi, de certeza, a bondade mansa do seu rebanho ou um padre de boa alma.

O abade velhinho de Pencelo tem fama de santo. O seu corpo e as suas vestes sacerdotais estão intactas.

Morto há muitos anos, o povo daquela freguesia recorda-o com saudade, e é santo pelo menos no agasalho do seu coração agradecido.

Não sei onde, (mas contaram-me há muito tempo) na campa de uma rapariga nova nunca as flores se plantaram e todavia são um enxame de cores mimosas e bonitas, que nunca murcham nem secam, quer de inverno, quer de verão. Tinha morrido de amor, mas pura e santamente. E morrer de amor, em sacrifício alevantado por uma paixão que nunca se corrompeu, nem em pensamento se desviou da beleza sonhada,—e Deus lhe desse a graça de muita saúde e vida —morrer assim é morrer com os olhos fitos no céu, última esperança, e as lágrimas de sangue abafando um coração, em dor mais pesada, mais cruciante, mais sofredoramente dolorosa, para não deixar sair em derradeira despedida, nem mais uma palavra, nem

mais um suspiro.

Assim morrem os Deuses e os Santos.

Ficou sendo no coração de todos, a santa do amor!

E mais, e quantos?

Em Mascotelos, pela festa do St.º Amaro, costumam adornar de flores às campas do cemitério, e lá onde repousa, em humilde mausoléu, o saudoso vimaranense Abade de Tagilde, (João Gomes d'Oliveira Guimarães) tem por hábito sua família colocar um caixilho com a sua figura modesta e simples de expressão, e ali à roda, em pilha, o povo de Tagilde, freguesia que êle tantos anos pastoreou, segreda orações e recorda o seu amigo de longo tempo, e ouve-se até dizer, à boca cheia, que o retrato sua, à maneira do vidro da urna do milagroso S. Torcato.

Sua, de verdade, é crença daquele povo, e tanto assim que como santo o julgam, tendo já feito certos milagres, provados em testemunho público pelas ofertas que à sua campa o povo leva em Dia de Todos os Santos, ofertas de velas de

cera espalhadas ao longo do seu leito de morte.

O fazer pranto já não é bem do meu tempo. Todavia dizem-me que em Vizela e mesmo em Guimarães, especializando aquela gentinha pobre, que vive em arruïnados casebres de ruas escondidas, costumava *fazer pranto*, (como aliás acontecia em muitas terras do país) vindo em sinal de dó, pelo falecimento da pessoa de família, berregar às janelas e portas, enquanto se avistasse o entêrro. E' usança em decadência, mas quem isto me conta, afirma que muitas criaturas iam propositadamente ver sair os mortórios dessas casas pobres, sòmente para assistirem aos últimos adeuses com lenços e mãos em grita e ao chôro desfeito da família dorida e do parentesco amigo. Quem não chorasse, e aqui é que vai a explicação do pranto, assim em desalinho, às portas, perdidamente, em gritos de fantasma, não mostrava aos olhos da populaça compaixão pelo defunto.

O fazer pranto acabou, como há mais tempo tinha morrido a função das carpideiras.

Apanhar, colher, nêstes e naqueles cemitérios, modestos abrigos espalhados pelo verdor dos campos e pelas agruras dos montes, inscrições singelas da lembrança e pesar do povo e saber dos seus votos mais recatados e das suas penitênciasmais do coração, pela graça do amor e da saude, dariam um livro maravilhoso de encanto e de sentimento.

Hà quem se desatavie de seus adôrnos, e ofereça aos santos os brincos das suas orelhas, os anéis dos seus dedos e os cordões dos seus peitos; hà quem faça a dura penitência (houve em Vizela um homem, o sapateiro santo,) de ser pobre toda a vida, dando aos pedintes o sobejante do remedeio penitenciado de pão e caldo; há quem jejue por promessa, quem faça uma romaria sem fala e há quem por promessa cumpra os votos do seu oferecimento pedindo, embora ricos ou remediados sejam, de porta em porta, de logar em logar, de freguesia em freguesia, esmolas pequenas, para mandarem dizer missas ou oferecerem velas aos santos requeridos; há quem ofereça cereais, há quem ofereça ri-

quezas, há quem ofereça Padre-Nossos e Ave-Marias.

Em Pinheiro, informam-me, uma rapariga nova, cortou há tempos os seus cabelos loiros para oferecer a uma santa, pela graça de lhe ter curado o conversado.

Uma santa mulher de Guimarães, a Sr.ª Zèfinha, de boa família, fêz um dia a promessa de se vestir toda de burel e andar sempre descalça, enquanto viva fosse.

E toda a gente se recorda ainda de a ver passar pelas ruas da cidade, quer de verão ou de inverno, na postura humilde da sua resignada promessa.

E cumpriu até à morte.

Uma Ana Carpinteira, assim conhecida, de Vizela, fez a promessa de beijar os pés a todos os anjinhos e defuntos que morressem na sua freguesia de S. Miguel das Caldas, indo depois acompanhá-los ao cemitério.

E durante mais de trinta anos cumpriu esta promessa de humilhação.

Dizem até que esta mulher morreu virgem e pura como as estrêlas.

Outra mulher fez a promessa de rezar uma hora, todas as quintas--feiras, na igreja da sua freguesia de S. Miguel das Caldas (Vizela.)

E morreu com esta devoção penitente.

¿Não dariam um livro de encanto e sentimento, uma vez que todas estas confissões de alma, múltiplas e freqüentes, fossem observadas e arrancadas do íntimo sofredor, místico e supersticioso do nosso povo, e postas depois em cartilha de reza e de exemplo?

¿E as demais promessas,—sudário de almas claudicantes—, de dificil conhecimento e praticadas em recato, que são na essência do segrêdo e no escondido da observância, verdadeiros e atribulados dramas de vida, remorsos de consciencia, torturas do mal e do pecado, tentações da loucura, do embuste e do crime?!

Estas—só Deus as conhece!—perdem-se pelo temor e vergonha no íntimo ciliciado daqueles que à reparação das suas culpas querem dar o remédio das suas humilhações e dos seus votos de penitência amarga!...

Demais, cada um de nós faz em diferentes manifestações a sua promessa à saúde, à vida, ao amor e a Deus.

Nem todos são iguais na sua crença, nem nas suas ambições.

Quantos não sabem pedir, quantos não sabem rezar!

Se houve até um crente de aliança auspiciosa, (no concelho de Guimarães), que prometeu levantar uma ermida se casasse com certa dama de razoável fortuna...

E cumpriu.

Às vezes os santos têm cada capricho...

NOTAS

(1) Tem obrigação o juiz de mandar pelo procurador pôr 4 velas no altar-mór, á missa conventual nas 4 festas do ano, e sòmente duas nas suas oitavas, e de dar 4 lumes para administrar a sagrada comunhão no tempo da quaresma, e um para quando se administra a Extrema-unção aos enfermos e 8 quando se lhe administra o Sagrado Viático. (Estatutos para a Confraria do Subsino da freguesia de Guardizela—1815.)

(2) Dantes, uma pessoa de cada casal acompanhava o préstito.

Durante a noite o cadáver era velado—*guardar o defunto*, ainda hoje se diz—, pelos vizinhos e amigos e até indiferentes, e não é raro vêr-se que os guardadores para espalharem o sono se entretèm jogando a bisca, servindo-se das luzes que alumiam o cadáver.

Chegada a hora aprazada e reünido o povo na casa mortuária, fazia-se a reza por alma do falecido.

Um dos homens, *que fosse de mais caridade*, que era denominado *rezador*, entoava as orações, às quais os outros respondiam

Ainda hoje as irmandades usam rezar junto do cadáver um certo numero de P. N. e A. M. pelo falecido. Casos havia em que os doridos, desejando grande número de rezas, davam de comer ao povo. Esta refeição tinha o nome de *redonda* e constava de pão e vinho, que era repartido irmãmente pelos presentes que rezavam então mais metade das orações.

Além desta comida facultativa havia, e ainda

hoje existe, uma refeição que se considera obrigatória e que tem o nome de *agasalho*. E' esta a refeição que é dada aos confrades das irmandades que acodem ao saìmento, pão e vinho acrescentada com uma posta do bacalhau frito.

Os eclesiásticos que tomam parte no saìmento e celebram os ofícios fúnebres também eram geralmente, e ainda hoje algures, mimoseados com a *pitança* ou *colação*: pão, vinho, queijo, doces, ovos, etc. E para remate ainda no fim dos funerais era (e é ainda hoje, bastas vezes e em algumas casas) oferecido um jantar em que tomava parte a família, padres, amigos e convidados, etc.

Com o cadáver era levada a *oferta*, que pertencia ao pároco pelo acompanhamento, variável segundo as diversas freguesias. Em regra deveria valer um tostão e constava ordinàriamente de um quarto de milho, oito ovos e uma infusa de meia canada de vinho.

Algures ascendia a maior valor, um ou meio cruzado, e as espécies eram substituídas por moeda corrente, que cravada em uma maçã ou limão, e estes espetados em um pau, era conduzida diante do féretro.

Para portador da *oferta* paroquial era comumente escolhida a *mulher que tinha errado*; o facto longe de servir para emenda das transviadas, ocasionava escândalos. Noutras partes conduziam as *ofertas* as *mulheres solteiras ou sem filhos*.

Com o mesmo fim de promover a emenda das culpadas, eram elas obrigadas a varrer a igreja, trazer a àgua para ser benzida e lançá-la nas pias para uso dos fiéis.

Algures se conserva ainda hoje o costume de colocar no caixão, aos pés do cadáver das

crianças, a *oferta* destinada ao pároco, um tostão ou seis vinténs.

No domingo seguinte ao enterramento faz-se o *obradório*. Consiste na reza de *responsórios* por alma do falecido, acompanhada das competentes benesses ao pároco. Ao *obradório* assistem os parentes do defunto, ou sòmente a pessoa que leva a oferta, ajoelhados junto do arco cruzeiro da igreja e sustentando a condutora da *oferta*, não em todas as freguesias, uma *candeiinha* na mão durante os responsórios.

Em um *canistel* ou açafate, coberto com toalha arrendada e atada com fita preta, é conduzida a *oferta* do *obradório*, que devia valer meio-tostão e composta geralmente de uma broa de pão, um bacalhau e uma garrafa de vinho. O *canistel* é colocado sôbre a cadeira paroquial enquanto se faz a reza.

O dia de comemoração de todos os defuntos não era olvidado e ainda hoje o não é.

O pároco recita *responsórios* por alma dos falecidos, segundo a incumbência dos vivos que o desejam, e como honorário recebe 20 réis por cada um, já cereais, milho ou centeio.

Outrora na freguesia de Pencelo, era obrigada uma pessoa de cada casa a trazer à igreja, nêste dia, em um cesto, uma *obrada* que constava de broa, 6 pães brancos, bacalhau, ovos ou carne, e vinho.

O pàroco rezava *responsôrios* pelos falecidos dos parentes; pelos pobres rezava gratuitamente.

No adro da freguesia de Caldelas, junto à capela-mor, havia quatro sepulturas, duas de cada lado, denominadas dos *fiéis de Deus*, destinadas à inumação dos mendigos e pobres de freguesias estranhas que por acaso ali fale-

ciam...

(*Resumo do curioso e importante artigo «Usos e Costumes Religiosos», por Abade de Tagilde—Portugalia, vol. I.*)

—Em Arosa há o obradório no domingo seguinte ao falecimento, trazendo um canistel que valha 50 réis e tendo o indivíduo que o traz uma candeiinha ou vela, acesa na mão, enquanto o padre reza o responso. (*Livro 2.º manuscrito, do autor citado.*)—Fora de uso e costume.

(3) São sumamente curiosos e interessantes êstes pontos de obrigação, hoje sem cumprimento forçado, que rezam os antigos estatutos das confrarias do subsino de diversas freguesias do concelho:

—E' obrigado o juiz logo que for avisado da morte de algum irmão, a dar 1 lume que será contínuo em casa do defunto, e na igreja, enquanto se não der à sepultura o corpo, e mais 4 velas para arderem no altar-mór, enquanto se fa o primeiro ofício e se celebram as missas pelo defunto e avisar logo o procurador, para êste saber do pároco os clérigos que deve chamar para o ofício.

—Logo que o juiz avise o procurador, da morte de algum irmão, deve ir saber do pároco as horas a que se há-de enterrar para anunciar aos doridos, juiz e mordomos, para êstes avisarem a freguesia para acompanharem o defunto como são obrigados, e deve chamar os clérigos que nomear o pároco para assistirem ao entêrro; sendo cabeceira inteira, dez, e sendo meia cabeira só 5, e se os doridos quiserem mais, estes os avisarão e não o procurador; mas

se êste faltar a avisar algum dos ditos clérigos, que è obrigado, mandará dizer uma missa pela alma do defunto por cada clérigo que deixou de avisar, de que apresentará certidões.

—E' obrigação do procurador fazer lavar, e arrecadar depois de lavados pelos herdeiros do irmão defunto os lençóis, que serviram no esquife, e fazer guardar o esquife no logar costumado, e examinar se a sepultura está aberta suficientemente para receber o cadáver, e fazer-lhe deitar pelo coveiro água depois de enterrado o corpo, sendo necessário; faltando a esta obrigação, pagará uma quarta de cera.

—E' obrigado o procurador a convocar os moradores desta freguesia para rezarem 25 P. N. e outras tantas A. M. pela alma de cada cabeceira que morre, no primeiro domingo ou dia santo de guarda, que se seguir, e rezarão na igreja, podendo ser, aliás no adro, se o procurador faltar.

—São obrigados todos os cabeceiras a acompanhar o defunto e fazer orações, mas tendo justo impedimento, mandarão de sua família uma pessoa maior de 14 anos, assistindo ao ofício e missas e até se dar o corpo à sepultura, rezando e aplicando os sufrágios por aquele irmão, e por todos os mais que tiverem falecido.

(*Estatutos para a Confraria do Subsino da freguesia de Guardizela—1815, ainda inéditos e existentes na Sociedade M. Sarmento*),

—O procurador será obrigado a acender e a guardar a cera dos defuntos; os doridos serão obrigados a lhe dar de comer enquanto guardar a cera ao defunto como também de acompanhar a cruz com um círio; e terá obrigação o dito procurador de ter rol da freguesia para

preguntar nos clamores e defuntos, e dar conta ao juiz.

Declarar que os 4 homens que forem apenados para trazerem o defunto, serão obrigados a botá-lo à sepultura.

—O mordomo apenará 2 homens para levar o leito e para trazer o defunto; apenará 4 homens para trazer o defunto, e apenará mais 1, dos vagos, para abrir a sepultura e enterrar; e avisara toda a freguesia para acompanhar os defuntos.

—Determinamos que é muito antigo uso nesta freguesia a obrigação de acompanhar uma pessoa de cada casa os defuntos, e rezar-lhe a freguesia junta um P. N., e uma A. M. cada casa, pela alma do tal defunto. Toda a pessoa que faltar a esta reza e acompanhamento será condenada em 50 réis.

—Caso suceda falecer algum pobre dentro dos limites desta freguesia, o juiz e homens de falas lhe darão cera e mortalha á custa da freguesia e o acompanharão e lhe tocarão o sino.

(*Estatutos da freguesia de S. Tomé de Abação—na «Revista de Guimarães», vol. 10.*)

No *pé do altar*, em Tagilde, entrava a seguinte receita dos óbitos: Anjinhos 120 réis, que os doridos colocavam no caixão, aos pés da criança; cabeceiras, 3 alqueires de pão (1 de centeio e 2 de milho alvo), 1 almude de vinho, 1 presunto de 10 arráteis, 1 carneiro, 1 cesto de pão branco, que traga um tostão ou seis vintens, e 2$500 pela ementa ou pela reza anual; se a terça da terça não chegasse senão para se fazer o funeral com metade dos sufrágios do uso e costume, dariam também ao páraco metade da referida oferta. No domingo seguinte ao entêrro os doridos mandavam à igreja 1 cesto, coberto com uma toalha, atada com uma fita preta contendo uma broa de pão, um bacalhau e uma garrafa de vinho, que o pároco recebia no arco cruzeiro antes da missa, e rezava 3 responsos pela alma do falecido, correspondentes às 3 espécies da oferta.

Nos estatutos da confraria do subsino, (convém dizer que o Novo Dic. Cand. de Figueiredo dá á palavra subsino uma significação restrita, pois diz — pequena igreja ou paróquia, sujeita a outra maior; Oliveira, porém, dá-nos uma explicação mais clara sobre as confrarias do subsino, dizendo ser aquelas corporações encarregadas de velar, em cada freguesia, pelos negócios religiosos administrativos.) da citada freguesia de Tagilde, de 1720, lê-se: O juiz era obrigado a conduzir a cruz paroquial em todas as procissões e clamores, no acompanhamento do Sagrado Viático, nos enterros e em todos os domingos na procissão dos defuntos, pagando 50 réis por cada vez que faltasse; os mordomos acompanhavam a cruz com os círios sob multa de 50 réis por cada falta, avisavam os fregueses para assistirem aos enterros, arrecadavam as fintas, serviam à mesa quando a freguesia ia fora a alguma procissão ou clamor em que se havia de comer, servindo-se êles no fim da refeição, mas sem que ninguém se pudesse levantar da mesa antes de eles acabarem de comer. sob multa de 20 réis; aqueles que no adro, igreja, procissões, etc, proferissem palavras escandalosas ou dessem ocasião a desordens eram multados em 400 réis; uma pessoa de cada casa era obrigada a ir aos clamores sob pena de 30 réis; as famílias doridas eram obrigadas a mandar uma ou duas pessoas para velarem o cadáver, e acom-

panhá-lo à sepultura; as mulheres solteiras eram obrigadas a levarem a obrada ou oferta paroquial para a igreja, com o cadáver, e só na falta destas eram obrigadas as casadas; rezavam-se 60 orações, que eram 60 P. N. e A. M. por cada pessoa falecida, antes do levantamento do cadáver, e mais 30 no caso em que os doridos dessem de comer, a que se chamava a *redonda*, multando-se aqueles que faltassem a estas orações. («*Tagilde*» *por Aabade de Tagilde*»)

(4) E' curioso que a legião dos santos que o povo forma, é quasi sempre de padres, que sendo em vida exemplos de bondade e virtude são depois de mortos a recordação constante do seu espirito, demais que é só dos bons que o povo se lembra de lhes criar fama de santidade, mesmo porque os padres, são raros aqueles que atingem o céu, acreditando o povo que o inferno está cheio deles.

No livro 1.º manuscrito de Abade de Tagilde vem que o abade José Manuel Teixeira faleceu a 4 de Janeiro de 1872 com fama de santidade, ofertando-lhe o povo velas, etc.

No livro 4.º manuscrito, do mesmo autor, vem: a Sóror Ana de Belem e Sóror Antonia d'Assunção, naturais de Guimarães, falecidas no convento de Vila do Conde com fama de santidade.

MORTE—MORRER

1—Existe a tradição de que junto à Cruz d'Argola foram enterrados franceses. (*Livro 3.º manuscrito, de Abade de Tagilde.*)

2—As ordens hospitalares de Guimarães, quando algum doente entra no estertor da morte, costumam badalar compassadamente os sinos, em lentas pancadas de agonia, e é para que as santas e generosas criaturas se compadeçam e rezem por aquela alma e assim para que tenha suave morrer.

Há particulares que mandam pedir para que os sinos toquem à agonia, e para o mesmo fim, quando

qualquer pessoa de família esteja *a espedir* — morrer.

3 — A' noite, o burgo muito enrodilhado em carvão, fechando-se a sete chaves, o enfermeiro Almeida, que servia na Misericórdia, com o tocadar da campaínha e um ou dois servos, sem batinas, apenas com a capa comprida de azul-escuro, um criado com a ceira, outro com o lampeão, alarmava a piedade com a voz cava e terrorista, bramindo: — «*¿Quem se lembra de dar panos e fios para curar as feridas dos pobres do hospital? Quem puder, será pelo amor de Deus!*» Essa plangentíssima campaínha da Misericórdia acompanhava sempre a tumba — dlam... dlam — pelas ruas.

Em quarta-feira de Cinza, de tarde, a *Irmandade de S. Crispim* mandava rezar por 5 padres na igreja de S. Paio o nocturno de defuntos pelas almas dos instituïdores Pedro e João Baião, e, na volta, depois de recolher, havia mesa posta na capela-mór com pão de ló e vinho: os que andavam inimizados bebiam pelo mesmo copo por causa das pa-

zes. (*S. Torcato*, por *Eduardo d'Almeida*, na *Revista de Guimarães*, vol. 33.

4 — Sempre que morre alguém, os defuntos vêm fazem uma procissão em redor da casa do morto.

Esta superstição deve relacionar-se com a lenda da *procissão de defuntos* que leio num caderno manuscrito de 1882. Reza assim: «As *procissões de defuntos* são o acompanhamento nocturno que fazem, todos os que hão-de morrer durante os 7 anos que só restam de vida a cada um, acompanhando o que tem de morrer mais cedo. De maneira que de noite sai da igreja de uma freguesia um grande numero de indivíduos, que dizem ser sombras (mas que se conhecem) e levam o esquife, e dentro dêle o primeiro que há-de morrer, e os outros por ordem, segundo o tempo de morrerem. Levam luzes acêzas e andam ràpidamente como o vento, fazendo um sussurro medonho, e tombando os que se apresentem no meio da estrada.

Por isso dizem que não é bom,

de noite, andar pelo centro de caminhos e estradas.

Contam que batem com uma mão de ferro a quem se opuser a esta marcha- E nêste estado marcham à cara do que há-de morrer primeiro. As luzes são ossos de defuntos. Enfim, entram e saem por portas fechadas, fazem bulha, e só vê êstes acompanhamentos aquela pessoa que tiver falta de palavras no Credo, quando do baptismo.

O povo vê isto com tanta fé como se fosse um Sacramento de obrigação, sem o qual não poderiam salvar-se.

Tem havido profetas pelas aldeias dizendo que dentro em pouco vae faltar uma pessea daquele logar... que há-de fazer muita falta, etc, etc, e isto porque vêem na procissão o indivíduo, que indo no esquife é para logo a morte do mais próximo, etc.

Alguns, por acaso, acertam, e destes acertos é que nascem as superstições.»

Este manuscrito refere-se também à *procissão dos anjos*, dizendo: —«E' o mesmo qne a dos defuntos,

cxcepto que esta é ao meio-dia em ponto, e é composta dos menores de 4 anos, e andam quando ao meio-dia corre uma brisa, que é produzida pela velocidade com que viajam.»

5—Quando passa um entêrro, ou quando o Senhor-fora vai a alguém, pelas casas que passem ninguém deve estar na cama, para evitar o morrer cedo. Se alguma pessoa está doente e não possa erguer-se, pelo menos é bom sentá-la na cama.

E' bom também levantar o gado.

6—Antes de ir uma pessoa a enterrar e mesmo antes de chegar ao cemitério, devem revolver-se e arrumar-se todos os objectos que estiverem a adornar o cadáver durante o tempo que em casa esteve depositado.

7—E' bom cortar e guardar as pontas dos lenços que cobrem a cara dos defuntos, e também porque evita que êles sejam roubados pelos

coveiros, o que bastas vezes acontece, pelo menos quando os lenços são novos e bons.

8—Alfinete espetado em mortalha de anjinho é de proveito para quem o coloca, pois o anjinho pedirá ao Senhor por ela.

9—Quando passa um defunto, devemo-nos pôr do lado do nascente para evitar que a sombra dêle ou do caixão se projecte sôbre nós. Sucedendo tal, o vivo ficará com a cor do defunto.

10—Um cadáver inteiro ou aos pedaços, se se aproxima dêle, pai, mãe ou irmãos, faz um movimento sensível.

11—Quando uma criatura está muito doente e os piolhos principiam a vir à testa, morrerá em breve.

12—E' um grande perigo rezar por um morto enquanto o sino dá o *sinal* da morte (dobre a finados). E' só depois que o som acaba que a al-

ma entra no céu (ou no purgatório?). Rezar-lhe antes disso é dar ao diabo motivo para se apossar dela no caminho.

13—Quando alguém vê passar uma salgadeira (caixão de defunto) à cabeça de qualquer mulher, se está só faz uma figa com a mão, se acompanhado belisca o cotovelo da outra pessoa, *passando* esta o beliscão a outra, se outra ainda estiver, e assim sucessivamente. E' vulgar.

14—Quando os sinos de duas torres tocam a par, às Trindades ou ao Meio-dia, haverá, nesse dia, incêndio ou morte de padre, numa das freguesias.

Ou ainda:

Se dous sinos de freguesias próximas se encontram, há morte naquela freguesia em que o sino foi o segundo a tocar

Isto se acontece às Trindades ou Meio-dia.

15—Quando um sino tem uma

toada triste, (porque a temperatura lhe atenua o som habitual, parece) adivinha morte.

16—Quando morre um padre não tardará que morram mais dous, prefazendo a conta fatídica dos 3.

17—Quando no mesmo dia morram um anjinho e um adulto, êste vai para o céu, porque o anjinho pede ao Senhor por êle.

17—Quando alguém está para morrer, não é raro vêr-se uns poucos de cães sentados a olhar para a casa do moribundo.

19—Todo o lavrador que morrer e que tenha eido, (horta que seja) empenhado ou não, há-de ter ofício com 5 padres.

20—Se um defunto passa por qualquer caminho, mesmo que fique em terra de particular, o caminho torna-se desde logo público.

21—Deve cuspir-se 3 vezes quando se fala de um indivíduo que

morreu de *estupôr* (apoplexia).

22—Vai para o céu quem morrer ao sábado, porque o sábado, é dia de Nossa Senhora, e dia em que Ela anda a tirar almas do purgatório.

23—Não se deve ter uma pessoa morta muito tempo na cama, porque lhe causa penas.

24—Sonhar com uma pessoa morta é sinal de que ela quer que lhe reze, e se ao nosso pensamento ela acode é porque se lembra de nós e é bom então rezar-lhe, para que a sua alma tenha descanso e pouse em santo logar.

Ou também:

Sonhar com uma pessoa morta, como se estivesse viva, sinal de que ela está em bom logar.

25—Quem está no outro mundo sabe de tudo que se passe nêste.

26—Querendo saber-se se a al-

ma de um defunto vai para o céu, inferno ou purgatório, queima-se-lhe a palha do enxergão.

Se o fumo sobe direito, vai para o céu; se inclina para o nascente, purgatório; se para o poente, inferno.

27—Quando se apaga a alámpada de uma igreja, sem ser por falta de azeite, é sinal de que ficará na freguesia uma casa fechada, pela morte de todos os seus moradores.

28—No fim do mundo, no juízo final, aparecem todos em roupa branca, sendo bom, por isso, todos os mortos irem bem vestidos dessa roupa.

Disto se depreende a ideia de os antigos vestirem de camisas compridas os mortos.

29—As crianças que morrem sem baptismo, não vão para o céu nem para o inferno, vão para o limbo, ou *aliviada*, como o povo diz, que é sítio onde não há luz.

As que morrem *ensopeadas* já vão para sagrado, quer dizer, para o céu.

30—A louça em que comer a pessoa que lavou um defunto, o alguidar em que ela se lavou depois, e a água, devem sêr completamente inutilizados. Tudo isto ficaria como funesto.

Não se deve mesmo, ao que parece, tocar na roupa que trouxer vestida a criatura que lavou o defunto.

31—Quando beberem duas, três ou mais pessoas ao mesmo tempo, morrerá dentro em breve aquela que pousou primeiro o copo, caneca, etc.

32—Quando está uma cova aberta, a pessoa que se aproximar dela deve lançar dentro alguns punhados de terra que dela saiu. Ganham-se indulgências.

33—Quando alguém morre, a casa não deve ser varrida por pessoas da familia; se for, toda a familia morrerá também dentro de pouco tempo.

34—Criminoso que se leve à beira da criatura que matou, embora

passado muito tempo de o ter feito, logo pelos golpes ou ferimentos a pessoa assassinada principia a deitar sangue, denunciando assim o criminoso.

35—Cama feita por 3 pessoas, morte para quem se deitar nela.

36—Quem tiver uma mão de defunto pode ir a qualquer casa roubar que ninguém dará por ela. Por isso se diz: aquele tem mão de defunto, correspondendo a dizer: aquele é ladrão fino, esperto etc.

Em Vizela toda a gente acredita que uma mulher, conhecida pela alcunha de Perdigona, tem mão de defunto.

37—Não se devem cumprimentar 3 ou 4 pessoas cruzando as mãos, porque é sinal de morte para uma delas; é igualmente de mau agoiro 13 pessoas à mesa.

38—Quando dois relógios dão horas ao mesmo tempo, sinal de morte repentina em qualquer pessoa da casa.

39—Para que os defuntos não nos apareçam, devem beijar-lhes a sola das pés.

40—Enquanto está o Senhor morto, não se deve ter roupa a secar, porque aparece com pintas de sangue.

41—Quando morre um homem, os sinos das freguesias dão 3 sinais; se é mulher, 2; se for anjinho um repique.

42—Nas aldeias costumam os sinos dar 3 sinais paia a missa do dia, com intervalos de meia-hora. Logo ao primeiro sinal o padre conserva-se no altar-mór a rezar com os assistentes pelas almas dos benfeitores da igreja, pronunciando o nome dêstes.

43—Quando morre uma criança, a primeira coisa que pede a Deus, quando chega ao céu, é pelos padrinhos, depois pelos pais.

44—Quando alguém encontrar

um piolho na testa, é sinal de morte certa.

45—Durante 24 horas os defuntos sentem tudo que se lhes faz.

46—E' morte certa de alguém na casa onde se deixar apagar a candeia, ou onde um galo canta às Trindades.

47—Ninguém morre no ano em que ouvir cantar o cuco.

48—Quando o servente, sacristão, etc, de qualquer igreja a varre, deve deitar o lixo pela porta principal e não pela travessa, porque nêste caso é sinal de muita mortandade.

49—Morrerá a criança aos pais que convidarem os padrinhos antes que ela nasça.

50—Nas freguesias das aldeias, o juíz da cruz, quando nela pegue pela primeira vez não deve comer carne, porque do contrário é sinal de que nêsse ano morrerá muita gente.

51—Duas pessoas catarem ou pentearem uma terceira, acarreta a morte desta última.

52—Deixando-se cair ao chão lume a arder em chamas, não se deve apagar, por via de alumiar as almas que estão no limbo, ou *aliviada*, como o povo diz correntemente.

53—Se a coruja canta, morte na vizinhança. Para matar uma coruja basta virar um tamanco.

Ou ainda:

Quando se ouve uma coruja perto de casa, que é agoiro de morte, costuma dizer-se:

Se o agoiro é de morte,
em ti caía a sorte.

54—Quando um cão arranha no chão, sinal de que está para se abrir uma sepultura; quando uiva, sinal de morte perto.

55—Se um pássaro entra em casa de alguém, sinal de morte; se ba-

te na vidraça, mau agouro.

56—Os cobertores de papa, os antigos, costumam ter 3 listas numa extremidade e uma ou duas na outra.

As 3 listas não devem ficar para o lado dos pés. E' sinal de morte. E' que entre as 3 listas de côr costuma haver uns fios cruzados em forma de X ou de cruz, e quer acreditar o povo que é daí que vem o mal.

57—Nos ofícios, dizem os padres, segundo a interpretação burlesca do povo:

Se êle é rico e tem dinheiro,
faz-se-lhe o ofício inteiro;
se é pobre e não tem nada,
tomemos uma pitada.
Vamos a isto, vamos embora.
tenho ali o cavalo,
à mosca fora.

Oremos, eremos,
ainda que te consumas
não arranjas por menos.

Réu, réu, vai para o céu;
quer vá, ou quer não vá,
o dinheiro venha p'ra cá.

VÁRIA

VIII

Neste capítulo, que abrange um título geral para resguardo dos mais variados motivos e onde cabem os mais variados assuntos, refúgio de saco aberto para onde podem ser deitados, a esmo, sem demão de arrumo nem de destrinça, os perdidos alinhavos e os pequenos retalhos de uma obra que se acabou, nêste capítulo, pois, era meu intento albergar também perdidas recordações da rapaziada travêssa, que em ditos, sermões, perlengas, orações burlescas e diversos divertimentos, formam à parte uma escola supersticiosa e um começo de estudo, em gimnás-

tica alegre de passatempo, nos cantos, nos jogos, nas adivinhas, no desafio das rimas, modismos, etc.

Mas como *o rapaz é como a Maria Nabiça, quanto vê, quanto cobiça*, parodiando tudo e macaqueando de tudo, demais porque alguns casos sucedem em Lordelo e quem quiser tem de ír lá sabê-lo, e visto que o quartel geral não sendo já em Abrantes nada se encontra como dantes, difícil e longa tarefa seria anotar todas as particularídades, miudeiras, múltiplas e a rôdos, para que uma feição ligada tivesse êsse estudo infantil.

E daria grosso capítulo. Fica para mais tarde.

Porém, podem aqui caber algumas.

Os jogos, por exemplo, que são muitíssimos, mostram o *reverdecer de elementos antigos e tradicionais*. Ás adivinhas, que são imensas, e naquelas sobretudo de arranjo, elaboração e concepção populares, puxam a inteligência da criança ao discernimento e à concentração e entretêm pelo dizer simples e cantarolado.

O pouco que apresento, se não valer como elemento de estudo, para que se avalie do caminhar da instrução infantil nas modalidades do seu passatempo e gimnástica despreocupada do seu falar, toda ela feita de problemas minguados, jogos, modismos, cantigas, adivinhas, etc, pelo menos valerá como curiosidade que vem da tradição sempre reverdecida no espírito crédulo da criança.

«Para cada um dos sucessivos estádios que o homem percorre desde que abriu olhos à luz, há uma serie gradual de manifestações, registadas na linguagem, ludigrafia, na poesia, na arte e na superstição infantis.» (*Folclore da Figueira, por C. Marta e A. Pinto.*)

A nossa imaginação, dantes,—¿não é verdade, companheiros do meu tempo?—também se entretinha, depois das guerras à pedrada, com tropas em linha, capacetes de papel e chanfalhos de arco de pipo, e depois da defesa do *êste reino é meu, quem o fez fui eu*, também se entretinha a nossa imaginação a vêr a pancadaría dos robertos nos

cacifos de lona, a ouvir os roufenhos realejos puxados a gericos e de notas sopradas à força de manivela. Já nem aparecem êstes divertimentos! Êstes e os acrobatas de rua, de corpos desengonçados como gregórios de papelão e com muitos filhos de miséria à roda, palco de cobertores e música de caixa, que enguliam mexas de fogo e deixavam partir na barríga, à força de marteladas, rebos enormes; os desgarrados franceses, cantarolando modinhas, isolados e sós pelo meio das ruas, como profetas ou eremitões das suas terras de saudade e de amor; os painéis dos grandes e horríveis crimes, pintados a sangue vivo nas côres empastadas do drama, e explicados à viola, vergasta apontando os protagonistas e versos correndo de gargantas afadistadas. Todos os arredios fugiram das andanças da rua! Só a miséria se arrasta, pedinte e desnuda...

Já nem o rufar rítmico da caixa do pregão camarário, que nos acordava, como alvorada musical, se ouve, nem o andador eremitão, que aos sábados, de opa, nos dava a

beijar os pés da S.ª da Conceição, enfeitada em oratório, aparece. Nem as sortes do primeiro de Abril se fazem, (*no 1.º de Abril, vai o tolo onde não deve ir*) enganos divertidos, espalhando cartuxos cheios de terra pelo chão, moedas, e pondo rabos de papel, galhofeiros e empenachados, nas saias garridas das moçoilas que passavam de caminho,

Quem tem rabo não se assenta.

Agora, os divertimentos modernos triunfaram...

E... *Vitória, vitória,*
acabou-se a história.

*

* *

A doutrina dos rapazes é variada e complicada:

1—Pelo sinal,
do bico real,
comi toucinho
do meu quintal,
se mais me desse

mais eu comia
e mais botava à *enxoubia*.

2—Ave-Maria,
tigela vazia,
se mais me desse
mais comia,
mais botava p'ra a *enxoubia*;

3—Santa-Maria, *ora pro nobis:*
quem comer carne, limpa os bigodes.

4—Padre-Nosso, rilha o òsso;
rilha-o tu que eu já não posso.

Ou ainda:

Padre-Nosso, comer não posso;
dai-me do vosso a ver se eu posso.

5—Salvè-Rainha, saltou à vinha,
cortou as pernas com a foucinha.

6—Creio em Deus Padre
e na flor
que sempre foi e há-de ser;
S. Romão em Roma está,
eu arrenego todos os diabos,
vivos, mortos, por nascer,
céssa, sancórda,

Jesus, santo nome de Jesus,
Céssa, que té Dominé
que té Patres, abrenúncia!

(Ensaios Etnograficos, vol. IV, pág. 183, de Leite de Vasconcelos.

Contra os mentirosos:

7—Cruz de pau, cruz de ferro,
quem mentir vai p'ro inferno,
c'uma faca na barriga
que lhe dura toda a vida.

8—Quem dá e torna a tirar,
ao inferno vai parar,
c'uma faca na barriga
que lhe dura tôda a vida.

9—Quem promete e falta,
ao inferno salta.

10—As iniciais S. P. Q. R. inscritas no pendão elegante que sai no dia da procissão de Santos Passos, (*Senatus Populus Que Romanus*) são assim interpretadas pela rapaziada: *Senhor Padrinho Quero Rosca.*

11—Jéu, Jéu, vai ao céu,
vai buscar o meu chapéu;
se êle é novo, trá-lo cá;
se êle é velho, deixa-o lá.

Jéu, jéu é um brinquedo conhecido dos rapazes, que consiste em atar uma linha numa pedra e atirá-la ao ar, dizendo aquela paródia.

12—Diz o galo ao vêr uma visita que se aproxima da herdade:
Quem vem lá!..

O frango—Um passageiro!...
O meio frango—Ficará cá?...
O franganito—Triste de mim!..

13—O galo, quando arrasta a asa à galinha:—*Gosto de ti, dou-te umas botas*...

Depois a galinha:—*Sempre a gostar e sempre descalça*:

O galo, a espanejar-se, em última resposta: Vai à m... não prestas p'ra nada...

14—*O sinal da cruz do cão* (ao levantar)

Abre-te, bôca,
estende-te, rabo,
Deus me depare uma mulher
de porta aberta e pouco cuidado.

15—*Vozes dos sinos, em Vizela.*

Os de Lustosa: Tem lêndeas! tem lêndeas!
Os de S.ta Eulália: Tirai-las! tirai-las!
Os de S. João: Com que! Com que!
Os de S. Miguel: C'um pancão!... c'um pancão!...

* *
*

1—Fazer alguém um trintário (?) de afilhados, é ser padrinho ou madrinha de mãe, filha e neta.

2—Quem não tiver um afilhado não entra no céu.

3—Quem tiver 31 afilhados vai direito para o céu.

4—Se numa meada de linhas, duas pessoas puxam, ao tirar, pela mesma linha, serão compadres ou comadres.

5—A mulher não deve dizer que gosta mais do cheiro do cravo do que da rosa.

O cravo é macho.

6—Quando os ganchos caem às mulheres, alguém lhes quer falar; o mesmo se diz de qualquer objecto que nos caia das mãos.

7—Trazer roupa do avêsso, qualquer peça que seja, livra das mordeduras dos cães danados.

Ou ainda:

Mulher que traga a ponta mais curta do lenço da cabeça por cima da mais comprida, está livre de mordedura de cão danado.

8—Encontrando-se na rua um gancho de mulher, é encontro; um alfinete, gôsto; uma agulha, desgôsto.

9—Caindo uma tesoura e ficando espetada. é sinal de visita; quando nos aparece uma borboleta branca, sinal de carta; borboleta preta,

mau agoiro; virar tinta, azeite, ou partir espelhos, desgôstos; sal entornado, mau agoiro, etc.

Ao azeite deve deitar-se-lhe logo vinho e sal, para não haver desgôsto.

Porém, um rifão diz: Azeite no chão, sinal de paixão.

10—Ter espelhos partidos em casa é andar sempre com a vida torta; assim como quem mata um gato ânda na vida sete anos para trás.

11—Não é bom ter relógios parados em casa, porque é sinal de pouca vida nos patrões.

A vida é como um relógio, diz o povo.

E' mesmo velho, e de temor supersticioso, o conhecimento de que quando uma pessoa morre, o relógio da casa pára matemàticamente na hora em que essa pessoa faleceu.

Alguém assevera que bastas vezes assim tem acontecido.

12—Vestindo-se qualquer peça do vestuário do avêsso, é sinal de que se receberá uma prenda. Toda-

via quem vestir na perna esquerda uma meia do avêsso, terá desgôsto, mas para evitá-lo é deixar andar a meia até à noite.

13—Quando a madeira de qualquer móvel, dentro de casa, estala ou chia, é sinal de que estão a dizer mal de nós, assim como quando a orelha esquerda se põe vermelha; se é a direita que está vermelha, estão a dizer bem.

14—Quem beber pelo mesmo copo, qualquer líquido, ficará a segunda pessoa que fôr a beber conhecedora dos segredos da primeira que bebeu. (Há variantes.)

15—Quando duas pessoas dizem a mesma palavra e ao mesmo tempo (pensamentos iguais, o que é freqüente), é sinal de que uma delas tem carta, ou então vai a passar na rua militar ou c. . .), ou ainda se diz que nenhuma delas morrerá nêsse dia.

16—Quando se deita sal em qualquer coisa, nunca se deve sacudir a mão para o chão, senão há guerra

na casa, assim como se não deve pisar, porque é sinal de pobreza.

17—Uma pestana caida que se encontre no olho direito de qualquer criatura, é gôsto; se no esquerdo, desgôsto. A pestana do olho direito é pela pessoa que a encontra, beijada e metida no seu seio. . . que é parte quente.

18—Não se deve estar de guarda-sol aberto dentro de casa, porque é sinal de que mais cedo ou tarde, virá o Senhor a casa a qualquer pessoa que adoeça.

19—A pessoa que leve a mal a partida de alguém que venha fazer-lhe à porta as suas necessidades, deita na sujidade uma porção de sal e chega-lhe o lume, porque depois o ánus da criatura que fez a sujidade ficará crestado e às empolas,

20—Não se deve fazer da roupa de padres outra obra qualquer, nem vendê-la, porque é benzida.

Deve deixar-se inutilizar por ela.

Também não se devem vender

livros de padres. E' preferível dá-los.

21—Cadeira em que se assente um hóspede que nos visita, não deve ser removida antes da sua partida.

Se tal se fizer, a visita não voltará tão cedo.

22—Toda a gente cresce um bocadinho ao espreguiçar-se, depois de acordar de um sôno.

23- Banco de pernas para o ar, sinal de que há ladrão em casa. Assim como broa com a côdea de baixo para cima, na mesa, indica que a ela está algum ladrão.

24—A quem andar sempre a pesar-se, quantas vezes o fizer, quantos anos terá a menos de vida.

25—Quem camba (do calçado) para dentro, é invejoso; quem camba para fora, é liberal.

26—Quem rezar por contas ou rosários emprestados, de nada lhe serve o que reza, porque reza, sem

querer, em benefício de quem lhos emprestou.

Há mesmo quem avance a dizer: *Quem reza por contas, desconfia de Deus.*

27—Quando alguém se engasga a comer, é porque lhe choram a comida.

28—Quando houver 2 incêndios pequenos, o terceiro será grande.

29 Não se deve alinhavar com linha preta.

E' mau agoiro.

30—Quando se está a manufacturar qualquer peça de vestuário e sôbre ela salte uma pulga, é sinal de que vai ser gabada ou de que a pessoa a quem se destina a romperá com o uso; se nela aparece um percevejo tem a obra *chanato* (defeito) e é sinal de que vai ser censurada,

31—Quem tiver pelos nas costas è ruim.

32—Quando por nós passa uma

pessoa manca, passa logo outra.

33 — Frascos de perfume são aborrecimento.

34 — São escassas aquelas pessoas que pestanejarem ao primeiro sôpro que lhe deitem aos olhos.

35 — Barrela feita com cinsa de 3 lares é a melhor de todas. Põe a roupa muito mais branca.

36 — Quando se fazem barrelas, a roupa dos homens que andem em litígios ou demandas, deve ficar por cima, para que êstes as vençam.

37 — Para espantar o mêdo, de noite, é bom cantar ou assobiar, enquanto se caminha, e não se deve olhar para trás.

E' vulgar e é mesmo a defesa dos medrosos.

38 — Uma moeda de cinco réis é galinha, é agoirenta.

39 — Qundo a água ferve dentro de uma panela, água que se destine

a qualquer cozinhado, mas que ainda não tenha nada dentro, diz o povo que está a ferver mentiras.

40 — Quando se vê muita gente em magote, é costume dizer-se: Ali parece que pariu a galega.

41 — Áqueles a quem lhes crescer muito as unhas, dizem uns que lhes cresce a fortuna, outros dizem que lhes crescem os pecados.

Malhas brancas nas unhas, é gôsto, ou também designam tantas mentiras ditas quantas malhas se encontrarem em qualquer pessoa.

42 — A quem come o nariz, é sinal de que é pretendido por um velho ou velha; o ânus, sinal de calote; os ouvidos, de constipação; o cotovelo... (também come e dói por vezes), dor de coisa rija (haste de boi) que atormenta a alma.

43 — Quem tiver os lóbulos das orelhas um bocadinho rasgados, é feliz; o nariz chato, sinal de que é malcriado; lábios pequenos, sinal de lambão; dentes raros, mentiroso;

grandes orelhas, riqueza; testa alta, inteligência; pescoço curto, pouca vida; mãos frias, coração quente; mãos quentes, coração frio, e... quanto mais burro, mais peixe.

44—Sonhar com dinheiro, é pobreza; com cobras, dinheiro; com sangue, boas novas; com trigo, flores brancas ou igreja, casamento; com cabelos, prisão de amor; com uvas brancas, lágrimas; com dentes, morte de parentes; com água limpa, desgôstos; com água suja, gôsto; com aves, desgraça; com vinagre, amargura.

45—Quem chegar muita água ao cabelo, põe-no ruço.

46—A quem deitar cabelos ao lume, seca-lhe depois tôdo—quer dizer, os cabelos caem com a raiz apodrecida.

E' mesmo um sacrilégio, atendendo que a terra, que tudo come, é obrigada a dar conta de tudo que comeu, no fim do mundo, não podendo necessàriamente dar conta dos cabelos que foram queimados. Devem por isso ser deitados fora, cuspindo-se-lhe, para evitar bruxedos.

47—O limpar as penas de tinta à cabeça faz engrossar o cabelo, por via da tinta, é claro, que dizem ser boa para êsse efeito.

48—Não se deve pentear uma pessoa com pente que tenha cabelos de outra, porque se pegam à pancada. Pelo mesmo motivo não é bom uma pessoa lavar-se em água já servida por outra.

49—Os homens não devem lavar roupa, senão não lhes cresce o bigode, e o mesmo desgôsto sofrem se meterem alguma vez o dedo no c. às galinhas para ver se elas tem ovo.

50—Homem caçador e homem que goste de burros não são queridos às suas mulheres.

51—No ano em que nascerem muitos rapazes, é sinal de guerra iminente.

52—Não se deve comer sem toa-

lha, porque então o Senhor não vem comer connosco à mesa.

53—E' pecado, segundo alguns, fazer cruzes no pão, ao amassá-lo.

Pregunta Martins Sarmento, em nota, no livro de onde isto respigo, se êsses alguns serão padres.

A pregunta é feita, quero acreditar, em virtude de ser geral o costume de fazer cruzes no pão, depois de amassado, e cruzes mesmo com a pá, na ocasião de tapar a porta ao forno.

Além disso, como se sabe, tanto a cruz que se faz na massa como a que se faz à bôca do forno, são acompanhadas de orações conhecidas, arraigada e profundamente supersticiosas.

A cruz, ainda assim, é um sinal de respeito e evita que o diabo se meta em coisas sérias e sagradas.

54—Quando se está a fazer bolo, não se deve olhar para êle, senão não cresce.

55—O pão não leveda se uma aranha passa por cima da masseira.

Se se viu o bicho passar e se corre logo à masseira com um tição de lume, tudo se remedeia.

56—Pessoa que seja fria de sangue e que amasse o pão, êste custa a levedar, e então é bom espetar alguns alhos na massa para que se levede depressa, ou deitar-lhe em riba umas calças de homem.

57—Quando a massa está muito arreganhada de lêveda e para que ela não azede, costuma o povo espetar-lhe uma faca.

58—O pão deve, para ficar bom, ser amassado com a água da testa. Quer dizer: é preciso suar para que o pão fique bem amassado.

59—Não se devem sacudir ou deitar fora as migalhas da toalha, sem as oferecer pelas almas.

60—Á noite não se deve varrer para fora de portas, porque se varre a fortuna, nem deitar água quente, porque se podem queimar as almas que andam às migalhas.

61—No dia de *Santo Espírito*,
cada ponto cada grito.

Quer dizer: Como o dia do Espírito Santo é um dia santo dos maiores do ano, é pecado trabalhar; por isso, quem nêsse dia costurar, cada ponto que der, cada grito dará no Inferno ou Purgatório, quando morrer.

62—Quando se perde algum objecto, não só se faz o responso a St.º António como também se ata um lenço nas costas de uma cadeira.

Significa atar o Diabo, engaranho-mór das coisas perdidas.

63—Quando se quer saber alguma coisa, ou mesmo se uma determinada pessoa roubou qualquer objecto, pega-se numa peneira, crava-se-lhe no arco uma tesoura, agarrando em cado asa da tesoura 2 mulheres que não andem assistidas, (do contrário, a que andar pode enlouquecer, mas se a tempo se lembrar que anda, dirá o P. N. do fim para o princípio, livrando-se assim do mal) e uma diz: Peneira que peneirais o pão da cristandade, pelo poder de Deus e da V. Maria e da

Santíssima Trindade, declara-me...
Fazem-se depois as preguntas, esclarecendo: Se sim vira-te para lá; se não, vira-te para mim, etc...

A peneira, de per si, volteja à vontade, por artes mágicas que sempre presidem a estas invenções, como presidem à espírita mesa dos 3 pés. (Esta operação pode ser feita por homens).

Idêntica operação se faz com um chinelo e uma chave, que se coloca na extremidade daquele, sendo esta operação feita por uma só pessoa, que coloca um dedo na asa da chave e faz as preguntas que deseja: Se foi êle que roubou, se êle casa comigo, etc, vira-te para cá, se não vira-te para ali, etc...

O sortilégio da peneira vem esclarecido no verdadeiro livro de S. Cipriano.

Diz o sr. Pedro Fernandes Tomás que a adivinhação—*deitar a peneira*—é uma superstição que data da mais alta antiguidade, e apresenta algumas fórmulas de prática.

A que eu anoto é diferente, mas vê-se que o *deitar a peneira* é vulgar

em toda a parte, com variantes e sem restrições de motivos.

Serve para tudo: para saber quem roubou, para atrair os namorados (Beira), etc, etc.

Também aquele distinto e culto etnógrafo se refere ao 2.º sortilégio, que diz prender-se com o 1.º e muito usado para o mesmo fim — *Deitar o tamanco.* No meu caso é um chinelo, e não precisa ser pertença de mulher virgem, como indica o Sr. Fernandes Tomás. Com chinelo ou tamanco afinal, vem a dar tudo na mesma.

ADENDA

Costumes e Usanças

Ao domingo é pecado trabalhar

1 — Quando, ao terminar a refeição da noite, se rezam as contas, o que é freqüente ainda em algumas casas e muito acatado nas aldeias, deve estar sobre a mesa a broa que tenha sobejado, porque representa Deus.

No «Guimarães e St.ª Maria», por Abade de Tagilde, lê-se a pag. 134: «Quem nas primeiras horas da noite atravessar os nossos campos e se aproximar das vivendas dos lavradores, artistas e jornaleiros ouve-os, embora cansados do penoso labutar da terra, recitar diàriamente o terço; quem nos primeiros domingos de cada mês passar junto das nossas igrejas à hora da missa paroquial, encontra o pároco conduzindo uma pequena imagem da Virgem, em caminho do cruzeiro ou circuitando o templo, a invocar com os seus paroquianos a *Regina Sacratissimi Rosarii*; e se esta visita se fizer às tardes dos domingos, ainda se encontrará o pároco, ajoelhado com os seus fregueses a recitar ante a imagem da Virgem a ladainha lauretana e o terço do Rosário.»

2 — Quando se vai comprar o fermento aos pàdeiros, é vulgarissimo e corrente êstes deitarem-lhe umas areias de sal, para evitar maus olhados, que não deixariam levedar o pão.

3—Quando qualquer rapariga, em alguma sacha, etc, vê chegar uma rival, cruza as pernas, por causa do mau olhado dela.

4—Quando os lavradores saem de uma quinta, pela ocasião dos Santos, costumam furar os fornos, e dizem que é para a fortuna não ficar para os sucessores.

¿Não será também um acto de malandrice, aliado ao sabor da superstição?

Mesmo se diz, com certa propriedade, pelo que arrasam e danificam, que 3 mudas de lavradores são um incêndio na casa e na quinta de onde saem.

5—Para afugentar os pássaros dos milhos-alvos, painços, hortas, etc, é bom espetar chifres em um pau. Mas o remédio mais infalível é um pau aguçado por um homem, cuja mulher lhe seja infiel.

O pau deve ser aguçado sem que o marido suspeite do destino da obra que fez ao aguçá-lo. Cf. o seguinte que se diz de um marido traído: Aquele era bom para espan-

tilho de pássaros (Guimarães-Briteiros.)

Vêr no capítulo IV—Costumes e Usanças—a parte referente ao Encantar o milho-alvo ou painço.

DIVERSOS

1—Quando há algum casamento nas aldeias, vão os noivos muito chegados para não passar ninguém pelo meio dêles, porque do contrário não se darão bem.

2—Se uma mulher tocar sino, ainda mesmo em donzela, chegando a conceber, não poderá parir sem o pai da criança ir tocar o mesmo sino, puxando a corda com os dentes.

3—Trazendo uma mulher grávida uma chave no seio, nasce a criança com o beiço rachado.

4—Mulher grávida que coma coelho terá a criança com o beiço rachado; se comer baço, aparecerá no corpo da criança marca igual ao baço.

5—Quem prometer a mulher grávida um objecto qualquer e não lho der, nascer-lhe-há nos olhos um terçol.

6—Quando uma criança vai a baptizar, não se deve deixar ver a ninguém, porque lhe podem fazer feitiçaria, e quando vem do baptismo não se lhe deve dar logo de mamar, e quando se lhe der deve ser do peito direito, para que se algum dia cair em água, não afogue.

7—Não se devem embalar os berços sem as crianças estarem lá, porque lhes ocasiona dores, ou chama então por outros irmãozinhos.

8—E' preciso que os padrinhos dêem o samagaio, senão as crianças saem escassas.

9—Quando uma costureira ou alfaiate estão a aprovar qualquer peça de vestuário e fiquem alguns pontos presos à roupa da criatura que a aprova, essa criatura ficará solteira, (se o fôr, é claro) tantos anos quan-

tos pontos se lhe prenderam na roupa,

10—A criatura que plantar uma nogueira, morre logo que ela atinja a grossura do seu corpo.

MEDICINA POPULAR
E
CAUTELAS SUPERSTICIOSAS

IX

Ao Luis de Pina

O vinagre e o limão, são meio cirurgião. (Pop)
De médico e louco todos temoc um pouco. (Pop)

Não vou recomendar a prática da medicina do povo, nem estender-me tão pouco quanto à sua influência e à sua história, influência doutrinária de medicações apropriadas que formou uma legião de adeptos e história de longas eras que vulgarizou

um saber caseiro muito vasto de drogas simples e de cautelas supersticiosas, porque para isso me seria necessário recorrer a investigações aturadas, e eu quero, independentemente de tudo, dar apenas umas notas ligeiras e umas informações pouco dilatadas e sempre correntias.

Vai sem fio de estudo pois, êste caminhar de conversa.

Embora para o povo, e para aquele que segue em penitência a ladainha rezada da sua crença, subindo em mortalha de esperança o calvário dos sofrimentos, resignadamente, indo para além das caminhadas às ermidas dos santos da sua devoção, onde em sacrificio as dádivas da sua esmola são depostas como sangue que se desse em desamor da vida pela vida de um ser querido, embora para êsse povo,— tenro de sensibilidade, amorável e esperançado no que toca à confiança de ser eternamente consolado no viver futuro, para além da morte,—a ideia da recompensa divina seja convictamente afirmada no descanso e no repouso de misérias e sofrimentos que Deus promete, assim acre-

ditando pura e santamente, sem irrequietas conversas e discussões do mistério docemente envenenado que atira o véu sôbre os nossos olhos em negridão de sonho e morte, assim acreditando, a vida corre confiada, mas independente da garantia solene e divina, o povo abre a sua alma à esperança de mais e melhor viver, indo nas graves doenças, em palmilhar de dores, ao bafejo protector dos santos de nomeada.

E tudo nos santos é sagrado: O valimento do seu interceder; o nicho do seu altar; o enfeite do seu corpo e as vestes do seu adôrno.

Quando a medicina não valha, pelo menos a confiança sugestiva cure.

E vem de longe, tão de longe e já perdida, uma enfiada modesta de cura em processos de operação simples, rudimentos de necessidade que a caridade forma, a lenda desperta e a crença radica, inofensiva prática de luzes divinas com que o povo se alumia muito mais em freqüência do que com as luzes mortiças da sciência médica, falível, falheira e cons-

tantemente em evolução de apuro e de progresso.

Os mantos da Senhora da Oliveira fizeram milagres de cura.

A caixa das santas relíquias que um anjo deu ao Santo Frei Lourenço do Convento de S. Domingos de Guimarães, foi panaceia muito procurada.

«A terra da cova de S. Gualter, onde primeiro jazeu, sarava, e o licor estilado era suave medicina.

Depois, já os ossos postos em sepultura de granito, com ponteira de ferro tocava-se-lhes, chegava-se aos dentes e não havia dor que teimasse em resistir.

A Ordem Terceira mostrava-se incansável. Já os cónegos apeteciam o S. Gualter e os franciscanos mostravam uma santa—e fidalga—*D. Constança de Noronha.* Buscavam-na pobres e enfermos, e ela consolava a pobreza, dava alívio à enfermidade.

Ia ao terreiro colher-se uma erva de virtude—a erva da Duquesa Santa. Está no mosteiro de S. Francisco.

Com a terra do sepulcro estan-

cou um fluxo de sangue Constança Coelho.

Traziam-na em paninhos, atados ao pescoço, livramento de febres, maleitas e fastio. Havia no convento um globo de cristal, chamado a *pedra do fastio*, que ela deixara, e se levava aos doentes.» *S. Torcato, por Eduardo d'Almeida, na «Revista de Guimarães», vol. 33).*

A imagem da Senhora da Oliveira cresceu em fama de milagres quando a velha oliveira secular, que deu à Senhora o título e a Guimarães o motivo para o seu brasão de armas, reverdeceu, ao passar por ela, diz a lenda, uma cruz trazida da Normandia para a Senhora, em 1380, (1) e desde então um raminho de oliveira foi o condão maravilhoso para todas as enfermidades dos seus crentes. (Do *Minho Pitoresco.*)

E a enfiada aumenta, cresce e avoluma-se, indo o povo até à prática das cautelas supersticiosas em derivantes várias de processos e exercícios, sempre na mesma ideia fixa de mais e sempre se agarrar à vida mitigando os males. *Será o que*

Deus quiser, é frase corrente do povo, quando a desgraça e a moléstia o definham, frase que anda ligada ao seu saber feito de crença, que explica por Deus todos os sofrimendo mundo.

Nosso Senhor também sofreu, e até o diabo quando lhe furaram o retro.

A medicina popular, em parte, e aquela que se relaciona a certos e conhecidos casos, é feita de uma experiência aturada.

Tem por vezes a medicina popular, fechada num curioso recato de fórmulas não conhecidas, segrêdos que fazem parte de um património e que passam de família a família, sempre dentro da mesma geração, segrêdos de medicina caridosa e não de benzilhice especulatíva, que a ninguém se desvendam, mas a todos os precisados, já compostos e prontos nas receitas de mèzinha, se dão ou se aplicam.

Para a icterícia, para o cancro, há duas fontes de receita popular fechadas no segrêdo de duas famílias de Guimarães.

Existem também as Senhoras

Abreus, que fornecem gratuitamente uma água miraculosa para os olhos e as Senhoras do Cabido aviam uma espécie de pomada, feita com certas ervas e uns pós, para a cura das escrófulas, introduzindo-se essa massa nos ouvidos dos padecentes na volta das luas.

A espôsa dum major de infantaria 20, avia um remédio para a coqueluche, com mel e não sei que mais.

A mulher dum caldeireiro arranja, com fama já assegurada, um remédio para a bicha solitária. Parece ser preparado com coxilos ou chapeletes (planta em forma de umbela que nasce pelas paredes.)

Na Cruz-de-Pedra, há uma mulher que prepara um remédio para a icterícia, fazendo primeiro urinar o padecente num tijolo levado ao rubro, receitando depois uns chàs para serem tomados de manhã, em jejum.

Quem fôr a casa desta mulher tomar os chás, não pode regressar a casa pelo mesmo caminho.

Em S. Martinho de Candoso, (Guimarães) o falecido Josèzinho de

Passinhos curava os ruins, ficando na posse do segrêdo a viúva. A base do remédio é: papel mastigado em jejum até o reduzir a massa, juntando-lhe depois certas mèzinhas.

Em Pencelo, (Guimarães) há uma D. Luzia, proprietária, muito entendida na cura de várias doenças, receitando só remédios caseiros, que por mãos dela prepara.

Em Donim, hà uma mulher muitíssimo afrèguesada, que cura as escrófulas, queimando com um ferro em brasa, por dentro, o lábio inferior.

Nas proximidades das Taipas há também quem tenha a reconhecida fama de curar o reumatismo (e parece que as dores sciáticas), aplicando para êsse fim, um ferro em brasa num lóbulo da orelha do padecente.

Em Trás-Gaia, há uma mulher que talha as névoas, rezando baixinho a sua oração, e que não a diz a ninguém, porque constitui segrêdo de familia.

Esta mulher, segundo me informam, tem muita freguesia, e faz o seu preparo de benzilhice com sopas

de trigo molhadas em água e não sei que mais.

No hospital de S. Francisco há uma caridosa irmã que trata todas as doenças dos olhos, tendo em média 20 a 25 pessoas em tratamento.

Em Fermentões, (Guimarães) existe ainda a conhecidíssima e popular Maçacuca, mulher procurada para endireitar os ossos.

O célebre «Olho de vidro», morador na rua de Gatos, já falecido, também era um endireita de nomeada.

Dantes, era de muito aprêço o ungüento santo do Figueiras, bom para feridas, e não havia boticário nenhum que não tivesse a sua reputação firmada numa especialidade definida para certas moléstias.

¿E quantos mais segrèdos, caridosa farmacopeia de gente de benfazer, abafados e esquecidos, sem um estudo proficiente de laboratório, que lhes desse, a alguns, a fama da vantagem e da utilidade, desprezando os funestos, em proïbição de continuado aviamento?

¿E quanto curandeiro pernicioso, abusando da ingenuidade e por ve-

zes da estupidez do nosso povo?!

E' variada e múltipla de processos a medicina popular, tendo em cada cabeça uma sentença e em muitos e diferentes remédios o mesmo efeito para determinado sofrimento.

Convêm talvez dizer, que não é de todo funesta a aplicação dum ou outro remédio caseiro, conhecido e experimentado pelo andar dos tempos, e naqueles casos em que uma pronta atenção requere um doente e num momento por vezes atrapalhado de família, em lugarejos distantes, sem recursos e vantagens de melhores cuidados.

O padre entra, muitas vezes, na função humanitária de prestar os seus serviços, dando conselhos e receitando em muitos casos certas drogas conhecidas de botica.(2)

Estes serviços do padre, que não passam quási nunca dum prudente receitar de coisas sabidas, é menos funesto do que o resolver curandeiro, quando entra de aplicar mèzinhas numa inconsciência perigosa.

Os serviços dos padres poderiam ser de mais rasgada utilidade, se

ao curso dos seus estudos fosse posta a obrigação duns conhecimentos rudimentares de medicina e receituário e isto mesmo para a função dos seus auxílios ser reduzida e em casos vulgares e de somenos gravide.

Oliveira Guimarães, (Abade de Tagilde) indica-nos um abade da freguesia de Tagilde, que a pastoreou em 1454, *Mestre Buberte*, e que a designação de *mestre* indicava que o abade era perito em medicina.

No livro de visitas (1556) da freguesia de Fermentões, lê-se: *Também recomendamos ao pároco a obrigação que tem de não desamparar nas doenças os seus fregueses, a quem deve assistir com paternal a-fecto, consolando-os e instruindo-os para sofrerem com paciência os trabalhos, e engravecendo a doença, não se satisfaçam sòm:nte em adminis-trar-lhes os sacramentos, mas façam da sua parte por ajudá-los a vencer, etc etc.*

Vê-se pois que os párocos, com alguns conhecimentos de medicina, poderiam prestar relevantíssimos serviços aos seus frègueses.

Quando as doenças são de *gravidade*, o povo, é preciso fazer-lhe justiça, já hoje recorre muito esperançadamente a um médico, ou recolhe à casa dos pobres, à Santa Casa.

A mór parte das receitas, como se verá adiante, são absurdas, outras têm a fama dos bons serviços prestados, outras são autênticas artimanhas de benzilhice, e ainda algumas são inofensivas, porque são de simples cautela supersticiosa, crendices arraigadas de talhamentos e de práticas essencialmente pueris.

Só a título de curiosidade êste capitulo enfaixo nêste trabalho, (e que seria vasto e complexo, se o desenvolvesse tanto quanto era meu desejo), demais porque, tendo compulsado estudos similares, verifico que a medicina caseira varia muito de drogas e de processos numa boa parte de receitas, de região para região.

Para que se avalie o povo, em tôdas as manifestações psicologicas, quer no seu viver, quer tirando da conservação dos seus habitos e costumes todos os ensinamentos,

estudo e observação, a mais larga receita de mèzinhas caseiras, podendó depois separar as perniciosas, pelo menos das inofensivas, e talvez com lucro, quem sabe, dum ou outro receituário de utilidade vantajosa.

O bruxedo, maus olhados e ares ruins, são males que entram com facilidade no espírito do nosso povo, e uma vez feito qualquer dêstes diagnósticos, se entram relíquias e bentinhos, roupas e mixórdias, o doente entisica necessàriamente, mirrando dia-a-dia à perseverança de bodegas de tôda a casta.

Se o mal é da espinhela caida, queixa de peito, bem vai: pão de ló e vinho fino em cataplasmas, que depois entram no fole-das-migas dos doentes; mas se o diabo exerce a sua acção e rumina no bandulho do padecente, então vão rezas e defumadoiros, ladaínhas e tapona.

Chovendo no mês de Agôsto, (nas caniculas), não haverá doenças, é dizer velho, havendo até quem afirme que não se devem tomar remédios durante as caniculares, porque faz muito mal.

As bichas são uma terapêutica vulgar, de que os mestres barbeiros usam e da qual correntemente abusam.

Os conselhos e os ditados vêm sempre em reforço, embora as cautelas não sejam atendidas pelo rezar da lei: *Bexigas e sarampelo, três vezes ao pêlo; coma bem e beba que eu pagarei ao médico; a laranja de manhã é oiro, ao meio-dia prata, e à noite mata; pés quentes, cabeça fresca e ventre desempedido, c...para a medicina; com peras, vinho bebas, com melão, vinho de tostão, com melancia, água fria.*

*

Uma das funções interessantes é a das parteiras, tendo aqui especial cabimento alguma coisa que sôbre elas se diga.

As parteiras são mulheres de habilidade, fecundas parteiras que são mães de muitos filhos, aprendendo no laboratório do seu próprio partejar, essa arte de toques, de puxos e de sondagens, velhotas por vezes já no descanso da postura, que aliam ao seu saber obstetrício um calendário corrido de supers-

tições inerentes ao acto e seqüentes funções das puérperas.

Já Camilo, no romance *A Engeitada*, dava a entender que a obstetrícia estava adiantada nas paragens sossegadas dêste Minho de encantos, onde os partos se sucedem sem grandes estôrvos, mesmo naquelas que se adiantam, como o Grande Romancista dizia, ao sétimo mandamento.

As mulheres do povo são tementes e fecundas, e *adei* nada admira que a arte de partejar esteja largamente desenvolvida por tôdas as frèguesias, sendo pelo melhor que os filhos vêm ao regaço das mulheres casadas e do campo, para a ajuda do trabalho, embora por artes do mafarrico êles venham por vezes envergonhar as moças solteiras.

Mas, sendo tementes, não há executores do crime nas aldeias, como os há nas grandes cidades, de taboleta à porta e sciência abortiva experimentada.

Todos os filhos se criam aos peitos de suas mães.

Mesmo os que são filhos do pecado, da miséria, da fraqueza, do

abuso da inocência e da má sina, filhos que não vêm de França em condessinhas de luxo ao seio de amor e carinho de seus pais, até êsses são criados com afecto e por vezes com canseiras e necessidades.

O mais curioso e interessante de observar é que as parteiras habilidosas, possuindo um cabedal razoável de prática e de abundante experiência, mostram-se de airosia sabedora, lê-se-lhes no tôdo um certo ar de desembaraço sacudido, de passo que (são boas criaturas de Deus) nas horas de mais apêrto da padecente, aproximadas ao verdadeiro *chorar dos gostos do ano passado*, elas mesmo fazem por conta da cliente, de mótu-próprio, várias promessas aos santos da sua cartilha, insinuando também que a padecente as faça, com devoção, e para que tenha uma horinha feliz.

A fé (são mulheres de crença) opera conjuntamente com a sua experiência.

Uma vela benta acende-se logo no santuário, e duma parteira sei eu, que quando o parto se torna demorado, tira duma caixa uma pe-

dra sagrada da Senhora de Lourdes, deita-a num copo de água, a pedra fermenta um cibo e essa água é bebida pela cliente, sendo eficaz, quási logo, nos resultados operatórios.

A sugestão vence.

Ainda mais: a superstição, é uma parte da base do seu modo de vida, do seu operar, do seu saber de experiência feito, é por assim dizer a preventiva desinfecção dos males, dos ares, dos maus olhados, dos demónios, do corpo e do espírito, enfim.

As mulheres, durante o mês do parto, dizem elas sentenciosamente, querem-se podres e porcas.

E' prevenção que ensina: Nada de lavagens, de penteados, nem de sair nêsses dias de veias abertas, para nenhum serviço.

Mesmo o ditado confirma; *Mulher parida, nem farta nem limpa.*

Edão logo ao recém-nascido água do c. lavado para ser engraçado.

Olhando para as clientes, gostam de lhes ver os dedos dos pés. Se são largos, espaçados, o parto corre bem.

Caindo tarde a invide (aos seis ou mais dias, porque o vulgar é logo ao terceiro ou quarto,) as crianças serão fortes.

Esta sciência supersticiosa de diagnosticar é abundantíssima.

Até onde iria eu nêste contar encarreirado de observação!

A sciência das parteiras é complicada, desde a sua experiência fortemente ligada à sua fé, até ao seu discernir supersticioso e práticamente cauteloso.

No primeiro capítulo dêste livro podem tirar-se mais alguns esclarecimentos sôbre o assunto exposto.

Camilo, referindo-se ao povo destas bandas, diz, na *Brasileira de Prazins*: ...«raparigas muito musculosas, com pés grandes e os tecidos repuxados e cheios pelo exercício dos carretos nas sáfaras da lavoira.»

O que o nosso povo é, e faz parte integrante dos seus hábitos de viver, é pouco cuidadoso, nada previdente, muito menos recatado, supersticioso por temperamento e fatalista nato, abusando de tudo, e

sem limpeza nem recato vive doente como se vivesse são, achegado a uns paparicos, pois que o corpo não tem raízes, notando-se mesmo que por certos excessos de alimentação o seu abdómen é crespo e dilatado, verificando-se nas crianças desconformidades de barriga, algumas inchadas e tesas como peles de zabumba.

A porcaria anda sempre na bôca das crianças, chapinando nos monturos, e as côdeas no arcaboiço tostado dos labrostes.

Seja pelas almas, diz o povo quando dá uma topada; *seja em desconto dos nossos peçados*, quando anda de queixos à terra, ralado de dores, mesmo em vésperas de *ir guardar os pitos ao abade.*

NOTAS

(1) A data que o «Minho Pitoresco» nos indica, 1380, é a data da inscrição que está gravada na cruz, portanto é a data da era.

Para devida justificação transcrevo do *Guimarães*, por P.e Caldas, vol. 2.º, pág. 16, o que sôbre o assunto êle nos diz:

«Nos princípios do século XIV, existia junto ao antigo mosteiro de S. Torcato uma frondosa oliveira, que produzia azeite para a lâmpada do Santo Mártir.

Arrancada mais tarde, veio a oliveira para Guimarães, e plantada defronte da porta principal da Colegiada, aqui secara, e assim a deixaram ficar no mesmo lugar em que permanecera até 1342, quando Pero Esteves colocou perto dela a cruz, que ainda se levanta debaixo do padrão de Nossa Senhora da Vitória.

Foi colocada aqui a cruz a 8 de Setembro do ano referido, e três dias depois reverdeceu a oliveira, deitando novos rebentos e enfeitando-se de viçosa folhagem.

(2) Os párocos das nossas frèguesias tiveram, noutros tempos, grande preponderância entre os seus frègueses. Se ainda gozam duma certa influência, e são respeitados, dantes eram quási que adorados como deuses.

Veja-se êste ponto do livro manuscrito, *Memórias da Ribeira de Vizela* (1827) por Antònio José L. S. Paio: «Se há alguma rixa ou disputa entre dois lavradores, o pároco, sentado numa pedra já para isso destinada, ouve as duas partes, e qual juiz, de quem não há apelação nem agravo, sentenceia, decide, concilia-os e abranda ainda o mais arrebatado e indómito. Depois vão os queixosos direitos à casa de

qualquer dêles, a que mais perto seja, e amigàvelmente bebem. A decisão de um padre, e mui positivamente a do pároco é, entre esta gente rùstica, um oráculo.»

MEDICINA

1—Gomos de silva, hera e sabugueiro em cozimento, depois coar e juntar parte igual de leite fervido, constitui um bochecho para as dores de dentes.

—Ainda para as dores de dentes: colocar uma toalha de linho na cara; deitar papadas de farinha milha amassada com água fria; papadas de linhaça; tomar a baforada duma panela de água a ferver e depois agasalhar a cara; fumar cigarros; bochechar com água-ardente, agua salgada, petróleo etc,...e em último caso ir a um dentista.

Há quem aplique em papadas, para as dores de dentes, a erva cáustica, que nasce pelos rios e regatos e é parecida com os pregos d'oiro.

2—Umas tiezes (pequeninas películas) brancas que ficam nas cascas dos ovos, quando os pintainhos nascem. depois de reladas convenientemente e tomadas em chá ou café, constituem um remédio para a asma.

Ou também:

Dar a comer à pessoa atacada dêsse mal, mas sem ela saber, gato preto, preparado de qualquer forma.

3—A politária, variedade de erva, serve, depois de posta em infusão, para banhos de assento, principalmente para as mulheres, e no incómodo de calores da bexiga.

4—Para as escrófulas aplica o povo as páreas em cataplasma.

5—O absíntio, (assinto, como o povo lhe chama) variedade de erva,

é bom, depois de cozido e tomado em chás, para provocar o sono, e é também excelente para o flato.

6—A receita que vulgarmente o povo aplica para a icterícia é: uma clara de ovo em duas colheres (de sopa) de água de rosas. Bate-se e bebe-se em jejum.

Os ovos devem ser de galinha preta.

7—Para os soluços, comer cebola crua, ou bebericar qualquer liquido...ou meter um susto a quem os tiver.

8—Para quem se cortar das virilhas ou outras partes do corpo, é bom o pó dos bugalhos. E' melhor êste remédio, diz o povo, do que os pós de murta.

9—A sargacinha, flor miúda e azulada que nasce por entre o mato, tomada em chás, é aplicada para as doenças de pele e impigens.

10—Marroio, (erva parecida com

o aljabão) é aplicado contra a iterícia e maleitas.

11—Chás de tonas de pepino branco, secas, aplicadas para as dores de cólica.

12—Lêveda ou nêveda, planta vulgar e aromática, é empregada para facilitar a menstruação. Põem-se alguns ramos delas nas solas dos pés, debaixo dos braços, e deitam-se algumas folhas no caldo.

13—Folhas de esopo (ensôpo) ou nozes de cedro, tomadas em chás, em jejum, são abortivos, quando na 1.ª fase de gestação.

14—Para rebentar carbúnculos e tumores (furúnculos e abcessos) dá bom resultado a aplicação de papadas de caracóis pisados tirados dos cascavelhos (casca).

15—Salva e cidreira, para o nervoso.

16—Erva terrestre, para hemoptises.

17—Para inflamações das feridas, banhos de água de urtigas

18—Fervedura de urtigas para irrigações e metrorragias.

19—Para a febre, chás de diabelha ou de malvas.

Pondo urtigas por baixo do lençol, faz bem para a febre, principalmente na febre das *cruzinhas*, das crianças.

20—Para as sezões, tomar ossinhos de defunto desfeitos em vinho.

21—Alhos pisados postos nos pulsos, fazem passar as dores nevrálgicas.

22—A tritaina (tiritana, variedade de erva que nasce pelos muros) ou barbas de milho, ambas servem, tomadas em chás, para urinar.

23—A erva murquiais, ou mocuriais, serve, tomada em chás, para lavagem dos intestinos, talvez pelo seu valor purgativo.

24—Esfregando os peitos com azeite fervido com alecrim, não os deixa gretar durante a amamentação das crianças.

Para o mesmo efeito, há mulheres que põem, em cima dos bicos, bocados de páreas. Há também quem os esfregue com o excremento das crianças.

25—Para lavar ou limpar os dentes: folhas de serpão, de hortelã, azêdas, salvas e malvas.

26—Para que desapareça o *pano* da cara, as mulheres esfregam-na com a urina da criança ou com o ressuo dum bolo quente, depois de embrulhado em qualquer pano.

Para o mesmo efeito, há mulheres que no próprio dia de terem a criança, lavam a cara em água que tivesse cozido uma qualquer quantidade de feijão branco.

Para fazer desaparecer o escuro das marcas que as bexigas deixam, emprega o povo esta mesma última receita.

27 Figueira da India—sarnenta—para a sarna

28—Para resfrescar as varizes, língua de ovelha (erva) com banha, e aplicar em cima delas.

29—Para as mordeduras de abelhas ou vespas, ensalivar a região atacada e colocar em cima um objecto que tenha aço.

30— Para as feridas da cabeça, azeite puro, amassado com cinza peneneirada.

31—Para o *bicho*, azeite virgem, (é o azeite que primeiro escorre da azeitona antes de ser espremida no engenho) ou azeite da terra, misturado com cinza de pólvora, sendo esta queimada numa telha nova.

32— As frieiras escaldam-se com água quente e sal, porque as murcha.

Outros recomendam a urina, dizendo ainda alguém, por gracejo, que o melhor remédio, além de coçá-las, é o pó de Maio ou a água de Setembro.

33—Para crescer o cabelo, lava-

gens com marcela ou tormentelo (trementelo).

34 — A auguinha do cu lavado deve dar-se às crianças quando elas andem de soltura, ou mesmo como preventivo, para elas terem génio brando.

35 — Para despertar a menstruação, dão-se escalda pés, ou colocam-se sinapismos na barriga das pernas, mudando-os depois para a sola dos pés.

36 — Quando se dá uma queimadela, deve dar-se outra em cima, para sarar.

37 — Para as sardas: a água verde onde se lavam as couves segadas para o caldo; a água de cozer castanhas, ou a água de lavar arròs.
A lavagem com qualquer destas águas deve ser feita à noite e não se deve enxugar a cara.

Ou também:

Para tirar as sardas, devem as mulheres servir-se do sangue do seu primeiro incómodo.

38 — Para a constipação ou dor dos ouvidos, é bom deitar-lhes umas gotas de leite de mulher.
Há quem faça, para o mesmo efeito, um cozimento de folhas de eucalipto, chegando a baforada aos ouvidos, agasalhando-os depois convenientemente.

39 — Quando se dá uma picadela e ela deite sangue, para que não se agrave, é bom chupar o sangue.

40 — Chás de amoras ou de gomos de silva são aplicados para as cambras.

41 — Há mulheres que ao vir-lhe o fluxo menstrual sentem fortes dores, e para aplacá-las costumam deitar água a ferver num bocado de unto cru, bebendo depois a àgua, quando esteja morna.

42 — Para a coqueluche, casca de cidra com açúcar mascavado e posta ao lume até ficar em ponto de xarope.

43 — A murtilheira, que consiste

em vinho fervido com murtinhos, é um remédio aplicado para as pisaduras.

O sabão dos rios (variedade de erva de folhas largas, que nasce pelos rios) é igualmente boa para as pisaduras e queimaduras, assim como a farinha milhoa amassada em água fria.

Para as negras (pisaduras) há quem aplique freqüentemente alvaiade com água-ardente. Batata e cebola pisadas em cru, juntamente, fica uma papada também para pisaduras.

44—Cinza peneirada amassada com azeite constitui remédio para as escaldadelas, assim como é boa também a lama que os cântaros de barro deixam, quando pousam em terra.

45—Infusão da flôr do sabugueiro ou de rosas da Alexandria, é remédio santo para a infiamação dos olhos.

Também é aplicada para o mesmo efeito leite frio, de vaca misturado com água morna.

46—Banhos de erva molarinha, ou farelo de trigo desfeito em água quente, aplicados para as comichões do corpo.

47—Leite de folhas de figueira ou sumo de erva seruda, para queimar os cravos.

Há também quem os caustique com a água da salmoira de amassar o pão.

48—Para facilitar a digestão, depois de qualquer alimento (almoço, jantar ou ceia) é comer uma códea de pão.

49—Mel ou açucar ~~cândido~~ (cândi), êste aplicado com uma palheira, constituem remédio para as névoas.

A receita do açucar é aplicada imensas vezes aos animais, para lhes tirar as névoas ou belidas.

50—Ferver em água uma pequena quantidade de diabelha e avenca, juntar-lhe uvas passas, figos do Douro e açucar mascavado, e levando êste cozimento ao ponto de xarope, fica um remédio excelente para as constipações.

Comer cebola assada molhada em mel, constitui também um bom remédio para as constipações.
Chás de flor de carqueja ou folhas de laranjeira, bons para o mesmo mal.

51—A língua de ovelha, (variedade de erva) esmagada, serve e aplica-se para feridas.

Para o mesmo efeito serve a pele dos chapotes ou coxilos (planta em forma de umbela que nasce pelos muros).

52—O balso (variedade de erva) é bom para os golpes. Para os golpes e lanhos pequenos, costuma o povo envolvê-los com teias de aranha, ou deitar-lhes em cima umas pitadas de açúcar, e isto para de pronto vedar o sangue.

53—Para as turras, galos, papel de embrulho, usualmente o papel mata-chupa, molhado em água-ardente ou água, e aplicado em chapins contínuos.

54—As partes pudendas do porco, a que o vulgo chama *relógio*,

servem para aplacar dores reumáticas, dos rins e cruzes, esfregando bem a parte atacada do mal.

A enxúndia de galinha tem a mesma aplicação.

55—A pele do unto é boa para aplicar nos leicenços.

56—A seruda (variedade de erva), pisadas as folhas, aplica-se para a carne esponjosa e para as frieiras abertas.

Com o látex da seruda (suco leitoso) combatem-se as verrugas.

57—Caracóis esmigalhados postos em papada fazem rebentar os tumores; sopas de leite ou sabão amarelo e açúcar têm a mesma aplicação.

58—Gomos de silvas cozidos, ou folhas de nogueira, e depois coada essa água, é remédio aplicado para irrigações vaginais, havendo inflamação.

Também os chás dos gomos de silvas são dados para a soltura.

59—Batatas cozidas sem sal, e

amassadas com leite, é remédio para os leicenços.

60 — A saganha (variedade de erva) é boa para a febre.

61 — Lavando as mulheres os peitos com uma infusão de era faz-lhes secar o leite.

Ou ainda:

Para secar o leite às mulheres, é bom pôr debaixo dos braços perneiras de salsa, ou esfregar os peitos com água onde se cozeu centeio.

Não é bom deitar, como vulgar e supersticiosamente se faz, no pé duma figueira, algumas gotas de leite da mulher que deseja que êle lhe seque, porque tendo essa mulher outra criança, tem de ter o trabalho de ir pedi-lo à figueira onde fez a operação, e tem de lhe dar um golpe em sítio que deite algumas gotas de leite, para assim voltar a obtê-lo.

62—As crianças indicam que têm bichas, ao dormir, quando não cerram de todo os olhos.

Porém só se lhes deve dar o remédio contra elas, ou talhá-las, quando for lua nova ou quarto crescente.

Para as atalhar—Fazer um rosário de alhos e deitá-lo ao pescoço das crianças; chás de hortelã, pondo debaixo dos braços da criança ou do travesseiro algumas fôlhas.

Há também a receita de pôr ao sereno um copo com sumo de limão e dar às crianças atacadas de lombrigas essa bebida, logo de manhã, em jejum.

63—Fôlhas sapas esmigalhadas, juntas depois com água de rosas e clara de ovo, constitui mais um remédio para a icterícia. E' tomado durante 9 manhãs. Ver a variante n.º 6.

64—Para os calos, resina fresca de pinheiro.

Não voltam a aparecer.

65—Diz o povo que a semente de abóbora é o melhor remédio para a bicha solitária.

66 — *Pequena lista de algumas ervas de préstimo*

Assinto (absintio), arruda, erva moura, terrestre, violeta, avenca, erva molarinha, erva do ar, diabelhinha, marcela, marcelão, malvas, malvões, xentaije, talasmo, língua de vaca ou folha manteigueira, salva brava, artemija, urtigas mansas e bravas, flor do sabugueiro, mostarda, língua de ovelha, pòjos, hortelã, mentrastes, abrótigas lírios, bálsamo, seruda, cravo do monte, era, vogaínhas, gilbardeira, morangos bravos, folha de marmeleiro, salsa, trevo, hortelã mourisca, erva sargacinha, abretónica, aipo, ensôpo, aveloura, traques, murtinhos, rabaça, fidalga, erva sabugueira, agriões, alecrim, pulgueira, azêdas, norelha, rabo de galo, erva molar, castelhana, galega, senradela, azevém, aljabão, nêveda, rosmaninho, chingalhões, marroio, politária, tritaina, murquiais ou mocuriais.

Pára aqui esta lista curiosa que se encontra num livro manuscrito de Martins Sarmento.

CAUTELAS SUPERSTICIOSAS

1 — No cimo do monte de Santo Antoninho, na freguesia de Matamá, (Guimarães), há uma capela, e perto dela a chamada *pedra do santinho*. E' um calhau informe, furado oblìquamente, de sorte que um dos orifícios vira para a terra, outro para o ar. A pedra é milagrosa contra o *cansamento do peito*, e aqui está como se opera: Tapam-se os orifícios depois que o doente bafejou no de cima.

Parece que com o hálito do doente, assim encarcerado, êste fica

despenado do seu mal. A pedra só faz um milagre por ano e precisamente quando começa o dia da festa do Santo, portanto ao bater a meia noite do primeiro de Setembro. E' de crer que em antigos tempos a concorrência dos devotos originasse alguns conflitos. Hoje êsse perigo desapareceu. Quem quer bafejar no milagroso buraco, mete-se com o tesoureiro da festa e uma bandeira, içada de véspera, na cruz da capela, anuncia que está tomada a vez para o afilhado daquele magnate. (*Materiais para a Arqueologia do Concelho de Guimarães, por Martins Sarmento, na «Revista de Guimarães» vol. V.*)

2—Em S. Martinho de Candoso, (Guimarães) há o *Penedo da Senhora* (do Monte) indicando uma concavidade, onde ela se sentava e, a maior altura, uma outra mais pequena, onde pousava o cotovelo, para apoiar a cabeça numa das mãos. Êste penedo tem virtudes miraculosas. Quem sentir dores de cabeça e nêle se sentar, tomando a mesma posição que tomava a Se-

nhora, vê-se livre delas. (Idem, vol. XIII.

3—A tradição diz-nos que em Briteiros, (Guimarães) a terra da sepultura do Santo Wamba, misturada com várias ervas do passal, tocadas na imagem de Santa Leocádia, se cozem em água, que dada a qualquer doente, em 9 dias ou sara ou morre. (*Pinho Leal—Portugal Ant. e mod. tomo 1.º, pag. 491.*

De maneira um pouco diversa e mais explicadamente, o Abade de Tagilde, no seu livro 2.º manuscrito, e variando também do que se lê na *Antiga Guimarães*, pag. 145, do P.e Torcato Peixoto que desenvolvidamente trata êste assunto, diz: No adro junto á porta travessa resguardada por pedras ao alto e coberta com uma lápide está uma sepultura que se diz ser do rei ou abade Wamba, e segundo outros desta freguesia, a sepultura da padroeira St.ª Leocádia, que ali está enterrada.

Umas ervas apanhadas no adro ou passal, benzidas nas imagens de St.ª Leocádia, (há duas, uma maior

e outra menor, que dizem ser mãe e filha) a quem se diz: «a benção do Padre, do Filho e do Espirito Santo», e molhadas depois em água benta na pia da igreja, misturadas com terra da sepultura dita, cozem-se e a água serve para dar um banho a qualquer criança doente. Aplicado o remédio, em nove dias a criança sara ou morre.

Pela bênção dá-se um vintém ao pároco.

4—A Capela de S. Simão, em Gondomar (Guimarães) era situada no monte do mesmo nome a sul da igreja, estava arruïnada em 1802, sendo mandada demolir, e a imagem do padroeiro conserva-se na igreja. E' advogada das mulheres que têm falta de leite, que para o obterem procedem do seguinte modo: Implora-se a protecção do Santo, fazendo-lhe uma promessa, mandando-se em seguida buscar a terra do santo, que é extraída duma pedra guardada na sacristia e que metida numa saca se coloca ao pescoço da devota.

Alcançando o leite, vem a devota cumprir a promessa ao santo e traz a saca, que dependura aos pés do mesmo santo. (*Livro 2.º manuscrito, de Abade de Tagilde*).

5—Para evitar que as mãos suem, entra-se numa igreja onde nunca se tenha entrado, metem-se na pia da água-benta e esfregam-se na parede ou no chão.

6—Para curar a brotoeja faz-se uma cova à entrada dum curral de ovelhas, põe-se dentro dela, com todo o cuidado, a criança, e tapa-se vulgarmente com um caniço, fazendo-se depois passar por cima todo o rebanho e dizendo:

Ovelhas ao monte;
brotoeja adiante.

7—Para o tesorelho pôr um jugo quente dos bois no pescoço.

8—Para fazer cessar a hemorragia, basta pôr sôbre a cabeça do doente, sem êle ver, dois pausinhos em cruz, de oliveira ou laranjeira. Em caso de apertos e necessidades

há quem aplique mesmo duas palheiras.

Para grandes males...

9—Para se não agravarem as feridas feitas por uma tacha ou prego que se cravou num ser humano ou animal, enterra-se a tacha numa cebola, e igualmente para se não agravar ferida feita por uma silva, corta-se a ponta da que se supôs que fez a ferida.

10—Quem sofrer de insónias, cura-as fazendo da camisa uma rodilha, sôbre a qual põe um cântaro e vai a uma fonte. A insónia fica na fonte e o doente tráz o sono consigo.

11—Remédio contra a gota e paralisia:

Queimar toda a roupa que trazia o doente quando lhe deu o primeiro ataque e esfregá-lo com as cinzas que ela der.

12—O pão de forno novo é óptimo contra as sezões e as ferradelas de cães danados. Por isso se oferece

um bolo às pessoas amigas, quási sempre.

13—Para sarar o bichôco às crianças, devem os panos da sujidade ser lavados em água corrente.

14—Para curar as maleitas:

Levam-se três bocados de qualquer comida e põem-se ao pé duma fonte, levando o doente em jejum, que dirá: *Come tu, que eu já comi.*

As maleitas passam, mas a pessoa que comer os bocados fica com elas.

15—Para as bichas—Um bocado de sangue de frango, misturado com umas gôtas de água, para não coalhar, chegando-se depois umas pinceladas ao fundo do pescoço ou da garganta da criança atacada de lombrigas.

Dentro em pouco as bichas acodem ali, a chupar o sangue, finas como bicos de sedeiro e opera-se depois cortando-as com a lâmina de uma faca, etc, vindo na folha da lâmina os bicos das bichas.

Há quem faça esta operação ás maravilhas.

A mesma operação se faz substituindo o sangue de frango por ferrugem moída, passada por uma peneira e amassada em azeite.

As bichas atacam mais as crianças brancas do que as morenas, etc.

16 - Receita para saber se uma mulher pode conceber ou não—Tomareis coalho de lebre desfeito em água quente e o dareis a beber à mulher metendo-se logo em um banho de água quente.

Se esta tiver dores na bexiga é capaz; senão, não. (*De um livro manuscrito de receitas e curiosidades várias, que possuo.*)

17—Para saber se uma donzela está virgem ou não —Tomar um bocado de sal amoníaco em pó, lançá-lo num copo de água fria e dá-lo a beber á donzela.

Se esta não urinar logo, está virgem; e se urinar logo, não está.

Também noutra receita, indica o mesmo livro citado, e para o mes-

mo efeito, a linha passada, presa à boca pelas pontas, por cima da cabeça.

18—Para fazer dormir—Tomar fel de lebre, desfeito em vinho. Para fazer depois acordar a pessoa que tomou esta receita, é preciso deitar-lhe na boca, vinagre. (*Do mesmo livro citado*).

ADÁGIOS E DIZERES POPULARES

X

Em Guimarães – Ponte sem rio, Sé sem bispo, Palácio sem rei e Roma sem papa. (1) (Pop.)

Há quem acrescente também àquele dizer, mas não tão usualmente: *e gente sem lei* (2)

Do povo vem para todos nós uma parcela grande do seu saber de experiência feito.

Do seio longe do seu viver simples, do meio restrito dos seus hábitos comezinhos, da sua terra de luta

e da sua vida de trabalho, onde as canções têm a nota típica dum lendário festim de sonho, e o falar é correntio e de tique querendeiro em moleza dócil de ignorância acolhedora, e o trajar garrilho tem a feição impressionante dos campos em rebentos de seiva, lá de longe, da escola do trabalho, do achêgo do templo, da prática do viver, é que nos vem em maior parcela, retalhada em conselhos, em usanças e firmada em raízes de solidez na lei velha dos velhos costumes e hábitos, o ensinamento dogmático do seu adagiário simples, que é doutrina na sua casa e garantia do seu afirmar sem juras, sem pragas e sem faltas.

Nem todos, e não me limitei a essa recolha e destrinça, são fundamentalmente da escola popular.

Mas o povo usa também dêsses mais vulgares que anoto.

O povo faz à parte uma escolha dos adágios e dizeres que mais lhe calham ao feitio e sabor, e dessa colheita estabelece a ginástica dentro dos princípios do seu limitado viver.

Pode deduzir-se da filosofia geral e corrente dos proverbios rústi-

cos,—enlaçados de vulgaridade e sempre firmes, persistentes e duráveis pelo trilho da usança, que de longe vem, seguidos pelo vêzo aturado dos velhos que na escola proverbial se educam, educando os mais moços, com naturalidade e verdade—, uma psicologia natural que nos leva em bem orientada regra a estudar pràticamente toda a acção que exercem no espírito do povo.

Nêles se encontra então, nos provérbios de moral e de costumes, a arraigada sentimentalidade que ensina o homem a prender-se à terra e às crenças, havendo em muitos o ditame seguro de leis sentenciosas e rústicas superstições de respeito, formando todos em lição de exemplo e regra, a escola de prática que abre ao povo a sua inteligência sem mais conhecimentos de saber.

E é facil vêr-se que o nosso povo, sem o estudo aturado das bases lentas das primeiras lições da escola, sem o caminho da inteligência retouçado para a compreensão clara dos assuntos ligados ao mister usual das suas múltiplas ocupações, de pronto e seguramente raciociona, e

muito embora o seu falar seja atrapalhado, de suspensão e brevidade, nunca fica em meio têrmo de pensar, porque de rápido, a ligação dum ditado, dum certo dizer consagrado em uso e ajustado ao correr das conversas, vem em remate ou em refôrço dar clareza ao assunto, ou firmeza ao deficientemente exposto.

De passo o trabalho é também uma escola de princípios que educa o seu coração ao preceito do dever, e na efectivação constante dum prático lidar, leva aos hábitos, o que é de lamento, e às regras da sua freima, o agarrado da sua rotinice, embora em fôrça de consciência faça das suas raízes de crença o engaste de prisão a todas as tradições de respeito, de culto e de folga.

Ensinam os adágios, curiosidades dos velhos usos, costumes e tradições; esclarecem pontos de superstição, de história, de avelhadas crenças e dão subsídios à filologia e lingüística e ainda a outras secções dos conhecimentos humanos, como inteligentemente no-lo indica o Sr. Ladislau Batalha.

Os provérbios são o resumo da vida, o saber da tradição, o exemplo do passado, *e exprimem de preferência as ideias de um dado país, de uma dada região, de uma dada localidade, e simultâneamente os costumes dos seus habitantes.*

E se a sabedoria das nações se avalia pela freqüência dos seus anexins, dêles vem naturalmente a prática raciocinadora do saber mediano do povo que nunca estudou.

Sentenças são verdadeiras, que a experiência, suma mestra das artes, pronuncia pelas bôcas do povo.

Alarga assim o povo a esfera do seu saber, forma o seu pensar nas bases do seu viver, e sendo muito embora atrapalhado de palavras, baralhado nas conversas e corrente nos dizeres, é arguto na firmeza substancial dos conhecimentos proverbiais que emprega.

Alguns adágios são o repertório da sua orientação na faina do trabalho e o barómetro regulador do tempo.

São a moral do seu procedimento e do seu pensar, a regra do seu viver e as leis do seu conselho.

São a cantilena benzida das orações e a doutrina orgulhosa da sua crença; são a valentia da sua ignorância, o refúgio da sua atrapalhação, o apêgo da sua ideia e a reserva do seu saber.

NOTA

(1) Ponte sem rio—a ponte de St.ª Luzia, elegante e bem lançada, por onde passa um insignificante riacho; — Sé sem bispo – a colegiada da Oliveira, a que o *povo* chamava dantes Sé; —Palácio sem rei—já porque Guimarães foi o berço da nacionalidade onde D. Afonso Henriques assentou arraiais, já porque tem ainda os Paços dos Duques de Bragança; —Roma sem papa—lugar que fica para os lados da estrada de Fafe. Êste último apêndice è já de gracejo.

(2) Gente sem lei—talvez pelos muitos privilégios concedidos a Guimarães, sendo uma terra que muitissimas garantias usufruiu.

Pinho Leal, porém, no Port. Ant. e Mod., vol. 3.º pág. 355, apresenta-nos um novo apêndice ao velho dizer, e que nunca ouvi. Reza assim: —«Diz-se de Guimarães (e é verdade), que tem—Sé, sem bispo; ponte, sem rio; palácio, sem rei e relação sem desembargadores.»

Deve ser antiquado dizer, e sendo assim, ¿diriam relação sem desembargadores, sómente porque dantes, aos baixos da Camara, à arcaria, lhes chamassem relação?

Pinho Leal também labora em êrro quando diz, no mesmo vol. pag. 358: «O campo da feira serve de passeio publico. Està numa situação pitoresca à saída da cidade, junto ao ribeiro Celho, aqui atravessado por uma formosa ponte, guarnecida de estátuas, assentos e árvores. (A ponte é mal empregada em semelhante ribeiro, e é por isso qué se diz—*ponte sem rio.*)»

Engano. Pinho L. confessa mesmo que lá passava um ribeiro, e è verdade, quando na

ponte de St.ª Luzia é um riacho, dantes mais diminuto do que hoje. O dizer vai pois, para a ponte de St.ª Luzia.

ADÁGIOS E DIZERES POPULARES

Da terra, da gente e dos lugares.

1—Guimarães, (como Braga dos 3 p.) é feia, fria e fedorenta.

Não é desprimor. Feia, por ser uma cidade antiga, de aspecto severo; fria, porque está num fundo vale, com altos montes sobranceiros; fedorenta, por ser uma terra de trabalho, sendo a indústria dos cortumes uma das mais antigas, e que lhe dá, por certo, o apodo de mal cheirosa.

2—Guimarães é terra de bruxas.

3—Os de Guimarães tem duas caras.

4—Guimarães, esfola gatos e mata cães.

5—Guimarães, a cada porta sete cães.

6—Guimarães, perna torta, pái dos cães.

E', quero supor, e sem estudar o porquê dos dizeres, que de longe vêm nesta carreira cantarolada, talvez sem significação plausível, quero supor que os cães andam á perna dos de Guimarães simplesmente pela facilidade da rima.

7—Deus nos livre dos de Guimarães, onde prendem a gente e soltam os cães.

Vem êste dizer no romance de Camilo, «O Santo da Montanha», pág. 137 e foi usado por Francisco Manuel de Melo, nos «Apólogos Dialogais», onde vem a pág. 276.

8—Berra como a cabra de S. Miguel.

9—Roufe é maior ca Brito.

10—S. Martinho de Leitões, vinte e nove fregueses e trinta ladrões.

ou o inverso:

S. Martinho de Leitões, trinta fregueses e vinte e nove ladrões.

11—Quando se vê alguém com braços ou pernas magras, diz-se-lhe:—Se passas por Guimarães ficam-te lá as canelas para cabos de facas, aludindo ao fabrico de cabos de facas e garfos. (*Demosophia, por Soeiro de Brito.*)

12—Ai Jesus dos altos céus, livrai-nos de *Pesquicios*, *Larós* e *Réus*.

Pesquicios, Larós e Réus são alcunhas de 3 famílias de Guimarães, muito demandeiras. O dizer é atribuído a um juiz de direito, que no tribunal o proferiu, tornando-se desde logo popular, como ainda hoje o é, e muito.

13—A Santa Marinha, dá uma canadinha; o Santiaguinho, dá um canadinho, e a Senhora da Oliveira dá uma regadeira.

14—As môscas vêm pelo S. Torcato e vão pelo S. Gualter.

E' dizer velho, mas pouco verdadeiro no que afirma.

15—Vizela é terra de môscas, de pobres e de pó.

16—Ferreiros que faz farinha, (limalha do ferro) não tem campo nem vinha.

Dizer dos garfeiros de Sande. Informação do Sr. A. L. de Carvalho.

17—De Braga, nem bom vento, nem bom casamento.

18—Velho como a Sé de Braga.

19—Os de Braga não fecham a porta.

20—Bem te conheço: és de Braga e chamas-te Lourenço.

DOS MESES

1—Em Setembro, ardem os montes e secam as fontes.

2—Quem quiser o homem morto, dê-lhe couves em Agôsto.

Ou:

Coubes em Agôsto, tumba à porta.

3—Se em Outubro te demorares a terra a lavrar, pouco hás-de enceleirar.

4—Em Dezembro descansar; em Janeiro trabalhar.

5—Bons dias de Janeiro, hão-de pagar-se em Fevereiro.

6—Em Março asso, os dias com as noites e o centeio com os matos.

7—Março pardo e ventoso faz o ano formoso.

Água em Março, quanta o gato molhe o rabo.

9—Em Março, pegam-se os olhos como melaço.

10—Maio pardo, ano farto.

11—Dias de maio, dias de amargura, ainda não aparece o dia e já é noite escura.

12—Guarda pão para Maio, e lenha para Abril, e o melhor tição, para o mês de S. João.

13—Fins de Agôsto, dà o frio no rosto.

14—Vinho de Março, não vai a cabaço.

15—Lá vem o Março corão! quem não tem meadas, bota um esteirão.

16—Quem em Abril não varre a eira e em Maio não sacha uma leira, anda todo o ano em canseira.

17—Em Abril, cada pulga para mil.

18—Chovam 30 Maios e não chova um Junho.

19—Ande o ano por onde andar, o mês de Agôsto ha-de aquentar.

20—Fevereiro coxo, em seus dias vinte e oito.

21—Fevereiro faz dia e logo S.ta Maria.

22—Fevereiro recoveiro, faz à perdiz ao poleiro.

23—Para parte de Fevereiro guarda lenha.

24—Quando não chove em Fevereiro, não há bom prado nem bom centeio.

25—Lá vem Fevereiro que leva a ovelha e o carneiro.

26—Água de Março, pior é que nódoa no pano.

27—Fraco é o Maio que não rompe uma croça.

Ou:

Fraco é o Maio que não queima uma noca (Canhota de carvalho.)

28—Em Agôsto, ferve o milho na espiga.

29—Agôsto nos farta, Agôsto nos mata.

30—Janeiro é carneireiro.

Diz-se assim por via dos carneirinhos—flor do salgueiro, que rebenta cedo—e por nesse mês nascerem mais anhos e cabritos.

31—O luar de Janeiro, faz sair a galinha do poleiro.

Vai escassa esta colheita de ditados relativos aos meses, simplesmente porque já temos uma obra perfeita, muito interessante e quási que completa: «Calendário Rural,» de A. Tomás Pires.

Agricolas

1—O vento nunca morre à sêde.

2—Favas me fartam, favas me matam.

3—Fruto de caroço tem osso (Porque é indigesto e faz mal.)

4—Quando Deus quere, de cima chove.

5—Não há sabado sem sol, demingo sem missa, nem segunda sem preguiça.

Ou:

Não há sabado sem sol, nem Maria sem amores.

6—Galinha que põe e não canta, come o ovo.

7—O milho pelo S. João, deve cobrir um cão.

8—Pelo St.° André, pega-se o porco pelo pé, e se êle disser, cué, cué, preguntai-lhe que tempo é.

9—Quem não tem porco, mata a mulher.

10—Um porco é uma botica.

11—Pão de hoje, carne de ontem, vinho dêste ano.

12—O verão de S. Martinho é um dia e um bocadinho.

13—No tempo de brócolos, ve-se bem sem óculos.

14—O vinho doce, bebe-se como se nada fosse.

15—Comer sem beber, é cegar e não ver.

16—Sol lampeiro, chuva no eido.

17—Não te fies em céu estrelado, nem em c. mal avezado.

18—Lua nova trovejada, trinta dias é molhada.
(Hà quem acrescente):
Se aos três não é estiada.

19—O sete-estrêlo pelo S. Martinho, vai de bôrdo a bordinho, e a meia-noite está a pino.

20—A Senhora da Luz chora, inverno fora; A Senhora da Luz ri, inverno para vir.

21—Quem não jejua a S. Tomé, bôca de cão é.

22—Ramos molhados, ramos melhorados. (*Isto, se chove no domingo de Ramos.*)

23 Se a candeia (dia de N. Senhora das Candeias) chora, está o inverno fora; se a candeia rir, está o inverno para vir.

24—As águas com que hás-de regar em Agôsto e Setembro, de Março e Abril hão-de ficar.

25—Pela Santa Marinha, cresta a abelhinha.

26—Água no mês de S, João, dá azeite, vinho, e não dá pão.

27—As águas verdadeiras, pelo

S. Mateus (21 de Setembro) são as primeiras.

28—Há sol que rega e chuva que seca.

29—Dos Santos ao Natal, é inverno natural.

30—Quando te derem o porquinho, vai logo com o baracinho

31—Pelo S. Tiago, cada gota de água vale um cruzado.

32—Até ao lavar dos cestos é vindima.

33—Vento de Arouca, muito vento, chuva pouca.

34—Quando não há vento, não há mau tempo.

35—Uma boa horta é como uma caixa de pão.

36—No tempo do cuco, pela manhã chuva, à tarde enxuto.

37—Círculo na lua, chuva alguma.

38—Neve na lama, chuva na cama.

39—Pelo Natal, semeia o teu alhal.

40—Ares brancos, chuva a cântaros.

41—Ares da côr do papo de ganso, chuva sem descanso.

42—Pelo S. Martinho, barra o teu vinho, e com três castanhas faze um magustinho.

43—Vindima molhada, acaba cedo aliviada.

44—Chuva pelo S. Pedro, o vinho toma mêdo. Chuva pelo S. João, tolhe o vinho e não dá pão.

45—Vinho e linho não tem domingo.

Refere-se aos trabalhos que requerem, precisando ser feitos na devida altura, seja domingo ou dia santo.

46 — Quem quiser o boi valente, ponha-lhe a vaca na frente.

47 — Boi solto, lambe-se todo.

48 — O mêdo guarda a vinha.

49 — Focinho de porco e galinha de bico, nunca fizeram o homem rico.

50 — Pela Santa Marinha, a mulher, no campo parece uma galinha; pelo S. Tiago, parece o diabo.

51 — Pelo S. Pedro, fecha o rêgo de lavrar e abre o rêgo de regar.

52 — A noz e a castanha, é de quem a apanha.

53 — A casca do sobreiro, em Junho vai a punho; em Agôsto, a mascôto.

54 — Chuva da Ascenção, dá pão.

55 — Quem deixa a malhada para Agôsto, não malha a gôsto.

56 — Semeia as nabiças no pó e por elas não deites dó.

56 — Quem poda sem colete, vindima sem cesta.

58 — Pelo S.[to] André, vai o sete-estrêlo à maré.

59 — Para a sementeira do centeio, cedo não escarmentes, do tarde não avezes.

60 — Mal vai a Portugal, senão há 3 cheias antes do Natal.

61 — Santa Luzia tira à noite e põe no dia.

62 — Três manhãs de nevoeiro, ou dão chuva, ou vento.

63 — Ano landreiro, ano falheiro.

64 — Quem não tem carro nem bois, ou anda antes, ou depois.

65 — Quem mói no seu moinho e coze no seu forno, come o seu pão todo.

66 — Uvas, figos e melão, é sustento de nutrição.

67—Campo de gramão, campo de pão.

68—Chuva do norte, não molha capote.

69—Azeite e vinho deixa sempre um bocadinho.

70—Chuva de sábado nunca se acaba.

71—Quem se abriga debaixo da fôlha, três vezes se molha.

72—Não há entrudo sem lua-nova, nem Páscoa sem lua-cheia.

73—Boi peideiro, fora do eido.

74—Mal vai a corte onde o boi velho não tosse. (Ou não berra.)

75—Nabiça quere unto; grêlo azeite; e nabo presunto.

76—Ruivos ao mar, velhas a assoalhar.

77—Galinha que canta de galo, põe o dono a cavalo.

78—Uma galinha sustenta dez pintos, e dez pintos não sustentam uma galinha.

79—Ano de bêberas, nem de peras, nunca o vejas.

80—Ano de ovelhas, ano de abelhas.

81—Se não houvesse vento, não havia mau tempo.

82—Céu pedrento, ou chuva, ou vento.

83—Céu empedrado, terreno molhado.

84—Dia de S. Sebastião, laranja na mão.

85—Galinha pinta, ovos trinta.

86—Galinha pedrês, não a comas, nem a dês.

MULHERES—AMORES—CASAMENTO—FILHOS

1—O amor não se vai buscar à igreja.

2—O casar e o servir, querem-se de vontade.

3—Casar com mulher feia e rica é ter boa mesa com fastio.

4—Não há casamento pobre, nem morte rica.

5—Não há casamento pobre, nem santo feio.

6 Ao nascer, ao casar e ao morrer, há sempre que dizer.

7—Compadre casar com comadre, até o diabo no inferno diz-arre!

ou:

Compadre casar com comadre, nem no inferno cabe.

8—Casou Maria com Pedro, não tem pão nem peras, casamento negro!

9—Casar, casar, que Deus dá pão; se não der pão, dá pau.

10—E' melhor ser casada com um sardinheiro, do que amigada com um brasileiro.

11—As mulheres, em solteiras, têm sete braços e uma língua; e quando se casam sete línguas e um braço.

12—Quem cantar antes do almôço, ou é tolo, ou quere casar.

13—A' terça e sexta-feira, nem

cases tua filha, nem urdas tua teia.

14—Quem casa, não pensa; quem pensa, não casa.

15—Antes que cases, olha o que fazes.

16—Para onde foste, desgraçada?
—Para entre sogros e cunhada.

17—Sogra e madrasta, o nome lhe basta.

18—Sogras, nem de barro à porta.

Ou:

*Sogras, nem as do cântaro (*rodilhas).

19—Noras, nem as de tirar água.

20—Quem namora mulher casada, traz a vida emprestada.

21—A mulher casada, deita-se singela e acorda dobrada.

22—Quem namora do lado do fuso, ou é tolo, ou não tem uso.

23 - Quem dorme com os olhos abertos, não tem os amores certos.

Esta quadra elucida;

O coelho e mais a lebre,
dormem c'os olhos abertos;
eu durmo c'os meus fechados,
tenho meus amores certos.

24—Viúva honrada, porta fechada.

25—Mulher honrada não tem ouvidos.

26—Duas mulheres e um pato fazem uma feira.

27—Uma mulher sem pudor, é uma comida sem sal.

28—O homem é fogo, a mulher estôpa, vem o diabo e assopra.

29—Mulher magra sem ser de fome, foge dela que te come.

30—Mulher de bigode, pode mais que o homem.

31—Mulheres de perto e chitas de longe.

Umas e outras é assim que têm mais vista e assim se devem admirar.

32—Mulheres, mulas e muletas, tudo se escreve com as mesmas letras.

33—Mulheres, calçado e relógios, não se podem emprestar.

34—Quem tem mulher, tem o que é mister.

35—A mulher feita ama, fica estragada.

36—Mulher nova e tasca de novo, todos querem experimentar.

37—Deus nos livre de bôcas abertas, de homens de mau recado e de mulheres que correm o fado.

Ou:

Deus nos livre de bôcas abertas, de mulheres de mau recado e de fole enfarinhado.

38—Mulher panosa, criança formosa.

Que fique depois do parto com pano na cara.

39—O vinho é como as mulheres: fresco de verão e quente de inverno.

40—O parir é dor, o criar amor.

41—A dor ensina a parir.

42—Cada parto, cada ventura.

43—À teia urdida e à mulher parida sempre se lhe dá uma saída.

44—Mulher parida, nem farta, nem limpa.

45—Incha o menino para nascer e o velho para morrer.

46—Criança que não se ri dentro dum mês, ou é tola, ou quem a fez.

47—Qual é Maria, tal filha cria.

48—Casa que não cria, sempre pia.

49—Boa maçaroca fia, quem seu filho cria.

50—Um pai cobre cem filhos, e cem filhos não cobrem um pai.

51—Quem cedo adenta, cedo aparenta.

52—Quando teu filho adentar, todos os santos tens de adorar.

53—A quem Deus não dá filhos, dá o diabo sobrinhos.

Corresponde ao mais vulgar:

Quem tem filhos tem cadilhos; quem os não tem, cadilhos tem.

54—A criança e o gatinho, vão para quem lhe fizer miminho.

55—Se queres o filho tratante, põe-no a estudante.

56—Se queres o homem estragado, põe-no a soldado.

57—Quem traz um filho na escola, traz um burro à argola.

58—A canalha, quanto mais cresce, mais aborrece.

59—Dos quinze para os dezaseis, raparigas, vós bem sabeis.

Quer dizer: Dos 15 para os 16 anos já as raparigas são mulheres, porque é a idade do começo menstrual.

60—Se és filho de minha filha, toma trigo e vem para cima; se és filho de minha nora, toma broa e vai-te embora.

Correspondente ao mais vulgar:

Os filhos da minha filha, meus netos são; e os filhos do meu filho, serão ou não.

61—Homem velho, mulher nova, filhos até à cova.

62—Quem os meus filhos beija, minha boca adoça.

63—Entre marido e mulher, não metas a colher.

64—Entre casados não te metas, que à noite cobrem-se com a mesma manta.

65—Quem se deita com crianças, amanhece borrado.

66—Quem atura rapazes, não guarda dias santos.

67—Meia moça está na caixa.

E' vulgar e quer referir-se ao luxo, aos arranjos da roupa, que compõem, enfeitam e completam uma mulher.

68—Azeite no chão, sinal de paixão.

69—Sonhar com burros a correr, são amores a pretender.

70—Parto inchado, parto abençoado.

Diz-se quando às mulheres grávidas principiam a inchar os pés, etc.

CRIADOS—TRABALHO— ECONOMIA

1—Quem foge a trabalhos, foge a proveitos.

2—Para vender, à porta; para comprar, na feira.

3—Junta palha como oiro, e terás oiro como palha.

4—Quem faz tudo, não enche o fuso.

5—Mal vai ao fuso, quando a barba não anda em cima.

6—Não há casa farta, onde a roca não ande.

7—Homem de muitos ofícios, quando chove faz cortiços.

Ou:

Homem de muitos ofícios, acaba a pedir.

8—Aproveita o que não presta, acharás o que te é preciso.

9—Serviço começado ao sábado, nunca tem cabo.

10—Quanto mais me dá a minha galinha amarela, mais eu quero por ela.

11—As obras fazem-se das sobras.

12—A boa fogueira faz a mulher ligeira.

13—O moinho barca, a mulher arca.

14—Quem às vendas vai comer, filhos doutros vai manter.

15—Mãe aguçosa (trabalhadeira) filha preguiçosa.

16—Quem ganha três e gasta quatro, não precisa bôlsa nem saco.

17—Quem quiser saber o valor de um cruzado, é pedi-lo emprestado.

18—Quem cozinha com lenha verde, não tem govêrno.

Ou:

Quem cozinha com lenha verde, gasta três lenhas.

19—Quem come bem, sempre forra algum vintém.

20—Quem come mal, não forra nem um real.

21—Quem come cedo, cria carne e cebo.

22—Quem come tarde, nem cria cebo, nem carne.

23—Um real poupado, é um real ganhado.

24—Coisa bem começada, é meio acabada.

25—Mais vale uma hora de obediência, que um ano de penitência.

26—Duas velas a arder, deitam a casa a perder; e três põem-na a valer.

27—Quem todos os domingos me veste, a cotio me mete.

28—Fazenda herdada é menos estimada.

29—A metade da obra tem feito, quem começa com tempo.

30—Para comer, não fazer amarelo; para trabalhar, o corpo não é de ferro.

31—Enquanto que tolos dão, ajuizados não compram.

32—A como vendes a sardinha?
—A como encontro a tolinha.

33—Fazer muito e bem, há pouco quem; fazer pouco e mal, é geral.

34—Deus antes quis servir do que pedir.

35—Guarda que comer, não guardes que fazer.

36—Quando não há pão, até migalhas vão.

37—Do homem a praça, da mulher a caça.

38—Quem todo o seu guarda, o alheio perde.

39—Mais vale verde no meu papo, que maduro no papo do gato. (Ou no papo alheio.)

40—Não peças a quem pediu, nem sirvas a quem serviu.

41—A onda tudo arrasta, o desperdício tudo leva.

42—Onde todos trabalham, nada custa; onde todos pagam, nada é caro.

43—Quem foge a trabalhos, foge a proveitos.

44—Deus nada recusa ao trabalho.

45—Criados, caseiros e bois, de um ano até dois.

46—Quem não quere ser mandado, não é criado.

47—Criados são inimigos não escusados.

48—Manda e faz, servido serás.

49—Guarda da risa p'ra a chora.

Guardar de comer, desde que haja muito, para quando houver pouco. Poupar.

50—O serviço da canalha é pouco, mas quem o perde é louco.

51—Dois muitos e dois poucos fazem um homem rico.

A saber:

Muito trabalho, muita diligência, pouca vergonha e pouca consciência.

SOLTOS E DIVERSOS

1—Quem para o sábado se guardou, nunca bem lavrou.

Ou;

Quem se guarda para tarde, nunca bem lavra.

2—A cara guarda-te as costas.

3—Quem é vivo, aparece; quem é bom, nunca esquece.

4—Nunca faltou têsto para uma panela.

5—Não há tolo que se conheça, nem cego que se veja.

6—Quem não pode, arreia.

7—À hora do comer, sempre o diabo traz mais um.

8—Enquanto dura, vida doçura.

9—O espelho te dirá, o que nenhum amigo se atreverá.

10—Valha-te a Senhora d'Agrela, que não há outra como ela.

11—O pobre dar ao rico, é andar para trás como o maçanico.

Ou:

O pobre dar ao rico, merece com um penico.

12—Boi morto, vaca é.

13—Quem quiser comer arros sem sal, vá para o hospital.

14—Quem bem dançar, o jeito sempre lhe fica.

15—Fiar em Deus, que é bom Santo.

16—O mal e o bem, à cara vem.

17—O bom passadio, faz o homem sàdio.

18—A lampreia faz a bôlsa feia.

19—Em casa de ferreiro, espêto de salgueiro.

Mais vulgar:

Em casa de ferreiro, espêto de pau.

20—Os homens conhecem-se pelas palavras, e os bois pelos cornos.

21—Casa que tenha pombos, anda sempre aos tombos.

22—Menino com o papinho cheio, não é comedor.

23—Bocado que sabe, não se dá ao frade.

24 — Bocado que sabe bem, não se dá a ninguém.

25 — Quem pode, luta; quem não pode, escuta.

26 — Encomenda sem dinheiro, vai pelo ribeiro.

ou

Encomenda sem dinheiro, vai para trás do palheiro.

27 — Uma sardinha derreia um burro.

28 — Quem no inverno despe o gibão (*jaquetão*), veste-o no S. João.

29 — A verdade é manca.

30 — A mentira tem um pé podre

Por isso se diz também:

Mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo.

31 — A culpa morreu solteira.

32 — Quem morre de mêdo, de m.... se lhe faz o entêrro.

33 — Não há brincos (*brinquedos*) sem chorincos (chôros).

34 — Quem tem nojo, limpa o c. a um tôjo.

35 — O nojo está na vista.

36 — Pouco comer, pouco rezar e não pecar, levam a gente a bom lugar.

37 — Quem reza por contas, desconfia de Deus.

38 — Não há males onde Deus não acuda.

39 — Quem canta antes do almôço, chora antes de sol pôsto.

40 - Livra-te do cão que não ladra e do homem que não fala.

41 — Mulher de mercador que fia; escrivão que pregunta pelo dia;

oficial que vai à caça: não há mercê que Deus lhes faça.

42—Sapato roto ou são, melhor é no pé que na mão.

43—Juiz de aldeia, um ano manda, outro na cadeia.

44—Sempre promete em dúvida, pois ao dar ninguém ajuda.

45—A quem hás-de dar de cear, não te dôa dar-lhe de merendar.

46—Grande é o Marão e não dá palha nem grão.

47—Os juros correm de dia e de noite.

48—Só no badalo do sino não hà pulgas.

49—Os homens e os livros não se medem aos palmos.

50—Quem nunca viu o rei, julga que êle é de oiro.

51—Nariz de cão e c. de gente, nunca é quente.

Ou também:

Nariz de cão, c. de mulher e mão de barbeiro, nunca é quente.

52—Coisas finas em corpos grossos, é uma indigestão de caroços.

ou:

Comida fina em corpos grossos, faz mal aos ossos.

53—Em bôca de pobre, tudo sabe a comer.

54—Corpo de pobre, cabe em roupa de toda a gente.

55—Tudo passa, só Deus não muda.

56—Casa de esquina, é passagem.

57—Homem sem bigode é como moinho sem mó.

58—Nem no inferno dão caldo sem feijão.

59—Quem não gosta de vinho, não é amigo de Deus.

60—Língua parada não ganha vareja.

61—A barriga manda a perna.

62—Quem não tem boda, não roga gaiteiros.

63—Onde vai galo de fama, não têm os frangos que fazer.

64—Em casa de Gonçalo, pode mais a galinha que o galo.

65—Nada se faz bem depressa senão o fugir.

66—O sono e o mêdo não dormem no mesmo leito.

67—A verdade é calva, a mentira usa chinó.

68—Em qualquer parte há um pedaço de mau caminho.

69—Por um perdeu Martinho a burra.

70—Não dá sarna a gato nem p....que bem cheire. (Diz-se de quem é usurário.)

71—Um bom isco tenta e prende.

Na «Feira dos Anexins», de Francisco M. de Melo vem um adágio que me parece explicar aquele dizer:= «Homem, não se ganham trutas a barbas enxutas». (pág. 180)

72=Mais vale gente que dinheiro.

73—Cada um vale conforme o dinheiro que tem,

ou:

Vale êste homem o dinheiro que pesa.

74=O burro só é bom enquanto ouve o sino da freguesia.

75—Quem pouco reza, cedo acaba.

76—Ferradela de liscranço, não tem cura nem descanço.

77—As coisas mal julgadas, são as mais bem sucedidas.

78—Quem muito corre, depressa cai.

79—Quem não tem bens, não tem percas.

80—Quem não é farto de comer, não é farto de lamber.

81—Cara espinhosa, cara formosa.

82—O fumo vai para o seu lugar; quem for formoso, que se deixe estar.

Equivalente ao que diz:

O fumo vai para os formosos.

83—Quem dá esmolas, não em-

pobrece; quem não as dá, não enriquece.

84—Os pecados de nossos avós, fazem-nos êles, pagamo-los nós.

Há a variante:

As culpas dos nossos avós, têm-nas êles, pagamo-las nós.

85—O velho por não poder e o novo por não saber, deitam o mundo a perder.

86—Quem deixa caminhos para ir por atalhos, nunca lhe faltarão trabalhos.

87—Come-se a perdiz com o dedo no nariz.

88—Burro que geme, é carga que teme.

89—Ossos de suão, barba untada, barriga vão.

90—Quando mija um português, mijam logo dois ou três.

91—A mulher e a pescada, quere-se da mais alentada.

Dizem outros:

A mulher e a sardinha, quere-se da mais pequenina.

92—A figueira tem o diabo à beira.

93—Vós que arrotais, é porque fartinho estais.

94—Quem vive sem manha, morre no ar como a aranha.

95—No tempo da tomateira, não há má cozinheira.

96—Dia a dia, morreu minha tia.

97—Quem corpo não tem, não briga com ninguém.

98—Chapa batida, chapa lambida.

99—Sempre, sempre, não; mas sempre, sempre é bom.

100—Nem sempre sardinha, nem sempre galinha.

101—Da garganta para baixo, tanto sabe a sardinha como sabe a galinha.

102—Se queres ver o teu corpo, mata o teu porco.

103—No tempo dos cravos se conhecem os burros, e no tempo das flores se conhecem os asnos.

104—Ai do mundo, que vai tudo ao fundo.

105—Quem não pode, do seu mal morre.

106—Tudo requere da raça, até o perdigueiro para a caça.

107—Filho de burro não sai cavalo, nem filho de cabrito sai bode.

108—Segrêdo de três, o diabo o fêz; de quatro, é um espalhafato.

109—O diabo cobre com a manta e descobre com a campainha.

Ou:

O diabo cobre com uma manta e descobre com duas.

Ou ainda:

O diabo cobre com a cabeça e descobre com o rabo.

110—Para baixo todos os santos ajudam, para cima só os diabos empurram.

111—Quem não pede, não o ouve Deus.

112—O bom julgador, por si se julga.

113—Mais ç... um boi que cem mosquitos.

114—Quem se cose ou remenda, não vence demandas.

115—Não deis pérolas a porcos, nem aos cães deis o Sagrado.

116—Quem não tem casa sua, é vizinho de toda a gente.

117—Tal vida, tal morte.

118—Fazer mal é pecado; fazer bem é perdê-lo.

119—A quem lhe dói a barriga, aperta-a.

120—A quem lhe arde o rabo, deita-lhe água.

121—Comer é em casa dos outros, que na nossa é um roubo.

122—Pecado é mijar na igreja, que no adro quem quer *meija.*

123—Quem não tem que fazer, alaga a casa e torna-a a erguer.

124—Deus não quis tornar a ser menino, pela sêde que passou.

125—Se queres ver o toleirão,

mete-lhe a candeia na mão.

126—O que não se faz em dia de S.ta Luzia, faz-se ao outro dia.

127—Quem tem bôca, vai a Roma; quem a não tem, vai também.

128—Ninguém sabe para o que nasce.

129—Do mato para a erva todos vão depressa.

130—Livre-me Deus a mim,
de mulher que sabe latim
e de burra que faz *him*.

131—Fidalgos, galgos e pardais,
são três castas de animais;
criá-los, roubá-los e matá-los.

132—A'gua suja sempre lava,
pano sujo sempre limpa,
e mulher porca nunca é limpa.

133—Até aos quarenta bem eu

passo; depois dos quarenta, ai minha perna, ai meu braço.

134—Ao sentares-te dizes *ai*; ao alevantares-te dizes *upa*; já não és tu que te deitas debaixo da minha roupa.

135—Quem paga e mente, a bôlsa lho sente.

136—Segrêdo de dois, ou se sabe antes, ou depois.

137—Quem deita vinho no caldo, de velho se faz menino.

138—Obra meninal (de criança), o mestre doente e o oficial no hospital.

Costumam dizer os mestres alfaiates quando lhes aparece o serviço aborrecido de fazer obra para crianças.

139—Obra feita, dinheiro á espreita.

140—Um velho de barba feita, é um rapaz á espreita.

ERRATAS

Há um esclarecimento a dar e um pedido a fazer.

Por motivos vários, esta obra caminhou com lentidão e sai agora após um grande repouso nas oficinas tipográficas.

Para não se cair em mentira, preciso é dizer-se que a revisão foi feita o mais cuidadosamente possivel; mas sendo impossível seguir de perto os arranjos finais do cumprimento das emendas, vários *gatos* passaram e algumas falhas da nova regra ortográfica se topam.

E para que não siga agora e abaixo a música cromática do afinamento geral, de trabalho tão empanturrante e maçudo, ao leitor mais exigente e entendido se pede ponha os pontos nos i i e ao leitor mais caseiro e amigo a benevolência costumada.

INDICE